

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

EMMI MYOTIN

**PSICOLOGIA DO ESPORTE: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E
PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS (1980-2012)**

BELO HORIZONTE-MG

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMMI MYOTIN

**PSICOLOGIA DO ESPORTE: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E
PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS (1980-2012)**

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Subjetividade.

Orientador: Sérgio Dias Cirino

BELO HORIZONTE-MG

2018

150
M997p
2018

Myotin, Emmi

Psicologia do esporte: [manuscrito] : produção científica em Programas de Pós-Graduação em Educação Física e Psicologia de Minas Gerais (1980-2012) / Emmi Myotin. - 2018.

133 f. : il.

Orientador: Sérgio Dias Cirino.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Esportes – Aspectos psicológicos – Teses. 3. Psicologia – Pesquisa – Teses. 4. Educação física – Pesquisa – Teses. 5. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. I. Cirino, Sérgio Dias. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

PSICOLOGIA DO ESPORTE: PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS (1980-2012)

EMMI MYOTIN

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 21 de junho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sergio Dias Cirino - Orientador
UFMG

Prof(a). Livia de Oliveira Borges
UFMG

Prof(a). Paula Angela de Figueiredo e Paula
PUC-MG

Prof(a). Vânia de Fátima Noronha Alves
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (

Belo Horizonte, 21 de junho de 2018.

Para Anna,

Que me acompanhou em cada passo desta jornada.

Para Eva,

Da terra do sol nascente, presente na ausência.

Para Sidney,

Com quem venho descobrindo novas formas de ser e estar no mundo.

Para os psicólogos e psicólogas do esporte de Minas Gerais,

Por ainda acreditarem em nosso fazer profissional.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer as pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, colaboraram com a elaboração deste estudo:

- Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino, por sua orientação segura e criteriosa ao longo dos estudos e, sobretudo, seu apoio e amizade;
- Prof^a Dra. Paula Ângela de Figueiredo e Paula, Prof^a Dr^a Vânia de Fátima Noronha Alves, Prof^a Dr^a Livia de Oliveira Borges e Prof^a Dr^a Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento por gentilmente aceitarem participar da banca de defesa e contribuírem para a construção deste trabalho; Prof^a Dr^a Meily Assbú Linhales, pelas sugestões fundamentais por ocasião da qualificação;
- Meus colegas do mestrado, pela convivência fraterna, solidariedade e apoio constante ao longo desses dois anos do curso;
- Departamento de Psicologia da FAFICH/UFMG, onde tenho passado a maior parte do meu cotidiano dos últimos oito anos, devolvendo-me o prazer de viver, estudar e aprender;
- Biblioteca da FAFICH e da FALE, que me abrigaram diariamente na jornada solitária da pesquisa;
- Centro de Treinamento Esportivo – CTE/UFMG, onde pude compartilhar meus conhecimentos com colegas e estudantes-estagiários do Setor de Psicologia do Esporte e muito aprendi sobre a missão do psicólogo do esporte no mundo esportivo; a experiência foi valiosa na elaboração deste estudo;
- Família MYOTIN, que sempre me apoiou e esteve presente nesta caminhada para a nova profissão que decidi abraçar em fase tardia da vida.

A TODOS e TODAS, muito obrigada!!

“Antes de mudar o mundo, dê três voltas em redor de sua casa.”

(Provérbio chinês, Anônimo)

RESUMO

Myotin, E. (2018). Psicologia do Esporte: produção científica em Programas de Pós-Graduação em Educação Física e Psicologia de Minas Gerais (1980-2012). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica em Psicologia do Esporte, em Minas Gerais-MG, nos Programas de Pós-Graduação (PPG) *stricto sensu* em Psicologia (PSI) e Educação Física (EFI), recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que apresentavam teses e dissertações sobre temáticas relacionadas à Psicologia do Esporte (PE), entre 1980 e 2012. Esta análise teve como finalidade subsidiar debates nos campos da PSI e da EFI, especificamente da PE, sobre o que e como pesquisar, contribuindo para a tomada de decisão sobre políticas científicas na área e definir prioridades nos programas de pós-graduação em PSI e EFI. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa descritiva, bibliográfica e caracterizou-se também como uma pesquisa denominada metaciência. Os estudos foram analisados segundo as técnicas de análise de conteúdo de Bardin (1977) e os dados apresentados em termos de frequência das categorias analisadas: programas de pós-graduação e as instituições em que estavam alocadas; as dissertações, seus respectivos autores(as) e orientadores(as), temáticas e abordagens teóricas da PSI adotadas nas pesquisas, tipos de sujeito da pesquisa, áreas de formação e gênero dos autores e orientadores e ano de defesa. Os resultados indicaram que as instituições de MG produziram cinquenta e cinco dissertações sobre PE, no período entre 1980 e 2012. Seis instituições tinham PPGs em PSI, mas apenas o programa da Universidade Federal de Uberlândia apresentou dissertações com temáticas sobre PE (5% da produção total). Em relação à EFI, três instituições tinham PPGs - Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal de Viçosa - que apresentaram cinquenta e duas dissertações com temáticas sobre PE (95% da produção total). No que se refere aos autores, na categoria formação, 70% tinham formação em EFI; 9% formação em PSI; 9% formação em Fisioterapia (FIS); 8% formação dupla e 4% com formação não identificada; na categoria gênero, 67% eram do sexo masculino e 33% do sexo feminino. Resumindo, houve dominância de formação EFI e dominância masculina. Em relação aos orientadores, na categoria formação, 67% eram da área EFI e 33% da área PSI; na categoria gênero, 67% eram do sexo masculino e 33% do sexo feminino. Houve, portanto,

dominância da EFI e dominância masculina. Quanto aos tipos de sujeito nos estudos das dissertações, 71% eram atletas, 25% treinadores, 2% árbitros e 2% outros. As temáticas abordadas foram assim distribuídas: análise do estresse psíquico (25%); Liderança do treinador (9%); Qualidade de vida do atleta (7%); *Expert performance* do atleta (7%); *Expert performance* de treinador (7%); Carreira de atleta (5%); Motivação (5%); - Treinamento mental (5%) e outros. As abordagens da PSI mais utilizadas foram a cognitivo-comportamental (96%), psicanalítica (2%) e psicossocial (2%). Os resultados foram discutidos à luz dos desenvolvimentos históricos da PE nacional e internacional e da Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu (1983). A partir desses resultados, concluiu-se que ações devem ser dirigidas para promover o crescimento e desenvolvimento da PE, em Minas Gerais: (1) especialmente entre os PPGs *stricto sensu* da área de PSI estudarem, num projeto conjunto de vários programas, abrir uma linha de pesquisa em PE; (2) oferecimento da disciplina Psicologia do Esporte na grade dos cursos de PSI; (3) estudar a possibilidade de ofertar um curso de especialização de PE; e (4) analisar o universo feminino da Psicologia sob a ótica do gênero e sua relação com o esporte e atividades físicas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia do Esporte e produção científica; Psicologia do Esporte e Educação Física; Psicologia e Educação Física; Psicologia e esporte; Psicologia do Esporte e pós-graduação; Psicologia do Esporte em Minas Gerais; Bourdieu e Psicologia do Esporte.

ABSTRACT

Sport psychology: scientific production in post-graduate programs in Physical Education and Psychology in Minas Gerais (1980-2012). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Belo Horizonte. Brazil.

The aim of this study was to analyse the scientific production in Sports Psychology (SP), in Minas Gerais (MG), investigating post-graduate programs (PGP) in Psychology (PSY) and Physical Education (PE), recommended by the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel - CAPES, that presented theses and dissertations on themes related to SP, between 1980 and 2012. The purpose of this analysis was to support debates in the fields of PSY and PE, specifically the SP, about what and how to research, contributing to the decision-making on scientific policies in the area, setting priorities in the PGPs in PSY and PE. To achieve this goal, a descriptive, bibliographical research was carried out and it was characterized as a research called metascience. The researches were analysed according to the techniques of content analysis of Bardin (1977) and data presented in terms of frequency of the following categories analysed: PGPs and the institutions in which they were allocated; dissertations and theses, their respective authors and supervisors, thematic and theoretical approaches of PSY adopted in the researches, types of subject of the research, areas of educational background and gender of authors and supervisors and year of the submission. This survey indicated that MG's institutions produced fifty-five dissertations on SP in the period between 1980 and 2012. Six institutions had PGP in PSY, but only the Universidade Federal de Uberlândia program presented dissertations with themes on SP (5% of the total production). In relation to PE programs, three institutions had PGPs - Universidade Federal de Minas Gerais and Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal de Viçosa – had programs presenting fifty-two dissertations with themes on SP (95% of the total production). With regard to the authors, the data demonstrated that, in the education background category, 70% had PE training; 9% training in PSY; 9% Physiotherapy training; 8% with double educational formation and 4% with unidentified educational background; in the gender category, 67% were male and 33% female. In summary, there was dominance of PE educational background and male dominance. In relation to the supervisors, the results indicated that, in the education background category, 67% were from the PE area and

33% from the PSY area; in the gender category, 67% were male and 33% female. There was, therefore, PE and male dominance. The types of subjects in the studies, 71% were athletes, 25% were coaches, 2% were referees and 2% were others. The topics covered were distributed as follows: analysis of psychological stress (25%); Leadership of the coach (9%); Quality of life of the athlete (7%); Expert performance of the athlete (7%); Expert coach performance (7%); Athlete career (5%); Motivation (5%); Mental training (5%) and others. The most used approaches were cognitive-behavioural (96%), psychoanalytic (2%) and psychosocial (2%). The results were discussed in the light of historical developments of the national and international SP and Pierre Bourdieu's Field Theory (1983). It was concluded that actions should be directed to promote the growth and development of SP, in Minas Gerais: (1) to offer a line of research in SP, especially in PGPs in the area of PSY, in a joint project of various programs; (2) to include the discipline SP in Psychology degree courses; and (3) to study the possibility of creating a specialization course in SP; and (4) to analyse the profession of PSY as a woman profession and its relation to sport and physical activities.

KEYWORDS: Sport Psychology and scientific production; Sport Psychology and Physical Education; Psychology and Physical Education; Psychology and sport; Sport Psychology and post-graduate programs; Sport Psychology in Minas Gerais; Bourdieu and Sport Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Abordagens teóricas mais usadas na Psicologia do Esporte.....	33
Quadro 2.	Programas de Pós-Graduação em Psicologia, de Minas Gerais, recomendados pela CAPES e respectivas notas, pesquisados pelo presente estudo.....	68
Quadro 3	Programas de Pós-Graduação em Educação Física, de Minas Gerais, recomendados pela CAPES, e respectivas notas, pesquisados pelo presente estudo.....	68
Quadro 4	Número de dissertações das instituições de ensino superior de Minas Gerais, com programas de pós-graduação recomendados pela CAPES e seus respectivos orientadores e instituições.....	70
Quadro 5	Formação profissional dos autores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> , em Minas	71
Quadro 6	Resultados da análise da categoria gênero versus formação profissional dos autores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> , em Minas Gerais	72
Quadro 7	Relação das temáticas das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação educação física e psicologia, em minas gerais, entre 1980 e 2012.....	75
Quadro 8	Abordagens teóricas da psicologia adotadas nas dissertações por orientador.....	76
Quadro 9	Mestres da UFMG orientados por L. C. C. de Albuquerque Moraes...123	
Quadro 10	Mestres da UFMG orientados por D. M. Samulski.....	124
Quadro 11	Mestres da UFU orientados por S. Gomide Jr, C.V.L. Ferreira e M.F. Dela Coleta.....	125
Quadro 12	Mestres da UFV e UFJF, orientados por M.E.C. Ferreira, J.G.C. Salles, E.T. Pereira e R. Miranda	127

LISTA DE SIGLAS ABREVIATURAS

SIGLAS

RS - Rio Grande do Sul

MG – Minas Gerais

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UFMA - Universidade Federal do Maranhão-

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFS - Universidade Federal do Sergipe

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFMTS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rey

IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

USP - Universidade de São Paulo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEM - Universidade Estadual de Maringá

USJT - Universidade São Judas Tadeu

UNIRARARAS - Centro Universitário Hermírio Hermeto

FURB - Universidade Regional de Blumenau

UCB/DF - Universidade Católica de Brasília/Distrito Federal

PUC - Pontifícia Universidade Católica

FEAD – Faculdade de Estudos Administrativos

EEFFTO - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

LAPES - Laboratório de Psicologia do Esporte, da EEEFTO

CELAFISCS – Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física, S. Caetano do Sul

CFP - Conselho Federal de Psicologia

CRP - Conselho Regional de Psicologia

APAF - Assembleia Política Administrativa Financeira

APA – *American Psychological Association*

SciELO - *Scientific Electronic Library Online*

PePSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BVS-Psi Brasil - Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil

NUTESES – Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em EFI, Esportes e Ed. Especial

ISSP - *International Society of Sport Psychology*

DDR – *Deutsche Demokratische Republik* (República Democrática Alemã)

ASP – Sociedade Alemã de Psicologia do Esporte

DAAD - Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico

GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público

ISOP - Instituto de Seleção e Orientação Profissional

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte

SOBRAPE – Sociedade Brasileira de Psic. do Esp., da Atividade Física e da Recreação

ABRAPESP - Associação Brasileira de Psicologia do Esporte

ABEPEEx - Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e Exercício

ISSP – *International Society for Sport Psychology*

COI - Comitê Olímpico Internacional

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

ABREVIATURAS

PE – Psicologia do Esporte

PEA - Psicologia do Esporte Aplicada

SP – Sport Psychology

EFI - Educação Física

PSI - Psicologia

FIS - Fisioterapia

ODO - Odontologia

CE – Ciências do Esporte

SUMÁRIO

1. Primeiras palavras: a trajetória acadêmica até à Psicologia do Esporte.....	18
2. Introdução	23
3. Definição dos Objetivos	28
3.1. Objetivo Geral:.....	28
3.2. Objetivos Específicos:.....	28
4. Revisão de Literatura.....	29
4.1. A definição de Psicologia do Esporte adotada neste estudo	29
4.2. As temáticas a serem pesquisadas nos estudos	30
4.3. As abordagens teóricas das pesquisas	33
4.4. A Psicologia do Esporte nacional e internacional.....	35
4.4.1. A Psicologia do Esporte Estadunidense.....	36
4.4.2. A Psicologia do Esporte na Alemanha.....	37
4.4.3. A Psicologia do Esporte no Brasil: raízes na Medicina, no Exército e na Educação Física.....	41
4.4.4. A “ciência-mãe” Psicologia gestando a Psicologia do Esporte: sua relação com a EFI e o esporte.....	45
4.4.5. A produção científica da Psicologia do Esporte brasileira: influências da “ciência-mãe” Psicologia e o caminho para a autonomia	47
4.4.6. Produção científica da PE brasileira: pesquisa, pós-graduação <i>stricto sensu</i> , eventos científicos e organizações	50
4.5. Uma grade de análise dos dados: como se define um campo científico.....	54
5. Método.....	64
5.1. Procedimentos	65
6. Resultados.....	69
6.1. Programas de pós-graduação em Psicologia e Educação Física, recomendados pela CAPES	69
6.2. Dissertações sobre PE defendidas em Minas Gerais, entre 1980 e 2012, e características dos respectivos autores e orientadores e sujeitos das pesquisas.	71
6.3. Temáticas relacionadas com a PE das dissertações	76
6.4. As abordagens teóricas da Psicologia adotadas nas dissertações.....	78

7. Discussão dos Resultados	79
7.1. A produção científica em dissertações sobre Psicologia do Esporte em Minas Gerais, entre 1980 e 2012: autores e orientadores	79
7.2. Por que a produção científica não foi predominante na área da PSI, considerando que a PE é uma especialidade da área PSI, via disposição legal do CFP?.....	82
7.2.1. Análise da formação de autores e orientadores.....	82
7.2.2. Análise da formação profissional versus gênero na produção científica	86
7.3. Por que a produção científica foi predominante na área da EFI, mesmo sendo a PE é uma especialidade da área PSI, via disposição legal do CFP?.....	89
7.4. Os sujeitos da pesquisa nas dissertações.....	91
7.5. As temáticas predominantes nas dissertações	92
7.6. As abordagens teóricas da Psicologia predominantes nas dissertações.....	95
8. Conclusão	99
8.1. A Psicologia do Esporte daqui “pra” frente... ..	100
8.1.1. Controvérsias: Educação Física versus Psicologia	100
8.1.2. Há esperança de uma transformação da Psicologia do Esporte em Minas Gerais? O papel do <i>habitus</i> e o que a história pode nos ensinar	101
8.1.3. Defesa por uma Psicologia Social do Esporte	105
9. Limitações e Recomendações para Estudos Futuros	111
10. Referências Bibliográficas.....	113
APÊNDICES	124

“Antes de mudar o mundo, dê três voltas em redor de sua casa.”
(Provérbio chinês, Anônimo)

1. Primeiras palavras: minha trajetória acadêmica até à Psicologia do Esporte

Habitus é um dos conceitos mais importantes da teoria de Bourdieu e desta dissertação. O conceito de *habitus* abarca a noção do homem como ser social e seu comportamento como produto de múltiplas aquisições sociais, forjando uma personalidade individual e social constituída na e pela filiação a uma classe social (Bonnewitz, 2003). Refere-se ao processo pelo qual os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais, apreendem as normas, os valores e as crenças de uma sociedade ou de um grupo. O *habitus* possibilita a compreensão da lógica das práticas individuais e coletivas, como num jogo social, permitindo agir em diferentes campos. O *habitus* explicita os mecanismos de reprodução social por “interiorização da exterioridade” e pela “exteriorização da interioridade”. O *habitus* pode “...proporcionar uma pequena chance de conhecer qual jogo nós jogamos e minimizar as formas pelas quais nós somos manipulados pelas forças do campo do qual nós emergimos, assim como pelas forças sociais que operam de dentro de nós mesmos” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 198).

A partir desses conceitos de Bourdieu, gostaria de explicitar o meu *habitus* interiorizado ao longo de minha vida estudantil e profissional no campo da Educação Física e a paulatina emergência de minha relação com o campo da Psicologia. Eu me formei em Educação Física pela Universidade de São Paulo-USP, em 1974, em um Brasil em plena ditadura militar, passando ao largo dos movimentos político e estudantil que aconteciam no campus universitário em que eu estudava, onde, na clandestinidade, vários estudantes foram presos, outros “desapareceram”. Para mim, talvez pelos antecedentes familiares, a vida política deveria ficar à parte do mundo estudantil. De tais fatos só tive conhecimento nos anos recentes quando os documentos da época foram gradualmente liberados e divulgados nos jornais de grande circulação. Durante minha formação em Educação Física assimilei todo o pensamento positivista, militarista e higienista e a concepção de ser humano que esse campo sustentava. Esse pensamento impregnava meu modo de ser, de pensar e de agir, sustentando, como diria Bourdieu, meu *habitus*. Era o

que sustentava e subsidiava minhas práticas docentes no curso de formação de professores de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa - UFV e como treinadora esportiva de equipes de ginástica artística nas atividades de extensão universitária.

Em meados dos anos 1970, quando iniciei minha carreira docente no ensino superior, no Departamento de Educação Física da UFV, as questões psicológicas relacionadas ao esporte começaram a se fazer presentes e necessárias em minha trajetória acadêmica e profissional. Inicialmente, enquanto docente do Curso de Educação Física, pertencente ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e, em seguida, como técnica desportiva no treinamento e ensino de Ginástica Artística. Neste esporte, por ser ensinado prioritariamente para crianças e adolescentes e ter movimentos muito complexos e perigosos, os conhecimentos da Psicologia eram fundamentais, tanto nos aspectos da psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento, da cognição, como no controle das emoções, principalmente do medo.

No início dos anos 1980 realizei meu treinamento em nível de mestrado, como bolsista da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior, na Universidade Federal de Santa Maria- RS. Minha inclinação para a Psicologia já se mostrava nesta época quando culminou na escolha do tema de minha dissertação na área de crescimento e desenvolvimento humano cujo título foi “Avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor de pré-escolares e escolares de Santa Maria- RS, na faixa etária de 5 a 7 anos”. Ao terminar minha dissertação de mestrado (Myotin, 1983), os resultados indicaram que, possivelmente, fatores psicossociais e culturais, tinham forte influência no desenvolvimento da criança, favorecendo mais o desenvolvimento neuropsicomotor dos meninos do que das meninas. Tais fatores recebiam pouca atenção dos pesquisadores da área da Educação Física que os subestimavam e negligenciavam em seus estudos.

Os resultados obtidos em minha pesquisa do mestrado me motivaram a me dedicar à pesquisa daqueles fatores do desenvolvimento humano, culminando, nos anos 1990, na minha decisão em realizar meu treinamento em nível de Doutorado nesta área. Também como bolsista da CAPES, elaborei e defendi a tese intitulada “Sports socialisation of 11 to 20 year old Brazilian girls in the 1990’s – a social psychological study” (Socialização para o esporte de garotas brasileiras de 11 a 20 anos nos anos 1990: um estudo psicossocial), no Departamento de Ciências Sociais, na Universidade de Loughborough, Inglaterra. Nesse estudo (Myotin, 1996) em que analisei 1.497 meninas adolescentes, os resultados demonstraram novamente a influência dos fatores psicossociais e culturais nos

padrões de participação em esportes e atividades físicas das meninas que as afastavam dessa prática.

A partir de então quase toda a minha produção científica e projetos de extensão foram voltados para aspectos psicossociais e culturais relacionados aos esportes e atividades físicas, principalmente nos estudos com crianças desde a educação infantil até início da adolescência. Nesses estudos, realizei estudos interdisciplinares com pesquisadores do centro de ciências humanas e sociais, ainda que lotada num centro de ciências biológicas e da saúde. Os conhecimentos adquiridos nas pesquisas realizadas no doutorado também me possibilitaram influenciar na construção do currículo do Curso de Graduação em Educação Física da UFV no sentido de introduzir a disciplina Crescimento e Desenvolvimento Humano, numa visão holística – não somente nos aspectos motor, físico e fisiológico, mas também psicológico e emocional e a interrelação entre esses aspectos -, e também as disciplinas Psicologia do Esporte e Sociologia do Esporte, nas quais atuei como coordenadora e docente por quase vinte anos. Todo esse conhecimento adquirido ao longo desses anos foi transformando minha prática docente e minha identidade docente e profissional, se distanciando gradativamente daquela formação positivista, militarista e higienista adquirida na Universidade de São Paulo (assim como meu *habitus*).

Nos anos 2000, comecei a acompanhar o desenvolvimento da Psicologia do Esporte, enquanto profissão, no Brasil, e me entusiasmei com o fato de o Conselho Federal de Psicologia ter reconhecido a Psicologia do Esporte como especialidade (CFP, 2000). Por outro lado, também fiquei desapontada porque não poderia mais atuar na área por não ter o diploma de psicóloga, ainda que tivesse um doutorado em Psicologia Social, validado pelo Instituto de Psicologia da USP, setor de Psicologia Social. Diante dessa situação, comecei a estudar a possibilidade de fazer um curso de graduação em Psicologia, muito motivada a iniciar a carreira de psicóloga do esporte. Em 2008, decidi prestar o vestibular e fui aprovada para ingressar, em 2009, no curso de graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Assim, em 2009, optei pela aposentadoria no trabalho (da UFV), mas não dos estudos e da pesquisa, para iniciar meu curso de Psicologia. Qual foi minha decepção!! Durante o curso, descobri que na grade curricular nenhuma disciplina contemplava o tema esporte, atividades físicas ou lazer como fatores do desenvolvimento humano que influenciam a saúde mental, principalmente para crianças, adolescentes e idosos, conforme recomendação da

Organização Mundial da Saúde (WHO, 2010). Assim, praticamente não se falava dos aspectos psicomotores, sociais e culturais do *homo sportivus* ou mesmo do lazer adolescente ou jovem. Então, por opção e iniciativa pessoal, sempre que a natureza da disciplina permitisse, eu direcionava o tema dos trabalhos finais para aqueles relacionados ao corpo e/ou esporte. Hoje, olhando para trás, posso interpretar toda essa experiência, durante os quase seis anos de curso, como uma adaptação constante ao novo *habitus* que o campo da Psicologia se apresentava a mim.

Em 2014, concluí meu curso de graduação em Psicologia (PSI) e, em 2016, ingressei no programa de mestrado do Departamento de Psicologia da UFMG, para pesquisar sobre a produção científica em Psicologia do Esporte dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em Minas Gerais, no intuito de investigar a (in)visibilidade do esporte e exercício físico no campo da PSI. Como me ensinou o provérbio chinês que citei no início deste trabalho, resolvi “dar voltas” na casa PSI. Realizar essa pesquisa não foi um processo fácil pelas dificuldades enfrentadas para justificar os resultados encontrados. Para este desafio, escolhi como caminho estabelecer conexões entre campos distintos como História da Psicologia, da Educação Física e da Psicologia do Esporte, e lançar mão dos conhecimentos da Sociologia da Ciência. Esta obra que ora apresento é fruto desse desafio que me propus na esperança de contribuir para a produção científica da Psicologia do Esporte de Minas Gerais. O que escrevi foi produzido a partir do que vivi, do que vi, do que li e senti, daquilo que fez sentido para mim. Certamente ficaram revelados, involuntariamente, na minha escrita aquilo que não fui capaz de perceber, ou percebi e ignorei, as brechas que não vi. Apresento aquilo que no percurso que venho trilhando fui capaz de garimpar e trazer à tona para esta produção acadêmica. Escrevendo, fui incorporando minhas experiências e os conhecimentos e práticas vivenciadas ao longo deste percurso de formação me fazendo uma pessoa diferente, melhor. Dessa vivência emergiu uma nova filiação teórica em Bourdieu na busca de encontrar algumas respostas aos meus questionamentos a fim de esclarecer como me aproximei dos saberes que escolhi, como e porque escolhi as técnicas que utilizei e os lugares que ocupei e deixei do ocupar. A dissertação delineou-se como uma pesquisa teórica, que se utilizou inevitavelmente de minha experiência pessoal, meu *habitus* como referência, às vezes em conflito porque mergulhando no campo na qual eu mesma estava imersa, envolvida no contexto no qual pesquisei: o campo da Psicologia do Esporte. Por isso, minha maior preocupação foi justamente me esquivar ou distanciar desse *habitus* para evitar que ele

contaminasse demais a tarefa de pesquisadora. Ao terminar meu trabalho, concordei plenamente com o posicionamento de Bourdieu (2003a) que adverte sobre as dificuldades do pesquisador que tem inscrição social no mesmo campo que pesquisa. Nesse sentido, para não deixar que meu discurso científico fosse contaminado, involuntariamente, por proposições ligadas à minha posição social e meu *habitus*, eu exercitei estar o quanto possível em constante vigilância epistemológica para escapar à essa tendência inconsciente para julgar um fato com meus valores, regras e comportamentos do campo a que estou filiada. Esta vigilância, talvez, tenha sido o maior desafio desta dissertação, que ainda continuo enfrentando, porque o inconsciente é um desafio constante. Espero, com este trabalho, contribuir para o crescimento e desenvolvimento da Psicologia do Esporte em Minas Gerais, ao incorporar o esporte e o exercício físico no debate acadêmico, influenciando novo *habitus* (Bourdieu, 2007a) entre psicólogos e estudantes de Psicologia!!

2. Introdução

O objetivo deste estudo foi mapear as tendências da produção científica em Psicologia do Esporte, em Minas Gerais, nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física, entre 1980 e 2012. Para atingir tal objetivo, foi realizado um levantamento das teses e dissertações relacionadas ao esporte nas instituições de Minas Gerais no período proposto que foram organizados de acordo com as temáticas estudadas e abordagens teóricas da Psicologia adotadas nas pesquisas. A busca desta caracterização da produção científica foi no sentido de subsidiar debates nos campos da Psicologia e da Educação Física, especificamente da Psicologia do Esporte, visando contribuir para a tomada de decisão sobre o que pesquisar, definindo prioridades, e abrir uma discussão sobre as políticas científicas da área nos programas de pós-graduação em Psicologia e Educação Física.

O presente estudo se situa na área da Psicologia do Esporte (PE)¹, como uma disciplina científica, considerada, no Brasil, uma especialidade profissional da Psicologia desde 2000². A Psicologia do Esporte também é considerada uma subárea das Ciências do Esporte junto com a medicina, biomecânica, história, sociologia, pedagogia e filosofia, oriunda da área da Educação Física (EFI)³. Este estudo se situa também na área da Psicologia Social que, nas palavras de Lane (2006), “...a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive” (p.10).

No Brasil, a PE ganhou o reconhecimento como especialidade profissional em 20 de dezembro de 2000, através da Resolução CFP nº 014/00, do Conselho Federal de Psicologia- CFP⁴, após discussão em nível nacional, envolvendo todos os Conselhos Regionais e a APAF (Assembleia Política Administrativa Financeira). Esta Resolução (CFP, 2000) instituiu, entre outros, o título profissional de especialista em Psicologia do

¹ A partir deste momento, utilizaremos, quando conveniente, a sigla PE para nos referirmos à Psicologia do Esporte.

² Ver Resolução CFP nº 014/00, do Conselho Federal de Psicologia, instituindo o título profissional de especialista.

³ Esta sigla EFI será utilizada, quando conveniente, a partir deste momento, para nos referirmos à Educação Física enquanto campo científico.

⁴ A partir deste momento, utilizaremos, quando conveniente, a sigla CFP para nos referirmos ao Conselho Federal de Psicologia.

Esporte e seu respectivo registro nos Conselhos Regionais. Em 22 de março de 2001, a Resolução CFP N° 02/01 alterou e regulamentou a Resolução CFP n° 014/00, definindo a especialidade a ser concedida para a atuação do psicólogo do esporte no contexto do esporte de alto rendimento e do exercício físico.

Mas, somente em 14 de setembro de 2007, o Conselho Federal de Psicologia aprovou a Resolução CFP N.º 013/2007, estabelecendo as normas e procedimentos para o registro do Título Profissional de Especialista (CFP, 2007), definindo os requisitos necessários para a obtenção do título de especialista, seja por concurso de provas e títulos ou por realização de um curso de especialização credenciado pelo MEC/CFP. Entretanto, apesar de o CFP ter instituído o título e reconhecido o profissional especialista em Psicologia do Esporte, mais de dezessete anos após sua definição como uma especialidade da Psicologia no Brasil, a aceitação da Psicologia do Esporte parece estar longe de acontecer, tanto pelo mundo esportivo como pela própria área da Psicologia.

Isto pode ser constatado no Censo da Psicologia do Esporte realizado pelo CFP⁵, em 2016, com o objetivo conhecer quem são, onde estão, qual a formação e as necessidades das (os) profissionais que atuam na área. Participaram do Censo 306 respondentes (sic), num universo de 257 mil psicólogos e psicólogas registrados no Brasil, conforme dados da página do CFP atualizados em março de 2015. Esse dado me fez questionar se há na realidade tão poucos psicólogos do esporte no Brasil ou se houve problemas técnicos no planejamento, implementação e divulgação do Censo que resultou em baixa adesão. Considerando também que, dos 306 respondentes, 40,53% eram estudantes, o número de psicólogos do esporte, no Brasil, seria menor ainda. Esse índice, que se apresenta como um sintoma a ser investigado, pois faz transparecer que pouquíssimos estudantes e profissionais de Psicologia se interessam por Psicologia do Esporte.

Esses dados suscitaram em mim uma séria preocupação com o desenvolvimento não só da área da Psicologia do Esporte, mas também da Psicologia, no Brasil, que não tem sido capaz de responder à demanda da sociedade de presença atuante do psicólogo do esporte nos grandes eventos esportivos de grande porte – Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, Campeonatos Nacionais de todas as modalidades esportivas olímpicas, etc., que tem acontecido no Brasil nos últimos anos. Na ausência de

⁵ Jornal do Federal, Conselho Federal de Psicologia, Ano XXVII, nº 114, dezembro 2016, p. 17.

psicólogos do esporte, outros profissionais, como o educador físico, fisioterapeuta e, recentemente, a figura do *coach* (que pode ter qualquer formação), têm atuado na área, conforme tem sido divulgado na imprensa nacional.

Por outro lado, no que se refere à área da Educação Física, observou-se que a quase totalidade dos cursos de graduação, no Brasil, oferecia a disciplina PE como disciplina obrigatória (Rubio, 2000a) face às exigências da legislação vigente das diretrizes curriculares dos cursos de graduação em EF. Uma consequência da não existência da disciplina PE nos cursos de graduação em Psicologia tem sido obrigar os estudantes de Psicologia, que se interessam pelo assunto, a buscar a PE como eletiva nos cursos de Educação Física, empreitada nem sempre bem-sucedida por falta de vagas nos cursos. Esta situação tem trazido consequências que podem ser nefastas à área, em meu ponto de vista, pois geralmente é um profissional de Educação Física, em sua maioria sem formação em Psicologia, que ministra a disciplina predominantemente sob um viés do paradigma positivista das Ciências do Esporte (CE)⁶, em que se privilegia o tecnicismo, em detrimento das relações humanas e processos psíquicos que a formação em Psicologia pode garantir. Os conflitos de um atleta ou de uma equipe esportiva, podem ser claramente detectados, mas saber promover um processo elaborativo requer aprofundamento psicológico, que a formação em Psicologia deve fornecer (Epiphanyo, 1999).

O panorama descrito acima apresentou-se como forte justificativa para o presente estudo, na medida em que os dados que aqui emergiram, esperamos, poderão contribuir para estudos prospectivos para uma possível oferta da disciplina PE para os cursos de graduação em Psicologia, principalmente sobre temáticas a serem estudadas, relacionadas às competências a serem desenvolvidas em futuros psicólogos. Desta forma, os estudantes dos cursos de graduação em Psicologia poderão ter um contato inicial com esta área de atuação, alimentando uma demanda para futuros cursos de especialização em PE, além de se abrir o leque de atuação do(a) psicólogo(a) no mercado profissional. Ainda em 1999, Epiphanyo denunciou e nos advertiu sobre a situação da PE no Brasil, em seu artigo “Psicologia do Esporte: apropriando a desapropriação” sobre a importância de

as universidades que possuem o curso de Psicologia percebam a Psicologia do Esporte como mais uma grande área de atuação para o psicólogo fornecendo, assim,

⁶ A partir deste momento, utilizaremos, quando conveniente, a sigla CE para nos referirmos às Ciências do Esporte.

um investimento na formação dos futuros profissionais. O mercado de trabalho para os psicólogos, como para muitas profissões, encontra-se saturado. Encontramos inúmeros psicólogos obrigados a desenvolverem outras atividades, por não conseguirem o ingresso no mercado de trabalho, por ausência de empregos, refletindo na saturação do mercado. Por outro lado, temos uma área como a Psicologia do Esporte, abandonada pelos meios de formação acadêmica, sendo invadida por outros profissionais. Afinal, alguém tem que trabalhar a psicologia do meio esportivo, pois a demanda existe. (Epiphanyo, 1999, p. 73).

Em 2018, a situação parece ter melhorado em termos de oferta de emprego para o psicólogo do esporte, mas a questão da formação permanece pouco modificada, premente de uma solução. Até onde sei, nenhuma instituição pública de Minas Gerais disponibiliza a disciplina Psicologia do Esporte em sua grade curricular. Entretanto, entre as instituições particulares, encontrei pelo menos quatro que oferecem a PE, seja como disciplina ou estágio curricular.

Vale a pena mencionar também que, em Minas Gerais, até o momento, nenhuma instituição de ensino ofertou um curso de especialização em PE, seja nos departamentos de Psicologia ou de Educação Física, reconhecido pelo CFP (CFP, 2016) ou pelo Ministério da Educação-MEC. Um curso de especialização poderia dar continuidade à formação inicial da graduação, mas seria uma oportunidade importante aos psicólogos já formados, principalmente aos que nunca tiveram acesso à qualquer informação sobre PE em sua graduação e tenham interesse atualmente em ingressar na área.

A realização deste estudo poderá também se tornar uma contribuição importante para o desenvolvimento da prática esportiva, na medida em que preenche uma lacuna na literatura disponível sobre os aspectos psicológicos a serem trabalhados no treinamento esportivo. A área da PE, no Brasil, por estar ainda em desenvolvimento, possui uma bibliografia esparsa sobre várias temáticas e profissionais psicólogos desejosos de abraçar a área sentem-se inseguros por falta de referências para fundamentarem suas práticas. Nesse sentido, este estudo pode contribuir para suprir parte desta lacuna, condensando num só estudo toda a produção científica da área da PE de Minas Gerais, oriunda dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, apontando tanto os pontos fortes como as carências e as instituições em que foram realizadas. Acresça-se a este fato que dados disseminados a partir de dissertações e teses são cientificamente comprovados, submetido a bancas examinadoras composta de cientistas experientes na área.

Constatada essas problemáticas, abrimos os questionamentos abaixo:

1. Qual é o panorama da produção científica em Psicologia do Esporte, em Minas Gerais, nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física, entre 1980 e 2012?
2. Quais são os programas de Pós-Graduação que contribuem com produção científica sobre PE em dissertações e teses? Quem são os autores e orientadores? Qual o gênero e área de formação dos autores e orientadores?
3. Quais as temáticas predominantes nas pesquisas realizadas nos programas de Mestrado e Doutorado em Psicologia e Educação Física, em Minas Gerais?
4. Quais as abordagens teóricas da Psicologia predominantes adotadas nos estudos realizados nesses programas? Quem é o sujeito da pesquisa?

A partir das respostas obtidas nas questões acima propostas, estruturamos nosso texto definindo os objetivos do estudo como se segue.

3. Definição dos Objetivos

3.1. Objetivo Geral:

Analisar a produção científica em Psicologia do Esporte, em Minas Gerais, , entre 1980 e 2012, visando provocar debates sobre políticas científicas na área, subsidiando tomadas de decisão sobre o que e como pesquisar, definindo prioridades.

3.2. Objetivos Específicos:

1. Identificar os programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física, recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que apresentam teses e dissertações sobre temáticas relacionadas à Psicologia do Esporte.
2. Identificar e analisar as dissertações e teses sobre PE defendidas, no período proposto, o gênero dos autores e orientadores e suas respectivas áreas de formação.
3. Identificar, descrever e analisar as temáticas presentes nas teses e dissertações.
4. Identificar, descrever e analisar as abordagens teóricas da Psicologia adotadas nos estudos e os sujeitos das pesquisas.

No tópico a seguir será apresentado o referencial teórico que norteou as análises das respostas obtidas nas questões acima formuladas.

4. Revisão de Literatura

4.1. A definição de Psicologia do Esporte adotada neste estudo

A Resolução CFP N° 02/01 define a especialidade PE nos seguintes termos:

A atuação do psicólogo do esporte está voltada tanto para o esporte de alto rendimento, ajudando atletas, técnicos e comissões técnicas a fazerem uso de princípios psicológicos para alcançar um nível ótimo de saúde mental, maximizar rendimento e otimizar a performance, quanto para a identificação de princípios e padrões de comportamentos de adultos e crianças participantes de atividades físicas. Estuda, identifica e compreende teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao contexto do esporte e do exercício físico, tanto em nível individual – o atleta ou indivíduo praticante – como grupal – equipes esportivas ou de praticantes de atividade física. (CFP, 2001, p. 11).

A definição de PE, como podemos verificar acima, é bastante ampla, englobando tanto o esporte como o exercício físico. Em alguns países, têm ocorrido um debate sobre a definição apropriada de PE (APA, 2016) e a consequência tem sido ampliar a denominação da especialidade para Psicologia do Esporte e do Exercício, provocando mudança inclusive no nome das revistas e eventos científicos internacionais, com o acréscimo da palavra Exercício. O debate tem direcionado também para a questão do foco principal de cada vertente: saúde para a Psicologia do Exercício e performance para a Psicologia do Esporte, chegando inclusive a ser denominado Psicologia da Performance Esportiva (APA, n.d.).

Outra argumentação neste debate é que as definições são tão amplas que abrangem duas vertentes: (1) a PE cujo profissional atua diretamente com o atleta, técnico, etc. (necessariamente profissional com formação em Psicologia) e (2) a PE cujo profissional ensina e pesquisa PE (nem sempre com formação em Psicologia). Desta forma, temos uma vertente (1) que seria uma Psicologia do Esporte Aplicada, portanto relacionada à profissão de psicólogo que atua no meio esportivo e a outra (2) Psicologia do Esporte, como disciplina científica, de interesse de acadêmicos que realizam pesquisas na área, geralmente nas universidades. Em outros termos, Psicologia do Esporte como profissão e como uma ciência.

No presente estudo, optei pela vertente (1), isto é, pela Psicologia do Esporte Aplicada, direcionada para o esporte competitivo, que visa performance, em detrimento

do exercício. Esta opção se deu considerando as demandas do mercado de trabalho na área, na atualidade, que têm sido para esta direção e uma preocupação crescente em termos de a produção científica na área idealmente atender às demandas sociais.

4.2.As temáticas a serem pesquisadas nos estudos

O estudo das temáticas foi aqui proposto para auxiliar no desenvolvimento da PE enquanto profissão, buscando atender os desafios principais da PE que é formação profissional e alcançar maior *status* profissional. Muitas questões poderiam ser colocadas: Quais temáticas têm sido mais pesquisadas? O que tem sido pesquisado é importante para a atuação profissional do psicólogo do esporte, no sentido de ajudar o profissional a ser mais competente? Quais temáticas não foram contempladas nas pesquisas? Quais temáticas precisam ser abordadas considerando as demandas do mercado?

Esta preocupação com a relação pesquisa-conhecimento e prática não é somente brasileira. Em recente artigo publicado na revista *The Sport Psychologist*, Winter e Collins (2016) sugerem cinco critérios de profissionalismo, sendo dois deles inter-relacionados e de interesse para este estudo: (1) oferecer um importante serviço público; (2) ter uma boa base de conhecimento científico subjacente que sustente a sua prática, geralmente aderindo a determinado modelo ou abordagem teórica.

No debate para o critério (1), os autores argumentam que para oferecer um serviço numa profissão que se caracteriza basicamente pela ajuda, isto é, uma profissão que visa o desenvolvimento da pessoa ou lida com seus problemas físicos, psicológicos, cognitivos, emocional ou bem-estar espiritual, é necessário considerarmos a perspectiva do cliente/paciente e os procedimentos adotados nos serviços deverão ser comprovadamente eficazes e resultar em efeitos positivos. Este questionamento desemboca no critério (2), ou seja, ter uma boa base de conhecimento científico subjacente que sustente a sua prática. Winter e Collins (2016) defendem que os profissionais devem assegurar que sua prática tenha uma fundamentação teórica em descobertas e teorias científicas sólidas, seja uma prática baseada em evidências e consistente com as demandas da profissão e do cliente/paciente.

A partir do exposto, reportando para a realidade da PE brasileira, minha preocupação foi saber quais temáticas têm sido priorizadas nas pesquisas dos cursos de

pós-graduação em Psicologia e Educação Física. São temáticas que ajudam a fundamentar a prática do psicólogo do esporte?

No levantamento realizado na literatura brasileira, não foi encontrado nenhum trabalho investigando a produção científica em cursos de pós-graduação, seja em Educação Física ou Psicologia. Entretanto, alguns trabalhos analisando a produção científica em eventos científicos e revistas científicas deram uma ideia do estado atual.

Vieira, Vissoci, Oliveira & J.L.L. Vieira (2010) fizeram uma análise sobre o percurso histórico da PE apresentando-a como uma área emergente da Psicologia, em processo de consolidação enquanto campo de atuação profissional, educacional ou de investigação científica. Além de descrever o percurso histórico da PE, os autores definiram o estado científico da especialidade realizando uma análise documental dos congressos brasileiros de 2004 (Curitiba) e 2006 São Paulo). Em 2004, os temas mais abordados foram: intervenção psicológica (20%); motivação e autoestima (12,94%); coesão de grupo e liderança (10,59%); ativação, estresse e ansiedade (9,41%); personalidade (5,88%); controle emocional (5,88%). As temáticas: estado de humor, atividade física e saúde, autoconfiança, concentração e memória, comportamentos aditivos e patológicos e qualidade de vida tiveram percentual, cada um, abaixo de 2,35%. Em 2006, as temáticas apresentadas foram: ativação estresse e ansiedade (12,50%); motivação e autoestima (7,50%); intervenção psicológica (6,25%); coesão de grupo e liderança (6,25%); controle emocional (5%); estado de humor (5%); autoconfiança, concentração e memória (5%); comportamentos aditivos e patológicos (5%). As temáticas qualidade de vida, atividade física e saúde e agressividade tiveram, cada um, percentual abaixo de 3,75%.

Também a partir de dados de eventos científicos, Gomes, Coimbra, Bara Filho, & Miranda (2007) analisaram 440 resumos publicados nos anais no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CELAFISCS) de 2002 a 2006 e na Revista Brasileira de Educação Física de 2006. Os temas mais abordados foram: ansiedade/estresse/burnout (20,96%); motivação (20,27%); autoeficácia/confiança/imagem (16,40%); humor, efeitos psicológicos/afeto/emoções (12,98%) e capacidade visual e mental/rendimento motor/atenção/cognição (6,61%). Em relação ao tipo de estudo, observação e descrição (95,23%), intervenção (2,27%), desenvolvimento de instrumentos (1,82%) e discussão de tema (0,68%).

Em outro estudo, Vieira, Nascimento & J.L.L. Vieira (2013) investigou o estado da arte da publicação de artigos em PE, no Brasil, na base de dados SciElo e Scopus entre os anos 2002 e 2012. Os autores encontraram 377 artigos produzidos por discentes e docentes de programas de pós-graduação em Educação Física e Psicologia, com aumento expressivo nas publicações entre 2009-2012. Foram pesquisados em sete periódicos da EF e onze da Psicologia. 86,97% dos artigos foram publicados em periódicos da EF e 13,03% da Psicologia. As temáticas tratadas nos artigos foram: motivação (n=49); aspectos emocionais (n=41); imagem corporal (n=28); liderança (n=26); carreira esportiva (n=22); estresse (n=19); intervenção (n=18); qualidade de vida (n=12); percepção subjetiva de esforço (n=12) e estado de humor (n=10). As temáticas percepção de competência, burnout, suporte parental, bem-estar e exercício físico, identidade e esporte, estabelecimento de metas, distúrbios alimentares, satisfação de vida e atlética, ansiedade, seleção de talentos e coesão de grupo tiveram, cada um, menos do que dez artigos publicados.

Em estudo específico na área da Psicologia, Andrade, Brandt, Dominski, Vilarinho, Coimbra, & Moreira (2015) analisaram periódicos da Psicologia, pela base eletrônica da SciELO (14 revistas), área das Ciências Humanas, e PePSIC (8 revistas), usando os descritores psicologia do esporte, esporte, atleta. Foram selecionadas 15 revistas onde foram encontrados 39 artigos que abordavam a PE. Os temas investigados foram: liderança (4), ansiedade, influência parental (3), satisfação, vínculo afetivo, personalidade, estado de humor, motivação, agressão (1), estresse, burnout (1), intervenção comportamental para treinadores, conflitos de atletas, ética, história da PE.

Esta revisão permitiu concluir que os temas mais investigados foram: motivação, ativação, estresse, ansiedade, coesão de equipe e liderança, controle emocional e emoção, concentração, confiança e memória. Esta seleção de temáticas foi puramente numérica, pois o fato de estarem misturados dados de congressos e revistas científicas comparações posteriores com os resultados do presente estudo não podem ser feitas, uma vez que critérios de aceite de trabalho para publicação em revistas científicas e apresentação em eventos são diferentes daqueles adotados para temas de teses e dissertações. Os dados levantados permitiram também concluir que a maioria da produção é oriunda de revistas científicas da EFI.

Para o presente estudo, esta revisão sobre temas mais pesquisados em PE foi importante na medida em que possibilitou o levantamento de temas possíveis a serem

pesquisados em teses e dissertações que foram utilizados na análise dos dados, como veremos adiante. Os temas foram os seguintes: motivação, autoestima, liderança ativação, estresse, ansiedade, estado de humor, autoconfiança, concentração, autoeficácia, atenção, competência, afeto, emoção, burnout, imagem corporal, agressividade, personalidade, percepção subjetiva de esforço, controle emocional, instrumentos psicológicos, carreira esportiva, capacidade ou rendimento mental, efeitos psicológicos, comportamentos aditivos e patológicos, qualidade de vida, influência parental, identidade e esporte, distúrbios alimentares, coesão de grupo, intervenção psicológica, estabelecimento de metas, satisfação de vida e atlética, talento no esporte, intervenção comportamental para treinadores, conflitos de atletas, ética e história da PE.

4.3.As abordagens teóricas das pesquisas

A revisão de literatura neste tópico teve o objetivo de responder nossa quarta pergunta de pesquisa: Quais as abordagens teóricas da Psicologia predominantes adotadas nos estudos realizados nesses programas?

Esta pergunta de pesquisa foi colocada com o intuito de conhecer, via abordagem teórica adotada nos estudos, qual a concepção de ser humano utilizada pelos pesquisadores e a posição do sujeito que ali se revela. Segundo Bock, Furtado, & Teixeira (2001), a Psicologia estuda os “diversos homens”, resultando em diferentes escolas/abordagens psicológicas, que têm subjacentes uma concepção específica de ser humano, um objeto de estudo específico. Por isso, há uma diversidade de objetos de estudo (comportamento, inconsciente, consciência, subjetividade, etc.) e escolas psicológicas (Behaviorismo, Gestalt, Psicanálise, Sócio-histórica, etc.).

As abordagens teóricas são também informações importantes para saber como o psicólogo fundamenta suas atividades e os espaços de atuação profissional. A literatura da Psicologia proporciona inúmeras abordagens teóricas, cada uma com diferente concepção de ser humano (Bock, Furtado, & Teixeira, 2001; Rubio, 2004). No presente estudo, a revisão de literatura sobre as abordagens teóricas não tem o intuito de investigar com profundidade as correntes teóricas da Psicologia, a fim de discutir o mérito de cada uma delas para a PE. Aqui, apenas indicaremos e explicitaremos as abordagens mais utilizadas na PE. Estas abordagens serão usadas como referência para identificação das abordagens utilizadas nas pesquisas encontradas no levantamento da produção científica em Minas Gerais.

No Brasil, um levantamento realizado por um grupo de pesquisadores sobre a profissão do psicólogo, em nível nacional, indicou as abordagens psicanalítica, cognitivo-comportamental, humanista-existencial e sócio histórica, nesta ordem (Gondim, Bastos e Peixoto, 2010). Os autores sintetizam os modos de abordagens da seguinte forma:

1. Psicanalítica: a subjetividade é analisada no aspecto psicodinâmico, centralizando seus estudos no inconsciente;
2. Cognitivo-comportamental: a subjetividade é estudada pelos processos básicos comuns a todo cérebro humano;
3. Humanista-existencial: a subjetividade é analisada pela motivação para a autorrealização humana, enfatizando a dimensão consciente da psique;
4. Sócio histórica: a subjetividade é estudada enfatizando a dimensão social do ser humano; a construção da subjetividade é situada no tempo e espaço, influenciado pelo contexto histórico, social e cultural.

No que se refere à PE, no Brasil, e tendência principal é a comportamental (Cillo, 2000), mas pode-se encontrar também uma abordagem junguiana e sua aplicação no esporte (Matarazzo, 2000), uma combinação da Psicanálise e Psicologia do Esporte (Ângelo, 2000) e o esporte e psicodrama (Franco, 2000). Espírito Santo (2017) apresenta a PE na abordagem da *gestalt*-terapia, raramente utilizada neste campo, mas já consolidada na Psicologia há décadas.

Para o cenário internacional, Weinberg & Gould (2001) aponta três orientações mais prevalentes: (1) Orientação psicofisiológica: examina os processos fisiológicos cerebrais e sua influência sobre a atividade física; (2) Orientação sociopsicológica: examina de que forma o ambiente social de um indivíduo influencia seu comportamento e de que forma o comportamento influencia o ambiente sociopsicológico; e (3) Orientação cognitivo-comportamental: analisa processos cognitivos ou pensamentos e comportamentos do atleta, na crença de que o pensamento é central na determinação do comportamento.

Em outro estudo em PE, as abordagens mais comuns foram a comportamental, cognitiva, psicodinâmica, humanista, fisiológica e social, com pressupostos subjacentes, conforme Quadro 1 (Jarvis, 2006). Alguns psicólogos do esporte seguem apenas uma orientação, mas outros são mais ecléticos e usam mais de uma.

Quadro 1. Abordagens teóricas mais usadas na Psicologia do Esporte

Abordagem teórica	Pressupostos subjacentes
Comportamental	Foco no comportamento observável; comportamento é adquirido por aprendizagem
Cognitiva	Foco nos processos mentais; processos mentais subjazem o comportamento e emoção
Psicodinâmica	Foco no inconsciente; há influência do inconsciente, instinto e experiências prévias
Humanística	Foco no potencial humano e crescimento
Fisiológica	Foco nos processos fisiológicos; fisiologia subjaz os processos psicológicos
Social	Foco nos processos interpessoais e grupais; situação social afeta processos psicológicos

Fonte: Jarvis (2006)

Em geral, a Psicologia do Esporte Aplicada (PEA) tem privilegiado a abordagem cognitivo-comportamental nas intervenções com atletas visando o treinamento de habilidades mentais para melhorar a performance, lançando mão de técnicas tais como estabelecimento de metas, imaginação/visualização, autofala, relaxamento, com o objetivo de melhorar atributos mentais como motivação, concentração e confiança (Tod, 2016).

No presente estudo, utilizaremos as seguintes denominações: cognitivo-comportamental, psicanalítica, psicofisiológica, humanístico-existencial e psicossocial para categorizar as abordagens utilizadas nas pesquisas.

4.4.A Psicologia do Esporte nacional e internacional

Uma análise da produção científica da Psicologia do Esporte brasileira, via levantamento das teses e dissertações, defendidas nas instituições de Minas Gerais, entre 1980 a 2012, só pode ser compreendida quando contextualizada historicamente no campo

Psicologia do Esporte, da “ciência mãe” Psicologia e da Educação Física tanto nacional como internacional. Iniciaremos abordando a PE internacional, particularmente, a PE estadunidense e alemã pela forte influência desses dois países na origem e desenvolvimento da PE brasileira.

4.4.1. A Psicologia do Esporte Estadunidense

Nos Estados Unidos, a PE teve seu início com um estudo pioneiro na área realizado por Norman Triplett (1897), que observou a performance de ciclistas na presença de outros competidores, buscando analisar a performance sob condições de facilitação social. No entanto, Coleman Roberts Griffith é considerado o primeiro estudioso, o pai da PE, a realizar pesquisa sistemática no primeiro laboratório de PE, em 1925, na Universidade de Illinois. Suas pesquisas eram relacionadas à natureza das habilidades psicomotoras, aprendizagem motora e a relação entre variáveis da personalidade e performance motora (Gill, 1986).

Embora a PE tenha despontado na área do comportamento motor no início do século XX, foi somente após os anos 1960 que a PE começou a se desenvolver separada dessa área. Livros importantes foram publicados, mas a formação de instituições organizadas por inúmeros profissionais da PE impulsionou o crescimento da área. Em 1965, num encontro em Roma, foi criada a *International Society of Sport Psychology* (ISSP⁷), que começou a organizar simpósios e congressos mundiais, no sentido de promover e disseminar informações sobre a prática da PE.

Nas décadas que se seguiram, outras organizações foram sendo criadas no país, buscando atender às necessidades de diferentes grupos de pesquisadores e profissionais da PE. Frente aos inúmeros embates entre diferentes grupos, a PE foi reconhecida como uma especialidade pela APA - *American Psychological Association*, em 1986, formando uma seção dentro da estrutura denominada Divisão 47, responsável pela área da Psicologia do Esporte e do Exercício. De acordo com a APA, os psicólogos do esporte podem atuar auxiliando atletas a usarem princípios psicológicos visando um nível ótimo de saúde mental, buscando a performance, bem como o desenvolvimento psicológico, o bem-estar e a saúde de atletas e não atletas. Desta forma, o trabalho do psicólogo pode

⁷ Em 2016, o evento bienal dessa Sociedade foi realizado em Belo Horizonte. A ISSP até hoje é responsável pela organização e publicação de dois periódicos científicos: *International Journal of Sport Psychology* e *The Sport Psychologist*.

ocorrer tanto no esporte de alto rendimento como também na prática de esportes e atividades físicas por não atletas (Weinberg & Gould, 2001).

No que se refere às questões relacionadas à certificação, a PE emergiu como uma disciplina na área da Educação Física, portanto a grande maioria dos profissionais era desta área. Entretanto, ao longo dos anos, à medida que a atuação do profissional da PE foi ganhando visibilidade, houve um interesse crescente dos psicólogos e profissionais do aconselhamento. Isto introduziu o debate sobre quem é qualificado para ser chamado de psicólogo do esporte e proporcionar serviços aos atletas. Este debate foi parcialmente resolvido criando-se três categorias de psicólogos do esporte: 1) clínica/aconselhamento – pessoa com formação em Psicologia Clínica, registrada como psicólogo; 2) educacional – pessoa com formação em Educação Física; e 3) pesquisa – cientista que pesquisa e produz conhecimento em PE (Cox, 1994).

Após apresentar a história da PE estadunidense, é importante esclarecer como se deu a sua influência na PE brasileira. A partir do final dos anos 1970, os primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física começaram a ser criados, no Brasil. Como ainda não havia pós-graduação na área no Brasil, havia poucos professores universitários das escolas de EFI com titulação para ministrarem aulas nesses cursos. Nos primeiros anos, a maioria dos docentes eram provenientes de outras áreas como medicina, psicologia e educação. A estratégia utilizada para solucionar tal problema foi a realização de convênios para intercâmbio acadêmico. Assim, o Governo Brasileiro, através da CAPES, realizou convênios com universidades estadunidenses em que grupos de professores universitários brasileiros, vários de Minas Gerais, tiveram a oportunidade de receber treinamento em cursos de mestrado nos Estados Unidos para poderem iniciar a carreira docente na pós-graduação *stricto sensu*. Alguns professores decidiram estender seus estudos para receberem treinamento em nível de doutorado. Várias áreas de treinamento foram oferecidas tais como Aprendizagem Motora, Controle Motor, Fisiologia do Exercício, Psicologia do Esporte e Exercício, ente outras. Esses professores, quando voltaram ao Brasil, assumiram a docência nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e criaram laboratórios para desenvolverem suas pesquisas, inclusive na área da Psicologia do Esporte.

4.4.2. A Psicologia do Esporte na Alemanha

A Alemanha foi o berço da PE na Europa, especialmente em Berlin e Leipzig nos anos 1920. O primeiro laboratório de PE foi fundado pelo Dr. Carl Diem, no início dos anos 1920, em Berlim (Moraes & Salmela, 2000).

Samulski (1989) explicou a evolução da PE alemã em três fases. A primeira fase de desenvolvimento da PE na Alemanha se deu no princípio do século XX através de pesquisas sobre problemas psicológicos de atividades desportivas. A segunda fase, que se deu na metade da década de 1920, foi caracterizada pela fundação de instituições e laboratórios, onde foram pesquisados aspectos psicofisiológicos e psicofísicos do comportamento humano. Samulski ressalta também importantes obras publicadas à época, citando o livro *Body and Mind in Sport*, de Robert Werner Schulte, publicado em 1921 e os trabalhos, nos anos 1930, de Krueger e Klemm, do Instituto de Psicologia da Universidade de Leipzig sobre a organização complexa do rendimento. A terceira fase se deu na década de 1960 e se caracterizou pela organização, institucionalização e comunicação internacionais. Em 1961, foi criado, na Escola Alemã de Educação Física em Leipzig (DDR), um Instituto de Psicologia do Esporte. Em 1965, a Escola de Educação Física de Colônia (Alemanha Federal) também fundou um Instituto de Psicologia do Esporte.

No que se refere às organizações, em 1969, foi fundada a German Society for Sport Psychology – ASP (Sociedade Alemã de Psicologia do Esporte). Segundo a ASP (2017), a preparação científica dos atletas para os Jogos Olímpicos de 1972 impulsionou o desenvolvimento da PE na Alemanha, assim como a publicação de trabalhos científicos. Em 1984, foram publicados 33.000 trabalhos científicos em Psicologia sendo que 1.800 eram em PE. No que se refere à formação, em 1989, a PE era representada por 20 professores doutores e era uma disciplina obrigatória na formação de professores de EF e de treinadores. De acordo com os dados do site da ASP (2017), em 2016, a associação tinha 423 membros e era a entidade que representava os interesses da Alemanha, Suíça e Áustria, visando a promoção e desenvolvimento da Psicologia do Esporte na pesquisa, no ensino e na área de aplicação da performance, expertise e saúde.

A partir do início dos anos 1980, por ocasião dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física, a estratégia dos convênios para intercâmbio acadêmico também foi utilizada, desta vez com o DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), mas o trânsito se deu em via contrária ao realizado com os Estados Unidos: vários pesquisadores alemães vieram ao Brasil para atuarem nos cursos de pós-graduação

stricto sensu recém-criados, principalmente na Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Federal de Minas Gerais.

No início da década de 1980, o DAAD e as agências de fomento CAPES e CNPq promoveram um projeto de intercâmbio com a Universidade Federal de Santa Maria-RS com o objetivo de desenvolver um núcleo da pedagogia do movimento no programa de Pós-Graduação na área da Educação Física. Neste projeto, dois docentes visitantes alemães, o professor Jürgen Dieckert e o professor Reiner Hildebrandt-Stramann, trouxeram uma visão alternativa do esporte que era exclusivamente centrada no rendimento (Hildebrandt-Stramann, (2012).

Outro pesquisador alemão, Dietmar Martin Samulski, da Universidade do Esporte de Colônia, chegou em 1987, no Brasil, num convênio com DAAD para atuar como professor visitante na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-EEFFTO, da UFMG, colaborando na implantação do curso de mestrado em Educação Física em agosto de 1989. Criou o Laboratório de Psicologia do Esporte- LAPES com auxílio financeiro do DAAD e GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica, e coordenou programas de intercâmbio internacional com as universidades alemãs de Colônia, de Frankfurt, de Heidelberg, de Konstanz e de Duisburg, favorecendo a participação de docentes e discentes da UFMG e fortalecendo o programa de pós-graduação, recém-implantado, na área da Ciências do Esporte. Em 1995, tornou-se docente da UFMG, participando ativamente na vida administrativa, acadêmica e científica da instituição (Noce & Costa, 2013). Tendo sido aluno de doutorado do Professor Doutor Jürgen Nitsch, depois, colega, ajudou a disseminar entre seus alunos da graduação e pós-graduação da UFMG, e no Brasil, os fundamentos teóricos (Nitsch, 1985) defendido por este pesquisador e cientista da Psicologia do Esporte.

A influência alemã nesta década de 1980 não se restringiu apenas na atuação desses cientistas nos cursos de pós-graduação em Educação Física e conferências, mas se estendeu também às publicações de livros importantes, traduzidos do alemão para o português, em várias áreas como medicina esportiva, pedagogia, educação física infantil, psicologia, etc. Como não era da tradição da área da EFI no Brasil a publicação de livros, essa nova disponibilidade na literatura da EFI ajudou a impulsionar a EFI no Brasil em várias áreas, inclusive a PE. Nesse aspecto, o livro de Alexander Thomas, psicólogo alemão da Universidade Livre de Berlim, onde foi professor titular de Psicologia do Esporte e, mais tarde, da Universidade de Regensburg, como titular de Psicologia,

responsável pelo ensino de Psicologia Social, é digno de nota. A tradução de seu livro, realizada pela Prof^a Maria Lenk, foi publicado no Brasil, em 1983, denominado “Esporte: introdução à psicologia”, como parte da Coleção Educação Física: Série Fundamentação, volume 2. Este livro é importante em termos históricos, pois se preocupa em defender uma psicologia do esporte científica e muito pertinente ao presente estudo, **a importância do esporte para a Psicologia** (grifo meu), este último argumento raramente abordado em textos de Psicologia do Esporte. O autor discute na parte introdutória do livro, o tema “A relação da Psicologia do Esporte com a Psicologia” onde define a Psicologia do Esporte como disciplina científica que examina as causas e efeitos dos fenômenos e ocorrências psíquicas do praticante esportivo, seja antes, durante ou depois da atividade esportiva. Prosseguindo, afirma que os processos e fenômenos psíquicos são objeto de pesquisa psicológica e, por serem algo que não podemos observar diretamente, criam-se hipóteses, deduzindo-se pelos comportamentos apresentados. Tais processos e fenômenos são estudados lançando mão de bases teóricas não só da Psicologia Geral, mas também de suas subáreas como Psicologia Social, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica, Psicologia da Personalidade e Psicologia do Desenvolvimento. Quando se refere à importância do esporte para a Psicologia, Thomas (1983) afirma que o esporte pode oferecer estímulo de produção de conhecimento à Psicologia e ao psicólogo a possibilidade de trabalho, mesmo quando a necessidade de auxílio psicológico para a prática esportiva não está no centro dos interesses psicológicos desportivos. Thomas argumenta que nos treinamentos e na competição, surgem condições não existentes na vida normal, mesmo no trabalho profissional, que dá oportunidade de se realizar pesquisas sobre fenômenos psíquicos, a ação psíquica e o jogo de forças, no limite da capacidade normal humana. Indo além, o autor cita outro fator oriundo da história científica da Psicologia que justifica o fato de o psicólogo ocupar-se, mais de perto, do esporte. Ele afirma que, historicamente, a Psicologia nunca se ocupou simultaneamente de todas as áreas psíquicas do comportamento humano, concentrando-se em determinadas áreas. Nisto, negligenciou-se bastante, até hoje, a área da ação e do movimento (esporte), ainda que seja importante para as atividades cotidianas. A Psicologia concebeu e pesquisou o homem como ser pensante, perceptivo, sensitivo, motivado, social, raramente entendendo-o como indivíduo de ação e movimento. Assim, existem poucas pesquisas que se ocupam com os efeitos de fatores psíquicos sobre o movimento (psicomotricidade). Quando existem tais pesquisas, elas partem geralmente, não da Psicologia, mas da neurofisiologia e da Psiquiatria ou da ciência do trabalho.

No tópico sobre o desenvolvimento da Psicologia do Esporte como disciplina científica – que se tornou importante a partir de 1942, o autor adverte que se pode notar que ela não surgiu das necessidades da Psicologia de ocupar-se com os esportes. Pelo contrário, a prática esportiva que buscou os conhecimentos da Psicologia. A medicina esportiva contribuiu com o preparo físico, a biomecânica, instalações e equipamentos com a técnica esportiva, quase atingindo o ideal, aproximando-se da perfeição. Agora cabia à Psicologia do Esporte, por meio dos conhecimentos da Psicologia geral e de suas próprias pesquisas, ajudar a desenvolver por completo a capacidade de performance em potencial e a disposição do atleta, de modo que ele seja capaz de realizar a performance desportiva no momento decisivo. Thomas defendeu, em 1978, que a missão da “ciência mãe” Psicologia era doravante assumir a maternidade em relação à sua “ciência filha bastarda”, a Psicologia do Esporte.

A partir do exposto, pode-se concluir que a influência do pensamento alemão, trazido por esses estudiosos, pode ter sido significativa na PE brasileira, como veremos em capítulos subsequentes.

4.4.3. A Psicologia do Esporte no Brasil: raízes na Medicina, no Exército e na Educação Física

O percurso trilhado pela Psicologia do Esporte (PE) no Brasil pode ser melhor entendido acompanhando a trajetória da aplicação dos conhecimentos psicológicos aplicados ao exercício físico na Medicina, no Exército, na Educação Física (EFI), no esporte, assim como na Psicologia, ao longo do tempo. Como os parágrafos que se seguem vão demonstrar, esses conhecimentos já ocupavam um lugar importante muito antes de o esporte se tornar o fenômeno como hoje se conhece. Era uma psicologia aplicada ao esporte e exercício físico utilizada primeiro pelos militares, através do Exército, e depois pelo profissional de Educação Física nas escolas, fundamentado no pensamento médico higienista com objetivo completamente diverso do esporte contemporâneo, como descreveremos, a seguir.

O pensamento médico higienista, influenciou toda a sociedade brasileira numa época de grandes transformações, desde a segunda metade do século XIX, influência que se fez também na EFI, no Brasil. Nesse sentido, a biologização e a naturalização passou a dirigir a construção desta nova sociedade. A Educação Física foi utilizada pelos médicos higienistas como forma de aprimorar a saúde física e moral, buscando ideais eugênicos

de regeneração e purificação da raça. O objetivo era obter um corpo saudável, robusto, disciplinado, uma sociedade asséptica, limpa, ordenada e moralizada, segundo padrões higiênicos de conteúdo burguês. Nessa tarefa, os médicos trouxeram para si a responsabilidade de pensar e "solucionar" os problemas da Educação Física, da educação em geral e da sociedade. O exercício físico era chamado de ginástica, e foi conteúdo curricular que tratava do corpo de forma conservadora e utilitária, fundamentado nas ciências biológicas (Soares, 1990).

Assim, a EFI do século XIX se constituiu a partir de um conceito anatômico e fisiológico do corpo e dos movimentos que este realiza, com a tarefa de regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria. Buscava a disciplinarização dos movimentos, ideais burgueses de modelo de corpo, de atividade física, de saúde, de sua visão de mundo. Influenciada pelo liberalismo e positivismo era regida por leis, normas, hierarquia, disciplina, organização da forma. A EFI herdou dos pressupostos positivistas a concepção de ser humano como ser biológico e orgânico, determinado pela genética e hereditariedade e adotou a filosofia do esporte que surgiu na Inglaterra. A EFI já utilizava métodos, buscando a cientificidade, na prática de exercícios físicos visando um projeto maior de higienização da sociedade, veiculado como necessidade, passando a ser um problema de Estado (Soares, 1994).

A influência do Exército também foi decisiva para o desenvolvimento da EFI e esporte nacional (Soeiro & Tubino, 2003). O primeiro curso de Educação Física, no Brasil, foi criado pelo Exército Brasileiro, pela iniciativa dos militares que introduziram a educação física de forma sistematizada e obrigatória no Brasil, ainda na primeira metade do século XX. Em seguida, a educação física foi introduzida nos estabelecimentos civis de ensino público, com concepções de defesa nacional e a busca de um "Método Nacional", que se adaptasse ao "temperamento" brasileiro (Castro, 1997). A ideia subjacente era que a ginástica, como a educação física era conhecida, ajudaria a formar o estado-nação. No Brasil, já em 1922, uma portaria do Ministro da Guerra (10/1/1922) criou um Centro Militar de Educação Física, que oferecia cursos (Baptista, Silva, Beltrão & Macário, 2003), com duração de um ano letivo, que formava, além de militares, professores civis, para lecionar em escolas públicas do Distrito Federal. Com o Estado Novo, o domínio militar sobre a área da educação física atingiu seu ápice, tornando obrigatório, pela primeira vez na história constitucional do país, os exercícios físicos em todos os estabelecimentos de ensino. A juventude era preparada via adestramento físico

para melhor cumprir seus deveres na defesa da nação e na economia. Importante enfatizar aqui o aspecto político desta técnica do corpo, longe das discussões sobre educação física e aspectos fisiológicos. A educação física dita “militarista” tinha a preocupação em disciplinar os corpos dos indivíduos semelhante à disciplina militar exercida sobre a tropa. Aplicada inicialmente no âmbito da própria instituição, logo os militares criaram através dela um projeto de Nação, uma educação física que visava forjar o homem republicano brasileiro. Castro (1997) enfatiza que era surpreendente o fato de que não se adaptou algo já existente, mas, por essa iniciativa, a Nação brasileira deveria estar, através dela, nascendo. Esta iniciativa militar era alvo de debates calorosos e as divergências surgidas com educadores civis e com a Igreja aconteciam no campo político, e a instituição militar foi imbatível neste período. O autor adverte que há muitos estudos sobre a participação dos militares na política, como os golpes e intervenções armadas, mas conhece-se pouco sobre o efeito a longo prazo dessa educação física sobre a sociedade. Seria essa uma tarefa da Psicologia Social?

Os militares dominaram a educação física neste período, mas, logo, surgiu um curso civil de EFI - a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo que, apesar de ter sido criado em 1931, só começou a funcionar em 1934. Entre 1932 e 1945, durante a Era Vargas, a EFI começou a buscar seu espaço na sociedade, estruturando-se profissionalmente, sob forte influência militar. Até a década de 1960, a formação profissional era direcionada para ser um educador, com uma base de conhecimento proposto para saberes necessários para um professor de 1º e 2º graus de ensino. Assim, a Psicologia utilizada na Educação Física estava relacionada às questões pedagógicas do ensino dos esportes e da ginástica. No final da década de 1960, foi proposto um novo currículo como resultado da transformação do esporte como fenômeno de massa, a internacionalização do mercado e o início do governo militar, instituindo-se, em 1968, a Reforma Universitária - num modelo de universidade privilegiando a ciência e a pós-graduação. Nesse currículo, o saber denominado conhecimento esportivo foram ampliados, assim como a preocupação com a formação do professor. Desta forma, a Psicologia da Educação, Didática e Prática de Ensino são estabelecidas como integrantes do currículo mínimo dos cursos de EFI (Souza Neto *et al*, 2004).

Esse cenário de avanço e desenvolvimento da EFI nesse período, com a ditadura militar se estabelecendo novamente no Brasil, a ação do Exército volta a emergir, desta vez por um viés científico, contribuindo com o desenvolvimento da EF, Ciências do

Esporte e o esporte propriamente dito. A preparação física da seleção brasileira de futebol, que foi tricampeã mundial da Copa do Mundo, em 1970, esteve a cargo do então Capitão do Exército, e profissional de EFI, Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho (1939-1981). O Capitão Coutinho adotou o programa “Aerobics” adaptando a tabela de Cooper - à época muito popularizada no mundo inteiro e destinada à sedentários - para ser aplicado a atletas. O sucesso do Brasil na Copa do Mundo provocou um movimento social de atividade física sistemática no país, a valorização da disciplina treinamento esportivo e criação de laboratórios de fisiologia do exercício, fatos que impulsionaram a cientificação do treinamento esportivo no Brasil (Soeiro & Tubino, 2003).

Nos anos que se seguiram, décadas de 1970/80, a formação em EFI era exclusivamente em licenciatura, num viés desenvolvimentista e fazendo uma aproximação com a vertente da psicomotricidade. Esta formação começou a ser questionada, provocando debates em várias frentes. Um dos fortes argumentos era o reconhecimento da educação física na universidade como um campo de conhecimento científico, gerando debates inclusive sobre uma nova denominação, como ciência do movimento humano, ciência da motricidade humana, kinesiologia, ciência do esporte, ciência da atividade física, etc. Outro argumento foi o mercado de trabalho que demandava o trabalho do profissional de EFI para além dos muros da escola, o que se estendeu até os anos 1980. Em 1987, após um debate nacional, foi criado o bacharelado em Educação Física com a Resolução CFE nº 03/87, e proposto um novo currículo cuja estrutura distribuía os saberes numa Formação Geral – humanística e técnica, por um lado, e Aprofundamento de Conhecimentos, por outro (Souza Neto *et al*, 2004). Para o presente estudo, esta Resolução CFE nº 03/87 pode ser considerada uma das mais relevantes para a PE ter tomado a configuração atual, pois foi introduzida como disciplina nos currículos dos cursos de Educação Física como saber integrante da Formação Geral humanística, para conhecimento do ser humano.

Abriu-se, aqui, uma possibilidade de trazer à análise e compreensão do praticante esportivo e do atleta, informações para além do biológico e mecânico, como era a tradição na Educação Física. Uma possibilidade de fazer emergir a posição do sujeito na prática do esporte, que analisarei mais adiante neste estudo. Nesse sentido, a contribuição dos alemães que vieram ao Brasil nos convênios acadêmicos para os cursos de pós-graduação em EFI, nos anos 1980, foi marcante, pois um debate nesse sentido se abriu no interior

na Educação Física sobre como a área deveria abordar o esporte (Bracht, 1996; Kunz, 2006).

Como foi demonstrado até aqui, o destino da PE foi traçado pela influência do Exército, pelas transformações na EFI e pelo desenvolvimento do esporte. A partir dos anos 1990, à luz das grandes conquistas de esportistas brasileiros no cenário internacional, a PE começou a ganhar importante destaque em função da atuação de alguns profissionais da PE em seleções nacionais de algumas modalidades esportivas, principalmente o futebol e voleibol. Esta valorização da PE ocorreu principalmente na área da Educação Física, demonstrado por vários cursos de graduação que começaram a oferecer a disciplina Psicologia do Esporte como disciplina optativa em sua grade curricular.

4.4.4. A “ciência-mãe” Psicologia gestando a Psicologia do Esporte: sua relação com a EFI e o esporte

Se, nos Estados Unidos, o início da PE se deu a partir de estudos em laboratório na área no final do século XIX e, na Alemanha, no início do século XX, no Brasil, a visibilidade ocorreu primeiramente via intervenção, com João Carvalhaes atuando como psicólogo da seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de Futebol, em 1958, na Suécia, onde conquistou o primeiro título mundial para o país. Ele atuou no São Paulo Futebol Clube por cerca aproximadamente 20 anos, onde fez parte da comissão técnica (Rubio, 1999). No entanto, a longa permanência no clube e a conquista do título não provocaram um avanço da PE, provavelmente pela situação da Psicologia e do esporte no período em questão. A Psicologia estava para ser reconhecida como profissão, em 1962, impulsionado pelo seu desenvolvimento tanto na área profissional como na área acadêmica, nesta última buscando o estatuto de ciência, com a criação e sistematização de inúmeros testes psicológicos com intuito de quantificar e medir inteligência, personalidade, comportamento, etc. (Antunes, 1999). Foram esses instrumentos psicométricos que João Carvalhaes utilizava na seleção brasileira (Hernandez, 2011; Rubio, 2002), influenciado pelo contexto sociocultural e econômico do período no Brasil. Enquanto na área da Psicologia a tendência era de reconhecimento e de afirmação da profissão, as áreas do esporte e Educação Física seguiam outro rumo. Pelo fato de o esporte ter, na época, como características principais o amadorismo e o *fair play*, os atletas não podiam receber benefícios financeiros para treinar ou competir, pois seriam impedidos de participar de Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. A exceção era o

futebol que, antes mesmo da década de 1950, já tinha seu lugar na cultura brasileira, causando até comoção por ocasião da derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950, realizado no Brasil. Aquelas características do esporte foram se transformando ao longo das décadas seguintes para a configuração atual (Capraro, 2009; Rubio, 2002), o que foi crucial para a entrada definitiva da PE no conjunto das ciências do esporte.

Desde a década de 1990, o esporte, impregnado de valores socioculturais subjacentes a diferentes épocas, é considerado um fenômeno sociocultural e histórico (Vargas, 1995). A prática esportiva contemporânea tem se constituído a partir de características da sociedade capitalista pós-industrial e tem caminhado ao longo da história para os excessos na busca do rendimento em direção à vitória como sua marca registrada, busca incessantemente do recorde, da quantificação, da especialização, da disciplina, etc. (Rubio, 2003; Vargas, 2001). Para atingir o esporte de alto nível, o atleta precisa desenvolver habilidades psicológicas para obter um ótimo desempenho e vitória numa competição, fato que criou uma demanda pelo treinamento dessas habilidades. É neste contexto de extrema exigência e pressão ao desempenho atlético que a presença do psicólogo do esporte foi sendo solicitada, foi sendo necessária, à medida que os excessos do treinamento foram gerando um custo não só financeiro, mas, sobretudo, humano, razão pela qual, talvez, esteja em debate a PE e o papel do psicólogo do esporte nas últimas décadas.

Além de fenômeno sociocultural e histórico, o esporte tornou-se um fenômeno midiático (Silva, 2001), produzindo e movimentando recursos financeiros vultosos de forma extensiva para atletas, técnicos, clubes, patrocinadores e agentes esportivos, empresários, etc., dando outra dimensão ao esporte, para além da educação, da saúde e do lazer. À medida que o esporte foi adquirindo importância como fenômeno sócio-cultural e econômico, outras áreas como a nutrição, fisioterapia, terapia ocupacional, farmacêutica, marketing e propaganda, jornalismo, etc., foram buscando o seu lugar no mundo do esporte.

Essa visibilidade do esporte deu destaque ao trabalho da PE, causando também um interesse crescente no profissional com formação em Psicologia para atuar na área, instalando-se ali um debate sobre quem seria o profissional mais bem qualificado para atuar na área ou qual profissional teria a prerrogativa da área, tendo em vista a sua formação. Verificou-se, aqui, o mesmo debate ocorrido nos Estados Unidos uma década antes, que culminou com a decisão da APA em instituir a especialidade Psicologia do

Esporte, em 1986. O Brasil, seguindo passos semelhantes traçados pela APA, nos Estados Unidos, a PE, ao ganhar o reconhecimento como especialidade profissional em 2000, através da Resolução CFP nº 014/00, do Conselho Federal de Psicologia, para equacionar esta questão, adotou as categorias de psicólogo do esporte: 1) clínica/aconselhamento – pessoa com formação em Psicologia Clínica, registrada como psicólogo; 2) educacional – pessoa com formação em Educação Física; e 3) pesquisa – cientista que pesquisa e produz conhecimento em PE, com formação em Psicologia ou Educação Física.

4.4.5. A produção científica da Psicologia do Esporte brasileira: influências da “ciência-mãe” Psicologia e o caminho para a autonomia

No tópico anterior, abordamos as questões históricas relacionadas à formação profissional do psicólogo do esporte, por entender que este fator pode ser determinante para o desenvolvimento da produção científica de uma área de conhecimento. Neste sub-tópico, o propósito é analisar a produção científica da PE no Brasil, contextualizado historicamente no campo da psicologia e psicologia social dos séculos XX e XXI, examinando sua evolução e tendências ao longo da trajetória percorrida pela área, desde os primeiros trabalhos publicados até os dias atuais. Pretende-se, aqui, ampliar o panorama da PE no Brasil, para além de personagens e organizações principais, fatos e marcos históricos ocorridos no tempo e espaço, sem, entretanto, ignorá-los.

Conforme foi apontado anteriormente, João Carvalhaes foi considerado o autor do primeiro estudo da PE, no Brasil, no final dos anos 1950, bem conhecido como um profissional especialista em psicometria, uma das áreas em ascensão neste período histórico da Psicologia no Brasil (Hernandez, 2011). Nos anos precedentes, a Psicologia no Brasil, na área clínica, apresentava desenvolvimentos consideráveis, mas a área acadêmica vinha sendo marcada pelo esforço em ser reconhecida como ciência, principalmente na área da educação e organizacional do trabalho. O movimento dos educadores brasileiros nas reformas de ensino no país impulsionou o avanço do conhecimento da Psicologia, assim como a vinda de professores estrangeiros como Henri Pierón, Theodore Simon, Edouard Claparède e Helena Antipoff, etc., que implantaram os serviços psicológicos de orientação profissional, criaram o SENAI, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia do Trabalho (Bomfim, 2003). Foi esse ambiente que propiciou a criação e sistematização de testes psicológicos com o objetivo de quantificar e medir a inteligência, comportamento, personalidade, etc., na área educacional e de

seleção e organização do trabalho. Exemplo desse esforço foi dado por Lourenço Filho (1897-1970), educador e pedagogo, que participou do movimento dos pioneiros da Escola Nova, criticado por colaborar com o Estado Novo de Vargas, e desenvolveu pesquisas sobre o emprego de testes psicológicos, em laboratório de psicologia experimental, que resultaram na publicação dos Testes ABC⁸. Tais instrumentos psicométricos criados naquela época foram utilizados por Carvalhaes (1974) em sua atuação como psicólogo, no São Paulo Futebol Clube e na seleção brasileira de futebol, conforme relatado, em 1974, em seu livro intitulado “Um psicólogo no futebol: relatos e pesquisas”, em que o autor apresenta seu trabalho de 19 anos no São Paulo Futebol Clube e na seleção brasileira (Hernandez, 2011; Brandão, 1995, Rubio, 2002).

Outro destaque a ser feito em relação aos eventos ocorridos na Psicologia, no Brasil, na década de 1930, e demarcaram uma influência até nos anos 1960, foram as novas missões estrangeiras relatadas por Bomfim (2003). Na década de 1930, por ocasião da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vários profissionais estrangeiros atuaram no Brasil e, além da atuação docente, nos legaram publicações sobre cultura, sociologia, história e história brasileira, educação e psicologia do trabalho. Segundo a autora, a vinda desses estudiosos tornou possível a criação do primeiro curso de Psicologia na PUC- Rio de Janeiro, em 1953, e, em 1957, o curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. Alguns destes profissionais estrangeiros contribuíram também para o desenvolvimento da PE no Brasil. Podemos citar como exemplo a atuação de Emílio Mira y López que veio ao Brasil para lecionar na Universidade de São Paulo e trabalhar em outras instituições como no DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público no Rio de Janeiro (1945-1946). Em 1947, foi chamado para dirigir a Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, o ISOP - Instituto de Seleção e Orientação Profissional para orientar as propostas de racionalização do trabalho do governo Getúlio Vargas. Criou uma revista especializada em Psicologia, o *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, que, a partir do volume 21, de 1969, passou a ser denominada *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. A contribuição de Emílio Mira y López foi para além da Psicologia do Trabalho e Seleção e Orientação Profissional, estendendo-se para a Psicologia do Esporte. Em coautoria com Athayde Ribeiro da Silva, publicou em 1964, o livro “Futebol e Psicologia”, em que aplica conhecimentos da

⁸ Instrumento destinado à verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita.

Psicologia no campo do esporte, descrevendo as experiências de Athayde com a Seleção Brasileira de Futebol nos anos de 1962/63 (Brandão, 1995).

Esta recém-criada revista especializada em Psicologia, *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, logo se tornaria fonte dos primeiros artigos sobre PE no Brasil. Carvalhaes, procurando disseminar seu trabalho em PE publicou nesta revista, em 1971, o artigo “Sociometria e Experimentação de Dinâmica de Grupo no Futebol”. O autor utilizou aspectos das teorias de Jacob Levy Moreno, Dorwin Cartwright, Alvin Zander e Fela Moscovici, em dinâmicas de grupo com adaptações para o futebol (Carvalhaes, 1971). Nessas adaptações, o autor buscava apoio em literatura internacional sobre testes sociométricos voltados para o esporte, apresentado por Pierre Pesquié no trabalho intitulado "A equipe esportiva, sua coesão, sua unidade de ação", publicado na revista *Education Physique et Sport*, em 1963. A contribuição de Carvalhaes não parou por aí, seguiu participando de encontros científicos divulgando seus trabalhos (Carvalhaes, 1971): em 1960, participou do VI Congresso Interamericano de Psicologia, relatando sua pesquisa “Experimentações psicológicas no esporte”; em 1968, no II Congresso Internacional de Psicologia Esportiva, em Washington, apresentou o estudo “Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta e consequente prognóstico da produção”; em 1971, apresentou “Aquecimento físico – fator de sensibilização psicossensorial”, no I Simpósio Nacional de Atletismo, organizado pela Academia da Força Aérea Brasileira.

Importante lembrar que os anos 1960 foi um período de crise teórica mundial, principalmente influenciados pelos movimentos políticos estudantis, das mulheres e dos afrodescendentes nos Estados Unidos da América, que abalaram a área psicossocial, mas que impulsionou a Psicologia Social brasileira num período conturbado com questões políticas e sociais no país (Bomfim, 2003). Em 1960, no Governo JK, acontece a mudança da capital federal para Brasília e, anos mais tarde, o Golpe Militar de 1964, que depôs o então presidente João Goulart, tendo início a ditadura militar no Brasil. Por outro lado, foi um período de conquistas para a Psicologia. Apesar do contexto político adverso, em 1962, em 27 de agosto, a Lei nº 4119 regulamenta a profissão e a formação do psicólogo brasileiro e torna obrigatória a Psicologia Social nos cursos de Psicologia, por meio do Parecer 403/62. Em 1964, é criado o primeiro curso de mestrado em Psicologia na PUC-RJ. Em termos culturais, nos anos 1960, o esporte desponta no cenário nacional e internacional, culminando com a vitória do Brasil na Copa Mundial de 1970, alcançando

o título de tricampeão do mundo. O fato foi utilizado como propaganda política durante a ditadura do Governo Médici num discurso ufanista, para forjar no imaginário brasileiro um país economicamente forte e de sucesso a partir do exemplo de êxito da seleção brasileira no futebol. A televisão, em vista do “Milagre econômico” ocorrendo no período, pode se popularizar permitindo a assistência dos jogos ao vivo, uma novidade na época, potencializando mais ainda o uso do esporte como meio de persuasão para aceitação do *status quo* (Magalhães, 2012). Esse acontecimento foi relevante não só para a política, mas também para a Educação Física e para o esporte pois abriu-se novas portas para um novo *ethos* nesses campos, que direcionou o esporte para o que, hoje, é denominado esporte espetáculo, “paixão nacional” do povo brasileiro, favorecendo a criação dos mitos, dos heróis modernos. Por consequência, relevante também à Psicologia Social do Esporte que foi chamada a explicar a subjetividade do esportista moderno, elevado à categoria de mito e herói (Rubio, 2001).

A criação de organizações científicas também desempenhou importante papel na história da área da Psicologia, especialmente na Psicologia Social, como a ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social - instituída em 1980, no Rio de Janeiro. Esta entidade científica nasceu da insatisfação com a psicologia europeia e americana, buscando uma psicologia social crítica, voltada para os problemas nacionais, abrangendo diferentes correntes epistemológicas, mas sempre atreladas ao compromisso social por uma sociedade mais justa (Lane & Bock, 2003). Este pensamento essencialmente latino-americano tem influenciado na PE brasileira, inspirando várias teses e dissertações nas últimas décadas (Carvalho, 2012, 2016; Castellani, 2014).

4.4.6. Produção científica da PE brasileira: pesquisa, pós-graduação *stricto sensu*, eventos científicos e organizações

A partir dos anos 1980, com a introdução da disciplina PE nos cursos de graduação e a criação da pós-graduação *stricto sensu* tanto na área da Educação Física como da Psicologia, a produção científica na área mostrou avanços consideráveis. Criando-se um ambiente científico, a produção foi se modificando para uma Psicologia **do** Esporte, se diferenciando daquela Psicologia **no** Esporte das décadas anteriores (Rubio, 2000a), que era caracterizada pela aplicação simples e pura dos conhecimentos da Psicologia no *setting* esportivo, sem preocupação de elaborar concepções e teorias específicas ao esporte. A principal causa dessa mudança pode ser atribuída à instalação dos primeiros

cursos de pós-graduação em EFI no país, no final dos anos 1970, com o primeiro programa de mestrado implantado em 1977, na Universidade de São Paulo, o primeiro da América Latina, e em 1979, o mestrado em Ciência do Movimento Humano na Universidade Federal de Santa Maria-RS (Ávila, 2008). Com o intuito de alavancar os cursos de pós-graduação, foram criados programas de treinamento de professores universitários no exterior, alguns optando pela área da Psicologia aplicada ao esporte e Educação Física, o que permitiu a introdução da disciplina PE nos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, a formação de grupos de estudos e elaboração de trabalhos científicos na área (Brandão, 2000). Desta importação dos conhecimentos psicológicos, principalmente dos Estados Unidos, Canadá e Alemanha, e suas respectivas correntes teóricas, resultou mais numa replicação destas pesquisas no Brasil do que num ponto de partida para uma análise do contexto brasileiro e fazer avançar o conhecimento da área. Nesse aspecto, os instrumentos de avaliação psicológica e técnicas de intervenção aprendidos no exterior foram utilizados, num primeiro momento sem adaptações. No entanto, nos anos posteriores, tais instrumentos e técnicas foram se adequando, sendo adaptados à situação brasileira, buscando respeitar os aspectos socioculturais que afetavam o atleta brasileiro (Rubio, 2002). Importante enfatizar que fatores econômicos favoráveis, no Brasil, tiveram um forte impacto na produção de conhecimento da área, pois o treinamento de professores universitários, tanto no Brasil como no exterior, era incentivado em todas as áreas.

Nas décadas seguintes, a produção científica foi tomando maior impulso por várias razões, além da introdução da PE como disciplina nos cursos de graduação em EFI e a criação de novos cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área da Educação Física e Psicologia e conseqüente intercâmbio com professores estrangeiros. Também podem ser elencados a elevação do esporte à condição de fenômeno sociocultural e midiático e o aumento do interesse dos psicólogos pela área, aumentando a demanda por cursos de formação e capacitação de profissionais. Se, por um lado, os estudiosos da área encontravam, muitas vezes, condições de pesquisa adversas e limitadoras, essas mesmas condições direcionaram alguns estudos e intervenções para diferentes correntes teóricas que eram consideradas inovadoras na área da PE (Ângelo, 2000; Franco, 2000; Matarazzo, 2000; Carvalho, 2012; Espírito Santo, 2017).

Na década atual, a situação da PE tem apresentado melhora significativa em termos de pesquisa. Vieira, Nascimento, & Vieira (2013) verificou nos dados da CAPES,

em 2012, que nos 159 programas de pós-graduação em Educação Física e Psicologia, reconhecidos, 14 programas tinham linhas de pesquisa na área da Psicologia do Esporte, sendo três destes programas da Psicologia. As universidades que sediavam estes programas da EFI eram: UFPR; UNESP (Rio Claro-SP); USP; UFMG; Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP; USJT; UFRGS; UNICAMP; UFSC e Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF. Os programas da Psicologia se situavam nas seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP; UEL; UFSC.

No que se refere aos grupos de pesquisa, segundo os dados de 2015, do CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, divulgado em seu website, havia 36 grupos de pesquisa distribuídas entre as universidades brasileiras, sendo que 75% desses grupos pertenciam a departamentos de Educação Física. Esmiuçando esses dados, Noce, Vieira & Costa (2016) descobriram que esses grupos pesquisavam em 42 áreas, da seguinte forma: aspectos biopsicofisiosociais da performance esportiva (Universidade Federal da Paraíba-UFPB); aspectos psicológicos da performance esportiva (Universidade Federal do Sergipe-UFS); atividade física e saúde (Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS); fundamentos sociais da relação corpo-movimento (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE); competição esportiva no contexto escolar na perspectiva da psicologia do esporte (Universidade São Judas Tadeu-USJT); comportamento humano no esporte (UFS); diagnóstico e controle do estresse psicológico (Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG); gênero, tecnologia e psicologia do esporte (Universidade Estadual de São Paulo-UNESP); influência da torcida, da mídia e novas tecnologias da performance esportiva (UNESP); liderança no esporte e comunicação (UFMG); neurociência e psicologia do esporte (Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP); Olimpismo, imaginário esportivo e cultura (Universidade de São Paulo-USP); psicofisiobiologia do esporte e do exercício (Universidade Federal do Paraná-UFPR); psicologia, história e atividade física (Universidade Federal do Maranhão-UFMA); psicologia do esporte clínica (USP); psicologia do esporte e humanismo (Centro Universitário Hermírio Hermeto-UNIARARAS); psicologia do esporte e do exercício (Universidade Regional de Blumenau-FURB, Universidade Católica de Brasília/Distrito Federal-UCB/DF); psicologia social do esporte (USP); aspectos psicossociais e comportamentais da performance humana (Universidade Estadual de Maringá-UEM); psicologia da equipe esportiva (Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul-UFMTS); e psicologia do esporte e sua interface com a doença (UNICAMP).

As organizações científicas também têm influência importante no desenvolvimento de uma área científica. Uma dessas instituições foi o CELAFISCS – Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, fundada em 1974, e bastante atuante até fins da década de 1980. Embora predominasse estudos na área da fisiologia do exercício, treinamento esportivo e medicina do esporte, destacou-se, também, pelas pesquisas científicas publicadas sobre os aspectos psicológicos e sociais do esporte, destacando-se “Aplicabilidade do teste sociométrico em equipes esportivas”, “Influência social da participação de crianças em atividades físicas e esportes” e “Desenvolvimento de uma escala brasileira de percepção subjetiva do esforço” (Brandão, 1995).

Outra instituição atuante na área da EFI foi o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE, 2018), criado em 1978, uma entidade científica que congrega pesquisadores ligados à área de Educação Física/Ciências do Esporte, que é organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos e ligado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Esta entidade organiza evento científico nacional - o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado a cada dois anos, e eventos estaduais e regionais, encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos (GTTs) e tem desempenhado um papel relevante no debate sobre a construção do campo da EFI no Brasil (Bracht, 1998). Entre os GTTs, destaca-se o de Treinamento Esportivo que contempla pesquisas relacionadas à PE.

Quanto às instituições relacionadas especificamente à PE, várias foram formadas, como a SOBRAPE – Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação, em 1979, em Novo Hamburgo-RS. Em 1981, o psicólogo Benno Becker Jr organizou o primeiro congresso brasileiro e latino-americano de Psicologia do Esporte, com participação de 1.750 profissionais e estudantes de várias formações, sendo seu primeiro presidente (Barreto & Ribeiro, 2006). Sociedades estaduais, filiadas à SOBRAPE foram criadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná disseminando a PE pelo Brasil. A criação de uma entidade nacional foi importante para a organização da PE no Brasil, pois os congressos científicos regulares começaram a acontecer, disseminando pesquisas realizadas na área. Mas elas foram gradativamente desaparecendo seja por problemas internos ou estruturais (Rubio, 2000a) e talvez,

também, pela falta de definição quanto ao campo e território profissional do psicólogo do esporte.

Em 2006, a segunda organização de PE foi criada em São Paulo, denominada Associação Brasileira de Psicologia do Esporte – ABRAPESP, sendo formalizada com a publicação de seu regimento. Em 2007, realizou-se o I Congresso Brasileiro da ABRAPESP, sendo a psicóloga Kátia Rubio eleita a primeira presidente, ocasião em que foi lançada a Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP, 2018). A criação desta segunda entidade pode ter sido motivada pelas dificuldades de colaboração acadêmica e profissional de um grupo de psicólogos do esporte com a SOBRAPE, em função de interesses divergentes quanto à predominância do foco do estudo em teorias psicológicas. Em maio de 2016, a SOBRAPE mudou o nome para Associação Brasileira de Estudos em Psicologia do Esporte e Exercício – ABEPEEx, sugerindo foco em pesquisa (Queiroz, Fogaça, Hanrahan, & Zizzi, 2016).

O Brasil tem também sediado diversos eventos científicos como o primeiro Congresso Internacional da ABEPEEx e o IX Congresso Internacional do ISSP – *International Society for Sport Psychology*, em 2016, em Belo Horizonte (Noce, Vieira, & Costa, 2016). Em maio de 2017 o CRP-MG realizou o I Encontro Mineiro de Psicologia em parceria com o Departamento de Psicologia da FAFICH/UFMG em Belo Horizonte. (Jornal da Psicologia, junho de 2017).

4.5. Uma grade de análise dos dados: como se define um campo científico

Este estudo foi pensado no intuito de contribuir para o desenvolvimento da PE enquanto ciência, por essa razão optei por analisar o que se tem produzido em termos de pesquisas em instituições afins, que são as faculdades e universidades com os programas de pós-graduação *stricto sensu* da área da Psicologia e Educação Física. Propus perguntas que me levaram a obter um mapeamento da produção científica da PE que me possibilitou pontuar as várias características dessa produção. Mas como analisar essa produção? Por qual motivo essa produção teve essas características? Essa produção atende às demandas correntes da área profissional da PE? Se não atende, quais demandas estão prementes de serem atendidas e podem ser atendidas?

Enfim, foram inúmeras as perguntas a serem respondidas. Para compreender a analisar a produção científica da área da PE, a referência teórica que adotei foi a teoria de

Pierre Bourdieu (1983). A justificativa da escolha da teoria de Bourdieu, sociólogo francês, foi principalmente pela abrangência do seu modelo. Este teórico desenvolveu uma abordagem em sociologia para o estudo dos diferentes campos estruturantes da sociedade moderna. Seu modelo busca explicar o mundo social numa abordagem macro, permitindo o estabelecimento de conexões entre o que se passa no interior dos microcosmos – que são campos relativamente autônomos, com crenças e valores próprios - e a estrutura do campo do poder. O autor estuda vários campos, como, por exemplo, campo científico e campo esportivo, justamente os campos em que o psicólogo do esporte costuma atuar, seja como pesquisador ou psicólogo do esporte fazendo intervenção psicológica. Portanto, torna-se condição *sine qua non* conhecer o funcionamento desses campos e obter uma leitura crítica da realidade científica e esportiva. Por essas razões, concluiu-se que a sociologia de Bourdieu poderia ser uma ferramenta útil de análise.

Apesar das várias vantagens apontadas, a teoria de Bourdieu também tem sofrido ao longo dos anos várias críticas, no que se refere às dificuldades de compreender seu trabalho em diversos aspectos (Laberge. & Kay, 2002). De fato, ao estudar sua teoria encontramos algumas contradições e críticas e o próprio Bourdieu adverte para muitas objeções e mal-entendidos que suscita (Bonnewitz, 2003). Podemos citar pelo menos três dificuldades: (1) a escrita tem um estilo complicado, suas sentenças são geralmente longas e abstratas, uso de muitos paradoxos, negações múltiplas e jogo de palavras, o que pode tornar incompreensível ao leitor não familiarizado com o estilo de escrita francesa e com o contexto intelectual francês sobre o qual ele está escrevendo; (2) Bourdieu usa uma variedade de expressões e metáforas para designar o mesmo conceito sem especificar qual nuance ele quer assinalar; (3) os conceitos são deliberadamente vagos, pois Bourdieu prefere conceitos abertos e adaptáveis, ao invés de rígidos e definidos operacionalmente. Essas características podem gerar confusão e ambiguidade (Laberge. & Kay, 2002), mas, ainda assim, decidimos aceitar o desafio de decifrar sua teoria e utilizá-la como grade de leitura dos dados desvendados no presente estudo.

A abordagem sociológica de Bourdieu (2004a), se encaixa no que ele denomina de estruturalismo genético ou estruturalismo crítico, explicado pelo autor da seguinte forma:

“...tento elaborar um estruturalismo genético: a análise das estruturas objetivas - as estruturas dos diferentes campos - é inseparável da análise da gênese, nos indivíduos biológicos, das estruturas mentais (que são em parte produto da

incorporação das estruturas sociais) e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produto de lutas históricas (nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço). (p.26).

O autor também caracteriza sua abordagem como estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista, alertando que a palavra “estruturalismo” é entendida de forma muito diferente da tradição saussuriana e levi-straussiana. Bourdieu esclarece que “estruturalismo” ou “estruturalista” designa existir, no mundo social, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, que podem orientar ou constringer as práticas ou representações destes agentes. Construtivismo, para o autor, significa que existe, por um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, que são constitutivos do que ele chama de *habitus* e, por outro lado, das estruturas sociais, que ele denomina de campos e grupos, que geralmente é chamado de classes sociais.

O *habitus* é um dos conceitos mais importantes da teoria de Bourdieu que diz respeito ao processo pelo qual o homem se torna um ser social (Bonnewitz, 2003). Esse conceito está associado à socialização que se refere ao processo pelo qual os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais, apreendem as normas, os valores e as crenças de uma sociedade ou de um grupo. As normas são as regras e usos pré-determinados de práticas de um grupo específico, como linguagem, polidez, comportamentos corporais, etc. Os valores são coisas ou maneiras desejáveis que orientam as ações e os comportamentos dos indivíduos: honra, justiça, patriotismo, amor ao próximo, etc. Bourdieu (2011) caracteriza *habitus* da seguinte forma:

“Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência que produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.” (p. 87).

Essas disposições duradouras, adquiridas pelo processo de socialização, são atitudes, propensão para perceber, sentir, fazer e pensar interiorizadas pelo indivíduo e

que se tornam princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. Na interiorização, os comportamentos e valores tornam-se óbvios, “naturais” e instintivos, de tal forma que o indivíduo age sem pensar explicitamente nas regras que precisa seguir. O *habitus* é uma estrutura interna em constante estruturação e adaptação às necessidades impostas pelas novas situações; é produto de nossas experiências passadas e presentes. Com o *habitus* percebemos e julgamos a realidade e produzimos nossas práticas (Bonnewitz, 2003).

O *habitus*, segundo Bourdieu (1996), é um fator explicativo da lógica de funcionamento da sociedade:

“Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns. Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas [...]; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro.” (p.21)

De acordo Bonnewitz, (2003), o conceito de *habitus* abarca a noção do homem como ser social e seu comportamento como produto de múltiplas aquisições sociais, forjando uma personalidade individual e social constituída na e pela filiação a uma classe social. Além disso, possibilita a compreensão da lógica das práticas individuais e coletivas, como um jogo social, que permite agir em diferentes campos. Ainda, explicita os mecanismos de reprodução social por “interiorização da exterioridade” e pela “exteriorização da interioridade”.

A palavra *habitus* foi deliberadamente escolhida por Bourdieu para diferenciá-la de hábito considerado algo repetitivo, mecânico, automático, mais reprodutivo que produtor. O *habitus* proposto pelo autor é algo que possui uma potência geradora, produto dos condicionamentos que tende a se reproduzir, mas introduz nele uma transformação. Refere-se ao *habitus* como uma espécie de máquina transformadora que reproduz as

condições sociais de nossa própria produção, mas é relativamente imprevisível, pois a adaptação às situações novas e imprevistas impulsionam constantes ajustamentos imprimindo transformações duráveis do *habitus* (Bourdieu, 2003a). Portanto, o *habitus* pode tanto reproduzir as relações sociais como também transformar a realidade, sempre que as condições objetivas da situação não permitem a atualização do *habitus*. Tais condições podem dar lugar à mudança.

Além do conceito de *habitus*, a teoria de Bourdieu propõe uma visão espacial da sociedade em termos de **espaço social** e **campos sociais** (Bourdieu, 2011). O espaço social é estruturado de acordo com a posse de diferentes formas de capital (econômico, cultural, social e simbólico). A noção de capital é usada por Bourdieu numa analogia à abordagem econômica, que se acumula via investimento, se transmite por herança, obtém-se lucros quando em aplicações rentáveis. Bourdieu (1989) utiliza em suas análises quatro tipos de capital:

- (1) capital econômico – composto por fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais);
- (2) capital cultural – qualificações intelectuais dada pelo sistema escolar ou família, que pode ser em estado incorporado (falar bem em público, por ex.), em estado objetivo (posse de quadros, obras) e estado institucionalizado (títulos acadêmicos);
- (3) capital social – relações sociais do indivíduo ou grupo em trabalho de sociabilidade (convites recíprocos, lazer em comum);
- (4) capital simbólico – conjunto de rituais (boas maneiras ou protocolo) que confere honra, reconhecimento, crédito e autoridade.

O espaço social, de acordo com Bourdieu (2007a), é composto por três classes que ele denomina de classe dominante, pequena burguesia e classe popular, determinados com base em dados estatísticos da França:

- (1) Classes dominantes: depende da importância e grau do capital que seus membros possuem; acumulam diferentes tipos de capital; afirma sua identidade jogando com a distinção, impondo a todos, como legítima, uma visão do mundo social.
- (2) Pequena burguesia: ocupa uma posição média e se caracteriza pela vontade de ascensão social; é subdividido em burguesia em declínio, burguesia de execução e burguesia nova.

- (3) Classe popular: se caracteriza pela quase ausência de qualquer forma de capital, sobrevivem na base de “escolha do necessário”; o valor que une o grupo é a virilidade, dando sentido às práticas e representações, e a aceitação da dominação.

No que se refere aos campos sociais, Bourdieu (1989; 2004a) propõe uma análise do que ele denomina **campos**, que são setores que vão surgindo, à medida que as sociedades evoluem, produzidos pela divisão social do trabalho. Para explicar o que é campo, o autor o concebe como um mercado, com produtores e consumidores de bens. Os produtores se enfrentam, cada qual com seus capitais específicos, objetivando a acumulação de capital para dominar o campo. Desta forma, o capital é um meio e um fim. A estrutura do campo, num tempo histórico, espelha a correlação de forças entre os agentes. As propriedades principais dos campos é serem dotados de um móvel de disputa específico, terem uma história própria e relativa autonomia em relação a outros campos (Bonnewitz, 2003). Bourdieu empreendeu análises de diferentes campos sociais, como o campo artístico, campo acadêmico, campo científico, campo esportivo, etc. Nos parágrafos que se seguem, abordaremos o campo científico e campo esportivo que são mais pertinentes ao nosso estudo.

O campo científico

Bourdieu (1983) define o campo científico como um sistema de relações objetivas, um espaço de jogo de luta concorrencial pelo monopólio de autoridade e de competência científica na busca de um reconhecimento. Autoridade científica é a capacidade técnica e poder social, uma espécie de capital social que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser convertido em outras espécies de capital (Bourdieu, 2004b). Competência é a capacidade de falar e de agir legitimamente, de maneira autorizada e com autoridade. No campo científico, o reconhecimento tende a ser conferido pelo conjunto dos cientistas concorrentes, dependendo dos recursos científicos acumulados e a autonomia do campo. Todas as práticas visam a aquisição de autoridade científica, assim como as estratégias que buscam assegurar a satisfação desse interesse.

No campo científico, distinguir o que é determinação científica e determinação social das práticas é difícil, pois são essencialmente sobredeterminadas. Bourdieu (1983) aponta o quanto é quase impossível a distinção entre interesse intrínseco e interesse extrínseco, entre o que é importante para determinado pesquisador e o que é importante para os outros pesquisadores. O que é percebido como importante e interessante é o que

tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros, é aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante.

Esta análise feita por Bourdieu pode nos fazer entender, por exemplo, como são feitas as escolhas de temas de pesquisa. As escolhas se organizam antecipando, consciente ou inconscientemente, as chances médias de lucro em função do capital acumulado. A tendência dos pesquisadores é se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes porque o fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante. Mas o autor adverte que a competição assim desencadeada tem todas as chances de determinar uma baixa nas taxas médias de lucro material e/ou simbólico e, conseqüentemente, provocar uma migração de pesquisadores em direção a novos objetos menos prestigiados, mas em torno dos quais a competição é menos forte. Dito de outra forma, há uma movimentação de capital de um determinado campo para outro campo socialmente inferior, onde uma competição menos intensa promete lucro maior ao detentor de um determinado capital científico.

Na luta científica os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição de ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem (Bourdieu, 2003a). O capital científico é importante porque o pesquisador depende também de sua reputação junto aos colegas para obter fundos para pesquisa, para atrair estudantes de qualidade, para conseguir subvenções e bolsas, convites, consultas, distinções, etc.

A estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico, resultado das lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e nas disposições e que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições (Bourdieu, 2004b). A estrutura da distribuição do capital científico está na base das transformações do campo científico e se manifesta por intermédio das estratégias de conservação ou de subversão da estrutura que ela mesma produz. Por um lado, a posição que cada agente singular ocupa num dado momento na estrutura do campo científico é a resultante, objetivada nas instituições e incorporada nas disposições, do conjunto de estratégias anteriores desse agente e de seus concorrentes (elas próprias dependentes da estrutura do campo, pois resultam das propriedades estruturais da posição a partir da qual são engendradas). Por outro lado, as transformações da estrutura do campo são o produto de estratégias de conservação ou de

subversão que têm seu princípio de orientação e eficácia nas propriedades da posição que ocupam aqueles que as produzem no interior da estrutura do campo.

O campo científico é sempre o lugar de uma luta mais ou menos desigual devido às características de seus agentes (Bourdieu, 2004b). Geralmente, os agentes têm capital específico diferentes, por isso se apropriam do produto do trabalho científico de forma diferente. Assim, em todo campo, se opõem os dominantes, que ocupam as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, ou novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados no campo. À medida que crescem os recursos científicos acumulados, assim como a elevação do direito de entrada, eleva-se o grau de homogeneidade entre os concorrentes. Aqui a concorrência científica distingue-se em forma e intensidade daquela que se observava anteriormente quando os recursos acumulados eram menos importantes e o grau de heterogeneidade mais elevado. À medida em que a homogeneidade do campo cresce, a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão se enfraquece dando uma nova configuração ao campo científico. Por outro lado, isto faz decrescer a probabilidade das grandes revoluções periódicas dando lugar à inúmeras pequenas revoluções permanentes.

O campo esportivo

Bourdieu é considerado um dos principais autores com um corpus teórico mais sólido sobre o fenômeno esportivo moderno e a constituição do campo esportivo, a partir do conceito de campo por ele estabelecido. Bourdieu sistematizou o *modus operandi* da estruturação da prática esportiva, favorecendo sua compreensão como um campo regido por leis de oferta e demanda. A partir desta linha de pensamento, o autor tenta demonstrar como o esporte é apropriado a partir de uma economia simbólica peculiar, provocando as divisões do mundo social, levando a reforçar mecanismos de dominação (Souza & Marchi (2017).

Os textos em que o fenômeno esportivo foi alvo das reflexões de Bourdieu, produzidos entre os anos 1970 e anos 1980, foram os artigos “Como é possível ser desportista” (Bourdieu, 2003a) e “Programa para uma sociologia do esporte” (Bourdieu, 2004a) e o livro *A distinção: crítica social do julgamento* (Bourdieu, 2007a).

Em “A distinção”, Bourdieu realiza um estudo sobre classes sociais e os mecanismos de diferenciação e estratificação social, na França, empreendendo uma

análise de correlações entre “gosto de classe” e “estilos de vida” desnaturaliza as “classes de gosto” que apresentam uma distribuição social desigual e injusta das competências culturais, escolares e técnicas. Ao buscar relacioná-las a um conjunto maior de práticas, Bourdieu concluiu que tais “classes de gosto” eram, ao mesmo tempo, causa e efeito de determinados *habitus* de classe (Souza & Marchi, 2017). Bourdieu estudou o esporte ao lado de outros bens culturais e de entretenimento, demonstrando que os “gostos de classe”, como *habitus* incorporado, seria um sistema de disposições constituído e acionado consensualmente no sentido de classificar e distinguir, aproximar e distanciar objetivamente indivíduos e grupos: seria um estatuto de distinção. A apropriação das práticas esportivas é plural e conflitiva, com os agentes atribuindo um sentido diferenciado às práticas exteriorizadas de acordo com a oferta no campo - diferentes estratos sociais são atraídos por determinadas práticas esportivas, em momentos históricos diferentes. O autor explica que, nas lutas objetivas travadas subjetivamente entre as classes, o estatuto de distinção é utilizado com a finalidade de preservar as distâncias sociais e permitir aos agentes de uma mesma classe se reconhecerem e se identificarem uns com os outros (Bourdieu, 2007a). Como pode ser observado, o modelo bourdieusiano empreende uma leitura sistemática das variações de significação e de funções sociais das diferentes práticas esportivas, tendo como ponto de sustentação a análise sistemática do *habitus* dos agentes de classe.

Esses textos apresentam possibilidades de leitura do fenômeno esportivo considerando: as disputas do amadorismo versus profissionalismo; os usos e os sentidos dominantes que as elites impuseram às práticas esportivas nas *public schools*; as lutas entre os organismos mantenedores do esporte; o divórcio entre o consumo e a prática esportiva; o desenvolvimento do espetáculo de entretenimento esportivo; o estudo das disposições esportivas, isto é, dos usos do corpo no esporte e da dominação masculina historicamente engendrada no campo esportivo moderno. Todos esses temas são profundamente pertinentes ao fazer do psicólogo do esporte no mundo contemporâneo e podem ser úteis na compreensão desse mundo.

Como pode se ver, a relevância da teoria de Bourdieu é inegável e mostra várias vantagens. Apesar de sua complexidade, sua abordagem ainda constitui uma alternativa de análise social importante e convincente para os seres humanos que procuram entender o “jogo social” no qual participamos (Laberge. & Kay, 2002). Sua utilidade pode ainda ser demarcada da seguinte forma: (1) Ele aborda as práticas esportivas por seu valor

simbólico, sua significância para um grupo social e por produzir diferenciação social (Bourdieu, 2007a). A teoria, portanto, revela um papel crítico desempenhado pela prática esportiva na construção e afirmação de identidade e da diferença; (2) A noção de *habitus*, um dos seus principais fundamentos, desmistifica a noção de que o gosto de uma pessoa para a prática esportiva é resultado de uma disposição “natural” ou traço psicológico. Ao contrário, o gosto é gerado por uma relação específica de uma classe para com o corpo e pelas diferenças de percepção e apreciação das vantagens esperadas por sua prática (Bourdieu, 2007a). O *habitus* também transcende a oposição tradicional entre estrutura e agência que sugere que disposições, percepções e apreciação em relação à prática esportiva são geradas por esquemas classificatórios adquiridos através de socialização específica a uma dada posição na estrutura social hierárquica; (3) A teoria de Bourdieu coloca um papel central do sistema simbólico – ou cultura – nas relações de poder. Para Bourdieu (1989), o sistema simbólico preenche uma função política por contribuir ativamente na legitimação e naturalização das diferenças sociais e, assim, para a construção e manutenção de uma dada ordem social; (4) O conceito de campo fornece um instrumento para reconhecer recursos em pauta na área esportiva, para identificar fontes de conflito entre grupos sociais e instituições e desvelar padrões latentes de interesse e luta na definição de práticas esportivas “legitimadas”.

Para finalizar, exaltamos como uma das qualidades mais pertinentes é a contribuição da sua teoria para a luta contra a dominação social ao “...proporcionar uma pequena chance de conhecer qual jogo nós jogamos e minimizar as formas pelas quais nós somos manipulados pelas forças do campo do qual nós emergimos, assim como pelas forças sociais que operam de dentro de nós mesmos” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 198). Essa qualidade é cara à Psicologia Social que iremos defender neste trabalho.

5. Método

A presente pesquisa foi do tipo descritivo cuja finalidade é descrever em detalhes as características de determinada população, situação, fenômeno, ou averiguar relações entre variáveis (Gil, 1999; Sellitz *et al.*, 1965). Pode ser também considerada uma pesquisa bibliográfica que permite o contato direto com as fontes que investigam os temas em estudo e são reconhecidamente científicas, bem como uma pesquisa documental que se ocupa em buscar informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico (Oliveira, 2007). Enquadra-se, da mesma forma, num tipo de pesquisa denominada metaciência que vem sendo desenvolvida em universidades brasileiras nas últimas décadas (Granja, 1995), em artigos e livros utilizando este tipo de pesquisa (Witter, 2005). A metaciência permite analisar e avaliar a produção científica de determinada área de conhecimento, desencadeando reflexões que podem nortear a ampliação de temas e áreas para estudos posteriores, pontuar pesquisas simultâneas sobre mesmo tema, em detrimento de outros, redirecionar recursos humanos e financeiros existentes para os estudos de temas ainda não consolidados (Pacheco, 2005).

O *locus* desta pesquisa foram as instituições de ensino superior situadas em Minas Gerais que possuíam programas de pós-graduação *stricto sensu* dos cursos de Psicologia e Educação Física, recomendados pela CAPES. Essa decisão se baseou no fato de que uma análise da produção científica de uma disciplina que se denomina ciência seria melhor analisada no *locus* designado para se produzir ciência, pois tais instituições científicas são regidas por regras específicas sobre como fazer ciência. Os cursos de Educação Física também foram selecionados porque uma quantidade razoável de estudos sobre PE tem sido produzida por esse campo, além de pertencer, assim como a PE, ao campo das Ciências do Esporte (Rubio, 2003; Weinberg & Gould, 2001). A escolha de Minas Gerais veio do meu compromisso em contribuir para o desenvolvimento das condições da comunidade que a cerca e ampliar as possibilidades para o debate sobre o fazer do psicólogo do esporte em Minas Gerais. Meu desejo e intenção foi ampliar minha contribuição nacionalmente com uma análise da produção brasileira, mas a decisão acabou sendo influenciada pela duração máxima de dois anos dos cursos de mestrado, resultando em tempo insuficiente para esta amplitude de pesquisa.

Elegemos como fontes predominantes as teses e dissertações, que propõem uma pesquisa original sobre determinado tema e são apresentados pelo aluno para uma banca

examinadora, em sessão pública, numa faculdade ou universidade, constituindo-se em um importante documento, fruto de anos investidos em pesquisa (Cunha, 2001). Além disso, é geralmente realizado sob a supervisão de um orientador credenciado, experiente e com publicações relacionadas à área pesquisada.

O recorte temporal proposto situou-se entre os anos 1980 e 2012. O período escolhido para o pontapé inicial foi a década de 1980, porque foi nesta época que os conhecimentos psicológicos começaram a ser reivindicados nas reformas curriculares dos cursos de graduação em Educação Física e, posteriormente, introduzidos em disciplinas obrigatórias (Brandão, 2000). Esta autora aponta também um aumento na contribuição das Ciências do Esporte para o desenvolvimento dos conhecimentos psicológicos no esporte, provavelmente impulsionado pela criação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências do Esporte e Psicologia, nos anos oitenta, especialmente em Minas gerais. Decidiu-se estender este período até os anos recentes com o intuito de verificar até que ponto as decisões do CFP alteraram o percurso da produção científica da área. Lembrando que, em 2000, o CFP (CFP, 2000) aprovou e instituiu o título profissional de especialista em Psicologia do Esporte e seu respectivo registro nos Conselhos Regionais e em 2007 (CFP, 2007), definiu os requisitos necessários para a obtenção do título de especialista. Considerou-se que esse fato poderia ter influenciado na configuração da produção científica, pois, a partir das decisões do CFP, os profissionais de Educação Física deixaram de atuar diretamente com intervenções na área, restringindo-se ao ensino e à pesquisa. Nesse sentido, a produção teórica sobre a prática da PE pode ter sido afetada, o que a presente pesquisa tentou desvendar através da análise da produção científica no período. Um outro motivo que consideramos relevante, foi a permanência do principal pesquisador influenciador da área até 2012, em uma das instituições pesquisadas, completando um ciclo de determinado tipo de pesquisa. Assim, esperou-se que este recorte temporal pudesse fornecer um panorama das tendências da produção científica da PE, incluindo a última década, a partir da regulamentação da especialidade pelo CFP.

A seguir, os caminhos percorridos para a análise das dissertações e teses serão explicitados.

5.1. Procedimentos

Os procedimentos adotados na presente pesquisa foram baseados na análise de conteúdo. Bauer e Aarts, (2002), referindo-se à Krippendorff (1980), afirma que a análise de conteúdo pode ser utilizada para diferentes fins: 1) verificar tendências e padrões de mudança, 2) fazer comparações; 3) construir índices de quantidade de cobertura indicando uma posição do aspecto na sociedade; e 4) reconstruir “mapas de conhecimento” construindo redes de unidades de análise e suas relações. Além disso, os autores apresentam outra qualidade da análise de conteúdo que é reduzir a complexidade de um texto, envolvendo uma classificação sistemática e contagem de unidades de texto, podendo também implicar um tratamento estatístico dessas unidades. A validade da análise de conteúdo deve ser buscada na fundamentação nos materiais pesquisados, na teoria do pesquisador e objetivo da pesquisa. Levando em conta tais considerações, optamos por adotar como referência Bardin (1977), que define análise de conteúdo (AC) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p.42)

A autora propõe na AC várias técnicas: análise de expressão, análise de relações, análise temática ou categorial e análise da enunciação. Para os objetivos propostos pelo presente projeto, a análise temática/categorial foi considerada a mais adequada. A análise da temática, a partir da contagem de frequência de unidades de significados, desvenda o caráter do discurso e, qualitativamente, os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso pela presença de temas específicos (Minayo, 1999).

Seguindo a proposta de Bardin (1977), organizamos a análise de conteúdo em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação.

Na primeira etapa, a autora recomenda que numa pré-análise se faça o contato inicial com os documentos, que ela denomina “leitura flutuante”, quando o material é organizado e selecionado para compor o corpus da pesquisa. No presente estudo, esta fase foi cumprida realizando-se, inicialmente, o levantamento das instituições com PPGs em PSI e EFI. Em seguida, buscou-se a seleção das teses e dissertações a partir da leitura dos títulos e resumos indexados, das respectivas palavras-chave ou título, que contivessem explicitados os termos psicologia do esporte, psicologia e esporte, psicologia

e educação física ou qualquer uma das temáticas levantadas na revisão de literatura, relacionadas ao esporte competitivo, a saber: motivação, autoestima, liderança ativação, estresse, ansiedade, estado de humor, autoconfiança, concentração, autoeficácia, atenção, competência, afeto, emoção, burnout, imagem corporal, agressividade, personalidade, percepção subjetiva de esforço, controle emocional, instrumentos psicológicos, carreira esportiva, capacidade ou rendimento mental, efeitos psicológicos, comportamentos aditivos e patológicos, qualidade de vida, influência parental, identidade e esporte, distúrbios alimentares, coesão de grupo, intervenção psicológica, estabelecimento de metas, satisfação de vida e atlética, talento no esporte, intervenção comportamental para treinadores, conflitos de atletas, ética e história da PE. Em casos de caracterização incompleta da pesquisa no título, resumo ou palavras-chave, o texto na íntegra foi pesquisado. Nesta etapa, as teses e dissertações foram buscadas na base de dados da CAPES, BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, BVS-Psi Brasil - Biblioteca Virtual em Psicologia Brasil, NUTESES/UFU – Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação Física, Esportes e Educação Especial, da Universidade Federal de Uberlândia, sites dos cursos de pós-graduação das instituições pesquisadas, bibliotecas dos cursos pesquisados. Uma vez selecionadas as teses e dissertações, passou-se para a fase seguinte.

Na segunda etapa, que Bardin denomina de exploração do material, é efetuada a codificação em unidades de registro, a escolha das regras de contagem, a classificação e a agregação dos dados em categorias teóricas, decifrando e especificando-se os temas/categorias. Esta fase corresponde à coleta de dados propriamente dita. Para esse fim, uma planilha foi elaborada contendo as seguintes categorias de análise: nome do autor; instituição; ano da defesa; formação do autor; gênero do autor; temática do estudo; abordagem do estudo; dados do sujeito da pesquisa – categoria (atleta, árbitro, técnico esportivo) - e nome e gênero do orientador da pesquisa e sua formação. Nas situações em que não foi possível detectar a área de formação do autor da pesquisa e/ou do orientador, uma busca foi realizada no Currículo Lattes, no site do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em novembro de 2017.

Na terceira e última fase, tratamento dos resultados obtidos e interpretação, os dados receberam tratamento estatístico em termos de frequência, propondo e realizando interpretações. Nesta fase, retornou-se ao referencial teórico do estudo, procurando embasar as análises dando sentido aos dados analisados, apresentados nos próximos

capítulos. De acordo com Bardin (1977), as interpretações devem ser pautadas em inferências para se buscar o que se esconde por trás dos significados das palavras para desvendarem o discurso dos enunciados. Os dados coletados e analisados possibilitaram o mapeamento das tendências da produção científica, em Minas Gerais, obtendo-se uma caracterização da produção por instituição, por nível do programa, por autor e orientador, que serão apresentados no capítulo que se segue.

6. Resultados

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa cujo objetivo geral foi analisar a produção científica em Psicologia do Esporte, em Minas Gerais, entre 1980 e 2012, a partir dos quatro objetivos específicos, a saber:

1. Identificar os programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física, recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que apresentam teses e dissertações sobre temáticas relacionadas à Psicologia do Esporte.
2. Identificar e analisar as dissertações e teses sobre PE defendidas, no período proposto, o gênero dos autores e orientadores e suas respectivas áreas de formação.
3. Identificar, descrever e analisar as temáticas presentes nas teses e dissertações.
4. Identificar, descrever e analisar as abordagens teóricas da Psicologia adotadas nos estudos e os sujeitos das pesquisas.

A seguir, apresentaremos os resultados do levantamento dos programas de Pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física das instituições de Minas Gerais.

6.1. Programas de pós-graduação em Psicologia e Educação Física, recomendados pela CAPES

Os Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Psicologia, recomendados pela CAPES, e suas respectivas notas, foram localizados em seis instituições: PUC/MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora; UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rey; UFU – Universidade Federal de Uberlândia; e UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro. A pesquisa foi realizada na Plataforma Sucupira - CAPES, em setembro de 2017. Os resultados estão no QUADRO 2.

QUADRO 2. Programas de Pós-Graduação em Psicologia, de Minas Gerais, recomendados pela CAPES e respectivas notas, pesquisados pelo presente estudo.

Programas de Pós-Graduação em Psicologia - MG			
Instituições	Total	ME	Nota
PUC	2	1	4
UFJF	2	1	4
UFMG	2	1	5
UFSJ	1	1	3
UFU	1	1	4
UFTM	1	1	3

Os dados relativos aos PPGs em Educação Física, recomendados pela CAPES, constantes na Plataforma Sucupira, em setembro de 2017, e suas respectivas notas, estão no QUADRO 3. Os programas encontrados foram três, localizados nas seguintes instituições: UFMG, UFTM e UFV/UFJF. A UFV e a UFJF compõem juntas um PPG em nível de mestrado e doutorado em Educação Física.

QUADRO 3. Programas de Pós-Graduação em Educação Física, de Minas Gerais, recomendados pela CAPES, e respectivas notas, pesquisados pelo presente estudo.

Programas de Pós-Graduação em Educação Física - MG			
Instituição	Total	Mestrado	Nota
UFMG	2	1	5
UFTM	1	1	3
UFV/UFJF	2	1	4

A seguir, apresentaremos os resultados encontrados na busca das dissertações e seus respectivos autores e orientadores.

6.2. Dissertações sobre PE defendidas em Minas Gerais, entre 1980 e 2012, e características dos respectivos autores e orientadores e sujeitos das pesquisas.

O levantamento da produção científica sobre PE nos PPGs, de Minas Gerais, revelou um total de 55 (cinquenta e cinco) dissertações, supervisionadas por 9 (nove) diferentes orientadores (ver QUADROS 10 a 13, em Apêndices). Como foi encontrado apenas uma tese de doutorado no período proposto, considerando todos os PPGs pesquisados, decidiu-se não contabilizar esse dado e analisar apenas as dissertações de mestrado dos programas. As informações curriculares referentes à área de formação dos(as) autores(as) e orientadores(as) foram obtidas por consulta que fizemos em seus currículos disponibilizados na Plataforma Lattes/ CNPq.

Em relação à Psicologia, como vimos no QUADRO 2, seis instituições de Minas Gerais tinham programas de pós-graduação em Psicologia, recomendados pela CAPES. Destes seis, apenas um, o da UFU, apresentou 3 (três) dissertações cuja temática era PE, de autoria de três psicólogos, supervisionadas por 3 (três) orientadores diferentes, com formação em PSI. Os orientadores foram os seguintes professores: Sinésio Gomide Júnior, Cláudio Vital de Lima Ferreira e Marília Ferreira Dela Coleta. Portanto, das 55 (cinquenta e cinco) dissertações sobre PE produzidas em Minas Gerais, apenas 3 (três) foram produzidas por psicólogos em PPG em Psicologia, aproximadamente 5 (cinco) por cento da produção científica total de Minas Gerais. Os dados estão apresentados no QUADRO 4. Os programas de PSI da UFMG e o da UFJF apresentaram pesquisas dentro da temática, mas as dissertações foram defendidas após 2012.

No que se refere à Educação Física, os resultados (QUADRO 3) demonstraram que havia três PPGs recomendados pela CAPES, ofertados por 4 (quatro) instituições. Dos programas recomendados, somente o da UFMG e da UFJF/UFV continham pesquisas com temáticas relacionadas à PE, dentro do critério temporal adotado no estudo. A UFTM apresentou pesquisas dentro da temática, mas, por ser um programa recentemente recomendado, as dissertações foram defendidas após 2012, nosso limite de recorte temporal.

No PPG da EFI da UFMG, dois orientadores contribuíram juntos com 44 (quarenta e quatro) dissertações: Dietmar Martin Samulski com 34 e Luiz Carlos Couto

de Albuquerque Moraes com 10, ambos profissionais de EFI (QUADRO 4). O programa da UFJF/UFV apresentou 8 (oito) dissertações, das quais 3 (três) foram orientadas por professores da UFV: 2 (duas) orientadas por José Geraldo do Carmo Salles e 1 (uma) por Eveline Torres Pereira, ambos profissionais formados em EFI. A UFJF contribuiu com 5 (cinco) dissertações, sendo 3 (três) de Renato Miranda e 2 (duas) de Maria Elisa Caputo Ferreira, ambos profissionais de EFI. Assim, do total de 55 (cinquenta e cinco) dissertações do Estado de Minas Gerais, com temáticas de PE, 52 (cinquenta e duas) foram oriundas dos PPGs em Educação Física, o que equivale a aproximadamente 95% da produção científica total de Minas Gerais. Os restantes 5% são produzidos nos programas da PSI. Os dados obtidos dos programas referentes à Educação Física podem ser consultados no QUADRO 4.

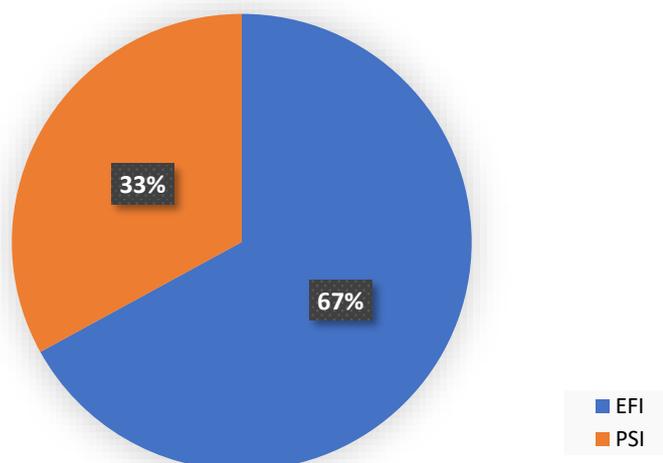
QUADRO 4. Número de dissertações das instituições de ensino superior de Minas Gerais, com programas de pós-graduação recomendados pela CAPES e seus respectivos orientadores e instituições.

ORIENTADOR	INSTITUIÇÕES				TOTAL N	Porcentual %
	UFMG	UFV	UFJF	UFU		
1. Samulski, Dietmar M.	34	-	-	-	34	61
2. Moraes, Luiz C.C. A.	10	-	-	-	10	18
3. Salles, José G.C.	-	02	-	-	02	04
4. Pereira, Eveline T.	-	01	-	-	01	02
5. Ferreira, Maria E. C.	-	-	02	-	02	03
6. Miranda, Renato	-	-	03	-	03	05
7. Gomide Jr, Sinésio	-	-	-	01	01	02
8. Ferreira, Cláudio V. L.	-	-	-	01	01	02
9. Dela Coleta, Marília F.	-	-	-	01	01	01
Total N	44	03	05	03	55	100
Percentual %	80	05	10	05	-	100

Os dados até aqui apresentados sobre a formação dos orientadores podem ser resumidos da seguinte forma: do total de 9 professores orientadores responsáveis pela

produção acadêmica em PE, seis (aproximadamente 67%) tem formação em EFI e estão nos departamentos de EFI e três (33%) tem formação em PSI e estão nos departamentos de PSI (Gráfico 1).

Gráfico 1. Áreas de formação dos orientadores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em Minas Gerais.



E quanto à formação profissional dos autores? Os dados sobre a formação dos autores foram pesquisados na Plataforma Lattes/CNPq, nominalmente, e obtivemos a seguinte configuração: 70% tem formação em EFI; 9% formação em PSI; 9% formação em Fisioterapia (FIS); 4% formação dupla em EFI e PSI; 2% formação dupla em EFI e FIS; 2% formação dupla em EFI e Odontologia (ODO) e 4% formação não identificada (NI). Os dados podem ser observados no QUADRO 5.

QUADRO 5. Formação profissional dos autores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em Minas Gerais.

Autores	Áreas de formação profissional dos autores							Total
	EFI	FIS	PSI	EFI/PSI	EFI/FIS	EFI/ODO	NI	
N	39	5	5	2	1	1	2	55
%	70	9	9	4	2	2	4	100

A análise da categoria gênero foi realizada tanto dos orientadores como autores.

Nesta categoria, os resultados encontrados em relação aos orientadores (N=9) foram: 6 eram do sexo masculino (67%) e 3 do sexo feminino (33%). Desses 6 profissionais do sexo masculino, 4 (45%) eram da área EFI e 2 (22%) da área PSI. Entre os profissionais do sexo feminino, 2 (22%) tinham formação em EFI e 1 (11%) formação em PSI. Os dados são apresentados no Quadro 6.

Podemos resumir esses dados da seguinte forma: houve dominância masculina na categoria orientação; entre orientadores do sexo masculino, a dominância foi da formação EFI; e entre orientadores do sexo feminino também houve dominância da formação EFI.

QUADRO 6. Resultados da análise da categoria gênero versus formação profissional dos orientadores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em Minas Gerais.

Gênero	Área de formação dos orientadores			
	N / %	EFI	PSI	Total
Masculino	N	4	2	6
	%	45	22	67
Feminino	N	2	1	3
	%	22	11	33
Total	N	6	3	9
	%	67	33	100

No que se refere à análise dos autores, nos casos de formação dupla, tomou-se a decisão de alocar o autor no grupo “não EFI”, uma vez que todos com dupla formação tinham como uma delas a EFI. Assim, ao invés de inflar o grupo com formação EFI,

destacamos outras formações com interesse na PE, o que poderia enriquecer a análise do mapeamento realizado.

Em relação à autoria, os resultados encontrados na análise da categoria gênero foram: sendo N=55, 34 eram do sexo masculino (62%) e 21 do sexo feminino (38%). Desses 34 autores do sexo masculino, 25 (46%) tinham formação em EFI, 5 (9%) formação em FIS, 3 (5%) formação em PSI e 1 (2%) formação não identificada. Das 21 autoras, 14 (25%) tinham formação em EFI, 4 (7%) formação em PSI, 1 (2%) formação em FIS, 1 (2%) formação em ODO e 1 (2%) formação não identificada (QUADRO 7). Resumindo: houve dominância masculina na categoria autoria; entre autores do sexo masculino, a dominância foi da formação EFI; e entre autores do sexo feminino, a dominância também foi da formação EFI.

QUADRO 7. Resultados da análise da categoria gênero versus formação profissional dos autores das dissertações sobre PE, nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em Minas Gerais.

Gênero	Área de formação dos autores						
	N / %	EFI	PSI	FIS	ODO	NI	Total
Masculino	N	25	3	5	-	1	34
	%	46	5	9	-	2	62
Feminino	N	14	4	1	1	1	21
	%	25	7	2	2	2	38
Total	N	39	7	6	1	2	55
	%	71	13	11	2	4	100

Os tipos de sujeito levantados nos estudos das dissertações e suas respectivas percentagens de ocorrência foram: 1 – atleta (71%); 1 – treinador (25%); árbitro (2%); e outros (2%). Em situações em que a pesquisa utilizou dois tipos de sujeitos, como no caso treinador/atleta, optou-se por categorizar o sujeito da pesquisa como treinador, em vez de

atleta. Esta opção foi feita para se ter uma ideia melhor da visibilidade do treinador nas pesquisas, tendo em vista sua importância no treinamento do atleta e a performance resultante.

6.3. Temáticas relacionadas com a PE das dissertações

O levantamento das dissertações defendidas nos cursos de pós-graduação em Educação Física e Psicologia de Minas Gerais realizado para este estudo permitiu detectar 55 (cinquenta e cinco) dissertações com temáticas relacionadas à PE.

As temáticas foram, num primeiro momento, levantadas pelo resumo e palavras-chaves indicadas pelo autor. Nos casos em que a temática não ficou clara, o texto completo da dissertação foi consultado. Uma vez definida a temática de todas as dissertações, foi possível detectar 21 temáticas diferentes, que são listadas a seguir, com as respectivas percentagens de ocorrência: 1 - análise do estresse psíquico (25%); 2 - Liderança do treinador (9%); 3 - Qualidade de vida do atleta (7%); 4 - *Expert performance* do atleta (7%); 5 - *Expert performance* de treinador (7%); 6 - Carreira de atleta (5%); 7 - Motivação (5%); 8 - Treinamento mental (5%); 9 - Estado cognitivo e afetivo da performance do atleta (4%); 10 - Controle da dor (4%); 11 - Identidade do atleta; 12 - Atribuição causal de competência; 13 - Imagem corporal/transtorno alimentar em atletas; 14 - Representação do corpo de atletas de *Body Building*; 14 - Carreira de treinadora; 16 - Teoria do fluxo e desempenho; 17 - *Dropout*; 18 - Disciplina; 19 - *Burnout* em treinador; 20 - Agressividade; 21 - Tempo Reação e fadiga mental, ativação, concentração, com 2% cada uma. Os dados completos estão no QUADRO 8.

QUADRO 8. Relação das temáticas das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação Educação Física e Psicologia, em Minas Gerais, entre 1980 e 2012.

N	Temáticas	Total	%
1	Análise do estresse psíquico	14	25
2	Liderança do treinador	5	9
3	Qualidade de vida do atleta	4	7
4	<i>Expert performance</i> do atleta	4	7
5	<i>Expert performance</i> de treinador	4	7
6	Carreira de atleta	3	5
7	Motivação	3	5
8	Treinamento mental	3	5
9	Estado cognitivo e afetivo da performance do atleta	2	4
10	Controle da dor	2	4
11	Identidade do atleta	1	2
12	Atribuição causal de competência	1	2
13	Imagem corporal/transtorno alimentar em atletas	1	2
14	Representação do corpo de atletas de <i>Body Building</i>	1	2
15	Carreira de treinadora	1	2
16	Teoria do fluxo e desempenho	1	2
17	<i>Dropout</i>	1	2
18	Disciplina	1	2
19	<i>Burnout</i> em treinador	1	2
20	Agressividade	1	2
21	Tempo Reação e fadiga mental, ativação, concentração	1	2
Total	Número de dissertações	55	100

6.4. As abordagens teóricas da Psicologia adotadas nas dissertações

No presente estudo, conforme apresentamos no tópico Revisão de Literatura, as abordagens seriam mapeadas obedecendo as seguintes denominações: cognitivo-comportamental, psicanalítica, humanística-existencial, psicofisiológica e psicossocial para categorizar as abordagens utilizadas nas pesquisas.

Para realizar o levantamento das abordagens, um primeiro momento, foram feitas as leituras do Resumo de cada dissertação. Quando não era possível definir a abordagem pelo Resumo, o texto completo da dissertação foi consultado. O tratamento dos dados foi realizado por instituição e por orientador. As abordagens mais utilizadas e suas respectivas ocorrências, em percentagem, foram: cognitivo-comportamental (96%), psicanalítica (2%) e psicossocial (2%). Os resultados estão contidos no QUADRO 9.

QUADRO 9. Abordagens teóricas da Psicologia adotadas nas dissertações por orientador

Orientador	Instituição	Abordagens Teóricas da Psicologia		
		Cognitivo-Comportamental	Psicanalítica	Psicossocial
Samulski, D.M.	UFMG	34	-	-
Moraes, L.C.C.A.	UFMG	10	-	-
Salles, J.G.C.	UFV	1	-	1
Pereira, E.T.	UFV	1	-	-
Ferreira, M.E.C.	UFJF	2	-	-
Miranda, R.	UFJF	3	-	-
Gomide Jr	UFU	1	-	-
Ferreira, C.V.L.	UFU	-	1	-
Dela Coleta, M.F.	UFU	1	-	-
Total (N)	-	53	1	1
Total (%)	-	96	2	2

No capítulo, a seguir – Discussão dos Resultados -, apresentaremos um debate e reflexão sobre o panorama que se descortinou a partir dos dados coletados.

7. Discussão dos Resultados

Neste capítulo procederemos a discussão dos resultados da Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu (1983) e dos desenvolvimentos históricos da Psicologia, da Educação Física e Psicologia do Esporte (PE) nacional e internacional.

A discussão foi planejada acerca dos quatro objetivos específicos, a saber:

1. Identificar os programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia e Educação Física, recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que apresentam teses e dissertações sobre PE, entre 1980 e 2012.
2. Identificar e analisar as dissertações e teses sobre PE defendidas, no período proposto, o gênero dos autores e orientadores e suas respectivas áreas de formação.
3. Identificar, descrever e analisar as temáticas presentes nas teses e dissertações.
4. Identificar, descrever e analisar as abordagens teóricas da Psicologia adotadas nos estudos e os sujeitos das pesquisas.

Organizamos o capítulo de forma didática, seguindo a sequência dos objetivos conforme apresentados acima. Aglutinamos os objetivos (1) e (2) para a discussão, uma vez que os resultados encontrados no objetivo (2) ajudam a explicar os resultados encontrados no objetivo (1).

7.1. A produção científica em dissertações sobre Psicologia do Esporte em Minas Gerais, entre 1980 e 2012: autores e orientadores

O levantamento realizado pela presente pesquisa demonstrou que Minas Gerais tem seis Programas de Pós-Graduação em Psicologia, recomendados pela CAPES, nas seguintes instituições: PUC/MG, UFJF, UFMG, UFSJ, UFU e UFTM. Desses seis programas apenas o da UFU apresentou dissertação com temática em PE. Por outro lado, os Programas de Pós-Graduação em Educação Física foram apenas três: UFMG, UFTM e UFV/UFJF. Importante observar que duas instituições (UFV/UFJF) tiveram que se unir para comporem um programa, caso contrário seriam apenas dois programas. Desses três programas, duas apresentaram produção científica em PE.

Esses dados revelaram que a área PSI tem muito mais tradição em pesquisa e pós-graduação do que a área EFI, tendo mais capital científico para investimento contínuo em programa de pós-graduação *stricto sensu*. No entanto, quando pesquisamos quais programas e quais áreas (PSI ou EFI) contribuíram para a produção científica em Psicologia do Esporte – ressalto aqui uma especialidade da PSI, por força da Resolução CFP N° 014/2000 - os dados foram surpreendentes: 95% da produção total de 55 dissertações foram oriundas dos programas de pós-graduação da EFI, majoritariamente do programa da área da EFI da UFMG. Apenas 5% das dissertações (3) foram da PSI, todos da UFU, com 3 orientadores diferentes. Esses dados foram surpreendentes e, no meu entender, deve ser ponto de debate entre autoridades responsáveis pela coordenação de cursos de Psicologia.

Pergunta-se: quais seriam, ou estão sendo, as consequências desse panorama para o desenvolvimento da área da PE, principalmente para a área profissional? A minha leitura é que elas estão sendo muito prejudiciais para a área da PE, em formação. Por outro lado, como veremos mais adiante na discussão sobre a formação de um campo científico, isto pode ser tomado também como uma vantagem para a área, no sentido de construir um campo com as próprias especificidades.

Uma das consequências que se tem observado é a ocupação da área por outros profissionais, além do profissional da EFI. Como o CFP e o CONFEF – Conselho Federal de Educação Física - já superaram a controvérsia sobre a quem compete exercer a função profissional de psicólogo do esporte – o profissional da EFI pode ser professor/educador e pesquisador em PE, é o CFP que é a autoridade legal que é chamada a responder às interpelações sobre situações e fatos que são percebidas pela sociedade como “problema psicológico” do atleta, do treinador esportivo, da equipe esportiva, árbitro, etc., nas grandes competições esportivas, ou mesmo nos treinamentos, vestiários e alojamento de atletas. Mas, sem o capital científico, que lhe conferiria autoridade, competência, reconhecimento e poder, tais interpelações nem sempre encontram eco na área PSI que poderiam mostrar para a sociedade que tipo de trabalho desenvolve no campo esportivo. Esta é uma ação de visibilidade e difusão de uma profissão que é fundamental para que a profissão seja conhecida e se desenvolva. Na ausência de profissionais que respondessem às interpelações de que falamos acima, a área PSI deixa aberta a porta para a entrada de outros profissionais para atuarem no lugar do psicólogo esportivo como, por exemplo, a do *coaching* esportivo que pode ser exercido por qualquer pessoa, desde que tenha formação em *coaching*, independentemente de sua formação acadêmica original. O que

se questiona aqui é o fato de o atleta ou equipe esportiva preferir esse profissional, em vez do psicólogo do esporte. Por que será que isso tem acontecido? A resposta a esta pergunta merece investigação e serve de alerta para se repensar e refletir a efetiva participação do psicólogo numa área em que ela própria tomou para si legalmente há quase duas décadas atrás, sem, no entanto, buscar ocupar o espaço reivindicado, sem cumprir o objetivo de inserção e responsabilidade social para com o setor da sociedade a que deveria servir.

Outra situação recorrente atualmente é uma ausência de psicólogos do esporte nas discussões promovidas na mídia televisiva pelos comentaristas esportivos na imprensa esportiva. Quando se discute sobre um evento esportivo e vem à tona um debate sobre a importância e repercussão de um eficiente treinamento esportivo com referência aos fatores físicos, técnicos, táticos e, principalmente, psicológicos, geralmente há sempre um convidado para responder por cada um desses fatores, menos o psicólogo do esporte. Por que será? Por que esse espaço não é ocupado pelo psicólogo? Interessante é que, quando se conclui que os atletas/equipes se equivalem nas condições físicas, técnicas e táticas, o próprio grupo reunido acaba chegando à conclusão de que o fator decisivo é a condição psicológica. A partir disso, a discussão prossegue numa análise leiga e imprópria sobre o que é o psicológico em questão. Presenciando tais situações, sempre surge o questionamento: qual o motivo pelo qual não se convida um psicólogo do esporte para se discutir um fator que é considerado tão importante e tão instigante do mundo esportivo? Fica aqui o desafio de se buscar uma explicação para isso, considerando que a televisão é um dos meios de comunicação mais potentes no sentido de dar visibilidade, poder e possibilidade de divulgação da prática esportiva (Bourdieu, 1997) e o psicólogo do esporte apresentar o tipo de trabalho que realiza no campo esportivo.

Além dessas consequências discutidas nos parágrafos acima, a ínfima participação da PSI na produção científica em dissertações sobre PE pode ter repercussão, em efeito cascata, por exemplo, na produção científica em periódicos, como mostrou a pesquisa de Vieira, Nascimento & J.L.L. Vieira (2013). Os autores fizeram a pesquisa em sete periódicos da EF e onze da Psicologia, entre 2002 e 2012, e encontraram 377 artigos sobre PE produzidos por discentes e docentes de programas de pós-graduação em Educação Física e Psicologia. Os dados indicaram que 86,97% dos artigos foram publicados em periódicos da EFI e 13,03% da Psicologia. Apesar de um número maior de periódicos disponíveis da Psicologia, os autores preferiram buscar uma audiência nos leitores da EFI. Qual poderia ser a explicação para esse fato? Novamente, buscar uma resposta a esta

pergunta é imprescindível para o crescimento e desenvolvimento da área da PE. Indo além, essa defasagem pode, provavelmente, também ser confirmada em apresentação de trabalhos em congressos e simpósios, mas não é do escopo deste estudo e pode ser tema de pesquisa futura.

Nos parágrafos que se seguem, prosseguiremos com a análise do panorama apresentado norteado pela pergunta que define o título do subtópico que se segue.

7.2. Por que a produção científica não foi predominante na área da PSI, considerando que a PE é uma especialidade da área PSI, via disposição legal do CFP?

A resposta à esta primeira questão não é fácil, por ser ampla e complexa, por isso pode-se vislumbrar inúmeras respostas. Uma das possíveis explicações buscamos na história da área, como apresentamos no Capítulo 3 – Revisão de Literatura. Nos parágrafos que se seguem, tentaremos analisar esta questão, a partir dos dados encontrados neste estudo.

7.2.1. Análise da formação de autores e orientadores

A análise da formação profissional dos autores e respectivos orientadores pode iluminar o caminho que a PE vem percorrendo e nos fazer compreender por que a PE assim se configurou em Minas Gerais. Os dados sobre a formação dos orientadores e autores foram pesquisados na Plataforma Lattes/CNPq, nominalmente, e obtivemos os seguintes resultados: no que se refere aos orientadores, aproximadamente 67% têm formação em EFI e estão nos departamentos de EFI e 33% têm formação em PSI e estão nos departamentos de PSI; no que se refere aos autores, 71% têm formação em EFI e cursaram o seu mestrado em departamentos EFI; 13% dos autores têm formação em PSI e elaboraram suas dissertações em departamentos EFI e PSI; os demais têm formação em outras áreas como Fisioterapia, Odontologia ou formação não identificada.

Um aspecto importante da estrutura do campo científico da PE que os dados desta pesquisa desvendaram foi seu caráter multidisciplinar, ainda que em dados quantitativos pequenos. Talvez, num universo maior de autores de dissertações essa tendência poderia ser maximizada e ficar mais evidente. Observou-neste estudo a presença de quatro áreas de formação: EFI, PSI, FIS e ODO, indicando o quanto a PE é uma área que atravessa várias disciplinas. Interessante notar que a EFI predomina nas duplas formações,

denotando uma ideia que tende a apontar a importância da EFI, via fundamentação teórica principalmente sobre fisiologia do esporte, biomecânica do esporte, pedagogia do esporte, sociologia do esporte, filosofia do esporte, nutrição esportiva, etc., na formação em PE. Aqui, pode-se abrir um debate sobre a pertinência da PE como uma área das Ciências do Esporte ou uma subárea da PSI, mas essa questão não será do escopo deste estudo. A FIS tem procurado a PE principalmente no controle e manejo das lesões esportivas, primordialmente no controle da dor, do medo de sofrer lesões dada as sérias consequências como ficar afastado das competições e treinamentos e perder títulos de campeonatos importantes, convocações para seleções estaduais ou nacionais, contratos de trabalho seja como atleta ou garoto propaganda, etc. O custo financeiro em jogo é decisivo na busca de soluções para o problema. O mesmo raciocínio pode ser adotado em relação à Odontologia. Nas últimas décadas, com a popularização das lutas (como o MMA – Mixed Martial Arts, por exemplo) como esporte competitivo ou olímpico, a Odontologia tem sido chamada para dar suporte à esta área frente às graves lesões bucais ou maxilares provocados durante as competições. Estas observações servem para reforçar o argumento de que esses profissionais da Fisioterapia, da Odontologia, da Nutrição, etc., poderiam estar buscando informações e auxílio nos departamentos da área PSI para orientar suas práticas ou mesmo para consultoria e/ou intervenção nessas áreas com psicólogos. Ou, talvez, reforcem a ideia da dupla formação como uma possível (e excelente) saída, mas um tanto onerosa, em termos financeiros e de tempo. Este debate da multidisciplinaridade é também muito importante, à medida que favorece o mercado de trabalho da área PSI.

Nessa multiplicidade de formações, é importante enfatizar que os resultados indicam a prevalência da área da EFI na PE, tanto no que se refere à autoria como à orientação, e eram de certa forma já eram esperados. A dominância da área EFI já estava aparente há muito tempo, como registrada na história da área da PE nacional e internacional e essa prevalência sempre foi ponto de debate na área (Vealey, 2006). Um dos principais argumentos para isso é o fato de a disciplina PE estar sendo oferecida como obrigatória há mais de 20 anos na grade curricular dos cursos de graduação em EFI, enquanto nos cursos de graduação em PSI é quase inexistente até nos dias atuais (Epiphanyo, 1999; Vieira et al., 2010). Isto também foi detectado no Censo da Psicologia do Esporte, realizado em 2016 (Jornal do Federal, 2016), em que os 306 respondentes citaram 190 instituições formadoras e apenas 9,48% delas apresentavam na sua grade

curricular a disciplina Psicologia do Esporte, seja como optativa, obrigatória ou campo de estágio.

Os dados da presente pesquisa nos mostram um *continuum* de formação-pesquisa-atuação profissional: o estudante de EFI estuda Psicologia do Esporte em disciplina do curso de graduação, segue a pesquisar sobre o assunto na pós-graduação visando buscar uma atuação profissional baseada em evidências encontradas em suas pesquisas. E o que ocorre com o estudante de Psicologia? Ele já encontra problema na origem desse *continuum*: muitos nunca ouviram falar em Psicologia do Esporte em seus cursos de formação profissional, por que, então, seguir carreira na pós-graduação e pesquisar sobre PE se ele não vai atuar profissionalmente no campo esportivo? Portanto, os resultados quanto à dominância da EFI encontrados neste estudo seriam uma das consequências dessa invisibilidade da área da Psicologia do Esporte no próprio curso de graduação em Psicologia.

Compreender esta situação peculiar do psicólogo no campo esportivo não é uma tarefa simples, configura-se num desafio a ser superado. Neste aspecto, Bourdieu (2004b) possa talvez auxiliar e nos fazer entender a posição que o psicólogo ocupa hoje como agente do campo esportivo. Segundo esse autor, um campo é um lugar de relações de força e há vantagens sociais para quem nasceu no campo e tem o domínio das leis imanescentes do campo, pois estes têm o **sentido do jogo**, fazendo alusão do jogo *rugby*. Explicando melhor, Bourdieu afirma que esse senso do jogo é um senso da história do jogo que, por sua vez, tem reflexos no futuro do jogo. Assim, aqueles que nasceram no jogo trazem consigo as regras desse jogo de forma inata, sabendo fazer o que é preciso quando é preciso e ganhar o jogo. Eles trazem consigo disposições adquiridas que Bourdieu denomina de *habitus* que são formas de ser duráveis e que podem ajudá-los também a opor-se às forças do campo. Aqui, Bourdieu acrescenta que o campo é um jogo no qual as regras são sempre postas em jogo, podendo as condições de acesso ao jogo e ao capital científico serem assim redefinidas, o que dá ao esse agente poder sobre o jogo e sobre outros jogadores. Portanto, as regras do jogo podem tanto conservar a estrutura do campo como transformá-la.

Esse entendimento do funcionamento de um campo científico pode perfeitamente se reportar à situação do psicólogo no campo esportivo e trazer luzes no fim do túnel. Podemos dizer que o psicólogo não nasceu no campo dos esportes, ao contrário do profissional de EFI, não tem o privilégio do “inatismo” e o *habitus* do psicólogo, pela

diversidade na formação inicial, opõem-se às forças do campo. Bourdieu (2004b) esclarece isso da seguinte forma:

“Aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que o campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar. Mas eles podem também lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições, para conformá-los às suas disposições.” (pp. 28-29)

Assim, no presente trabalho, embora os dados apontem para uma anomalia no campo da PE, com a EFI dominando o campo, Bourdieu nos acena com uma possibilidade de transformação do campo. Para que isso ocorra, a urgência de uma ação política de pesquisa se faz necessária, com propostas que direcionem o crescimento e desenvolvimento da PE no sentido de corrigir essa distorção apontada pela presente pesquisa. Relembro, aqui, o comentário do psicólogo do esporte alemão Alexander Thomas (1983), sobre a missão da “ciência mãe” Psicologia doravante assumir a maternidade em relação à sua “ciência-filha bastarda”, a Psicologia do Esporte. Dizendo de outra forma, talvez seja a hora de a Psicologia “se apropriar da desapropriação”, nas palavras de Epiphanyo, referindo-se ao abandono em que se encontrava a Psicologia do Esporte, pela “ciência-mãe” Psicologia, à época em que escreveu seu artigo, em 1999. Quase vinte anos se passaram, a situação não está animadora, como foi mostrada nos dados desta pesquisa.

Mas uma esperança desponta. Em Minas Gerais, alguns cursos de Psicologia introduziram a disciplina Psicologia do Esporte em sua grade curricular, seja como optativa, obrigatória ou como estágio, como por exemplo, a Faculdade Ciências Médicas, a FEAD – Faculdade de Estudos Administrativos, PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica, provavelmente por serem entidades privadas atentas às demandas do mercado de trabalho. Como exemplo de instituição pública, o Departamento de Psicologia da UFMG, desde 2016, passou a oferecer timidamente a disciplina Psicologia do Esporte para seu curso de graduação uma vez ao ano, ainda que com apenas trinta horas e sob a responsabilidade da faculdade de Educação Física. Também, o seu programa de pós-graduação *stricto sensu* tem produzido nos últimos anos dissertações (Mendes, 2015; Monteiro, 2017) cujos temas são relacionados ao esporte.

Outro aspecto a ser considerado é que esses dados são referentes ao período de 1980 a 2012. Nos últimos cinco anos, a situação pode ter mudado, face à demanda do

mercado de trabalho influenciado pela realização de grandes eventos esportivos no Brasil, como a Copa das Confederações de Futebol, em 2013, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, os Jogos Olímpicos e Jogos Paralímpicos, em 2016, etc. Esses eventos marcaram a vida de milhões de brasileiros que assistiram, seja pela TV ou ao vivo, e presenciaram ou assistiram inúmeros acontecimentos, na maioria das vezes comentados pelos cronistas esportivos, que apontavam a necessidade da presença e atuação de psicólogos esportivos.

Um exemplo marcante, digno de nota, foi a derrota do Brasil no jogo contra a Alemanha, por 7 a 1, num jogo “em casa”, na Copa de 2014, em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, *locus* desta pesquisa. Embora se reconheça que houve também interferência de fatores técnicos, políticos e econômicos nessa derrota, este jogo pode ser um exemplo concreto e incisivo da influência dos fatores psicológicos nos jogadores, no técnico e nos torcedores, tanto antes, durante como depois do evento. Muito se questionou sobre a presença e o papel do psicólogo do esporte nesta ocasião. Provavelmente, muitos psicólogos e estudantes de PSI, que não tinham conhecimento ou interesse por Psicologia do Esporte aguçaram a curiosidade a partir de então. Da mesma forma, os Jogos Paralímpicos, expressão viva de superação de atletas e lições de inclusão social. Em ambos os casos, os fatores psicológicos e emocionais estiveram presentes clamando pela atuação e presença do psicólogo do esporte. Sob o ponto de vista de Bourdieu (1983), a demanda social é um dos fatores para um campo científico prosperar. Quem sabe, a partir desses eventos, a área PSI poderá seguir outros rumos...

7.2.2. Análise da formação profissional versus gênero na produção científica

Para buscar mais explicações sobre a baixa participação da área PSI, em relação à EFI, na produção científica em PE foi realizada uma análise da composição formação profissional versus gênero, o que permitiu desvendar melhor a estrutura do campo científico da PE. Nesta análise, os dados da categoria gênero foram cruzados com a categoria formação profissional, tanto em relação à orientação quanto à autoria das dissertações.

Quando procedemos à análise da categoria gênero em relação à autoria das dissertações, os resultados também confirmaram a dominância masculina: 62% eram do sexo masculino e 38% do sexo feminino (Quadro 7). Numa análise mais detalhada, encontramos 5% de contribuição do psicólogo e 7% da psicóloga à produção científica

em PE. Esses dados corroboram nosso argumento sobre o *continuum* na formação do(a) psicólogo(a) que mencionamos no tópico anterior: 1) a (o) estudante PSI raramente ouviu falar sobre PE em sua formação na graduação, 2) por isso não tem interesse em pesquisar o assunto numa pós-graduação. Esse argumento se fortalece ainda mais com a análise efetuada na categoria orientador que apresentamos a seguir.

Em relação aos orientadores das dissertações (Quadro 6), os resultados demonstraram que houve dominância masculina na categoria orientação (67% masculino e 33% feminino). Entre orientadores do sexo masculino, o psicólogo contribuiu com 22% e a psicóloga com 11% da produção científica de Minas Gerais. Retomando e completando a ideia do *continuum*, ficaria da seguinte forma: 1) a (o) estudante PSI raramente ouviu falar sobre PE em sua formação na graduação, 2) por isso não tem interesse em pesquisar o assunto numa pós-graduação, 3) nem atuar como orientador de temas relacionados à PE nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Esse *continuum*, na realidade, acaba se tornando um círculo vicioso que precisa urgentemente e habilmente ser rompido.

Um fato que ficou escancarado nesta análise da formação profissional versus gênero, além da baixa representatividade da área PSI na PE, foi a forte dominação masculina, resultado que trouxe à tona a questão de gênero. Isto nos pareceu incongruente quando levamos em conta que a profissão de psicólogo é considerada como essencialmente feminina (Castro & Yamamoto, 1998), pois, no Brasil, as mulheres são 89% dos profissionais de Psicologia, de acordo com o levantamento efetuado pelo CFP, em 2012 (CRP-MG, 2015).

Esta conclusão foi a que mais me inquietou neste estudo porque, desde que esbocei o projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação, minha atenção e preocupação estavam voltadas para a questão da formação profissional. Mas, como explicar este fato? Será que a ausência da área PSI na PE é mais uma questão de gênero do que de formação profissional? Será que as psicólogas de Minas Gerais, em torno de 26.000 – 85,4% do total de profissionais da Psicologia (CRP-MG, 2015), não apreciam ou têm pouco interesse por esporte? Sobre esse aspecto, Schiebinger (2001), que estuda feminismo e ciência, parece confirmar essa hipótese e explica que a competição excessiva e os esportes são aspectos alienadores no campo científico. Esta pesquisadora demonstra certo desconforto com isto, sugerindo que os homens acreditam que as mulheres não entendem ou não ligam para os esportes, sentindo-se em desvantagem com esta situação.

Schiebinger afirma que os homens, no ambiente de trabalho, discutem sobre esporte como um meio de estabelecer contato entre si e nas discussões acadêmicas é frequente o uso de metáforas do mundo esportivo, como por exemplo, “jogo limpo”, “estar na marca do pênalti”, tomar iniciativa quando “está com a bola no pé”, etc. Esse desconforto é compartilhado por uma colega, pesquisadora bem estabelecida profissionalmente, que disse usar tais expressões embora não saiba o que elas significam.

Mas como explicar o apreciar ou o pouco interesse por esportes, no caso das mulheres? Na perspectiva de Bourdieu, isto pode ser esclarecido como uma estratégia de dominação masculina. No campo social em que elas vivem, existe uma visão androcêntrica que hierarquiza certas características biológicas do corpo masculino como superior ao feminino, que acabam sendo naturalizadas e se legitimam como dominante (homem) e dominado (mulher), forjando um sistema de dominação masculina (Salvini & Marchi Jr, 2012). Essas diferenças biológicas acabam por fundamentar diferenças sociais entre o homem e a mulher, obscurecendo as semelhanças (Bourdieu, 2007c). Esta visão repercute na prática esportiva, passando o esporte a representar para o homem a validação da masculinidade, em esportes de contato corporal que fazem da força muscular e da violência uma condição de excelência, e a virilidade é exaltada e incentivada (Bourdieu, 1999). No que se refere à mulher, grande importância é dada à delicadeza de seus gestos, à beleza de seu corpo e atos de submissão e é sub-repticiamente incentivada a evitar a prática de atividades esportivas que sejam incongruentes a esses atributos e estimulada à buscar as que buscam um carácter estético e higienista (Bourdieu, 2003b).

No entender de Bourdieu, essa diferenciação se incorpora como *habitus* e passa a fazer parte da lógica de funcionamento de um campo social. Os *habitués* ficam diferenciados e também se tornam diferenciadores, operadores de distinções de gênero e classe social. Enfim, os *habitués* se tornam princípios geradores de práticas distintas e distintivas, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes (Bourdieu, 2007a), no caso em questão aqui, práticas e gostos diferentes de homens e mulheres em relação à prática esportiva. Assim, a mulher tendo esse *habitus* diferenciado em relação ao esporte, evitando-o, pode ser uma das vias de explicação do possível desinteresse das psicólogas pelo esporte, fazendo-as se afastarem de uma prática profissional que as obriguem a se adentrar em um mundo que lhes é estranho e às vezes hostil.

As discussões que empreendemos aqui necessitam ser aprofundados prioritariamente, pois, se a invisibilidade da psicóloga na PE for mais uma questão de

gênero do que de formação profissional, outras frentes de luta devem ir para além da simples introdução de uma disciplina denominada Psicologia do Esporte na grade curricular, correndo risco de depararmos com classes esvaziadas nos cursos de Psicologia.

7.3. Por que a produção científica foi predominante na área da EFI, mesmo sendo a PE é uma especialidade da área PSI, via disposição legal do CFP?

Uma vez discutido o porquê da ausência da PE nos programas de pós-graduação em Psicologia, voltemos nosso olhar para a visibilidade da PE no campo da EFI. A história (Castro, 1997; Baptista, Silva, Beltrão & Macário, 2003) nos mostrou que a Medicina, o Exército e a EFI, desde a segunda metade do século XIX até segunda metade do século XX, no Brasil, foram os campos que tiveram maior interesse e necessidade dos conhecimentos sobre psicologia aplicados à atividade física, tanto para o treinamento físico dos soldados e, posteriormente, para a disciplinarização dos corpos nas escolas através dos esportes e da ginástica, instituindo-se a obrigatoriedade das aulas de educação física, com o objetivo de formar do cidadão brasileiro. Já na década dos anos 1980, a PE já fazia parte da grade curricular dos cursos de EFI (Rubio, 2000a), enquanto nos cursos de psicologia a PE nem entrava na pauta de discussão para sua introdução na grade curricular. Os resultados quanto à dominância da EFI encontrados neste estudo seriam uma das principais repercussões desse interesse da área da Educação Física em relação à PE, confirmando aquele *continuum* de formação-pesquisa-atuação profissional a que nos referimos parágrafos acima.

Uma outra lente a ser usada na análise desses dados foi fornecida pelo arcabouço teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu (1983), para análise do campo científico. A partir dos conceitos de capital científico, capital social, econômico, cultural e simbólico, e utilizando a noção de *habitus*, o autor propõe uma perspectiva teórico-metodológica que pode nos ajudar a entender a rede de relações entre pesquisadores e definição de temáticas importantes a serem pesquisadas, entre outros aspectos (Bourdieu, 2004b).

Bourdieu descreve o campo científico como um sistema de relações objetivas, em constante luta concorrencial pelo monopólio de autoridade e de competência científica na busca de um reconhecimento (Bourdieu, 1983). Atualmente, no Brasil e em Minas Gerais, essa luta concorrencial pelo monopólio da autoridade e competência científica, no caso do campo científico da PE, se dá entre a EFI e PSI. Essa autoridade científica, entendida

como capacidade técnica e poder social, encontra-se, como os resultados desta pesquisa demonstraram, em mãos da área da EFI comprovada e legitimada pela contribuição de nada menos do que 95% da produção científica da área, detendo a propriedade de quase todo o capital científico da PE. Esse capital científico é facilmente alargado, a partir desses estudos desenvolvidos nas dissertações, com publicações em forma de artigos científicos, nos periódicos científicos mais bem avaliados pela CAPES – os artigos científicos oriundos de teses e dissertações são quase sempre imediatamente aceitos, considerando o fato de que já passaram por uma avaliação de pelo menos três cientistas, também com autoridade e competência científica legitimada. Segundo Bourdieu, é isto que lhe dá o monopólio da competência, a capacidade de falar e agir legitimamente, de maneira autorizada e com autoridade e poder social. É uma espécie de capital social que assegura agir sobre os mecanismos constitutivos do campo, facilitando as relações sociais não só no meio científico, mas na sociedade em geral, gerando convites para dar palestras em congressos, para falar nos meios televisivos e jornalísticos para divulgar os trabalhos, para atuar como psicólogo do esporte oficial em grandes eventos esportivos como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, etc.

Deve-se também considerar que este capital social pode também ser convertido em outras espécies de capital (Bourdieu, 2004b), como, por exemplo, em capital econômico (maior probabilidade e facilidade para obter financiamento em pesquisas, para compra de equipamentos de laboratório, apresentar trabalhos em congressos, contratar bolsistas, etc.); em capital cultural (qualificações intelectuais institucionalizadas como títulos acadêmicos); e em capital simbólico (crédito, reconhecimento). Esse foi o caso do Prof. Dr. Dietmar Martin Samulski (1950–2012), um dos líderes da produção científica do programa de pós-graduação em Educação Física da UFMG, que sozinho respondeu por 61% de toda produção (ver QUADRO 4) de Minas Gerais. Samulski detinha o monopólio de capital científico, capital social e capital simbólico que era expresso por um extenso e diversificado Currículo Lattes (CNPq, 2018) e lhe permitiu fundar, montar e equipar o LAPES – Laboratório de Psicologia do Esporte, da Faculdade de Educação Física da UFMG, onde desenvolveu todas as suas pesquisas, com recurso financeiro alemão, por intermédio do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) e do GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica (Noce & Costa, 2013).

Num campo científico estabelecido com este, poderia se esperar esse capital científico apresentado pelos departamentos de Educação Física de Minas Gerais. Importante também salientar que Samulski deixou um legado científico importante, não só pelas dissertações que orientou e permanece no acervo da Instituição. Os estudantes que ele orientou assumiram mais tarde postos de trabalho em outras entidades, dando continuidade ao seu trabalho, disseminando a seu conceito de ciência, seus valores e normas para outros centros de pesquisa de Minas Gerais, contribuindo para o desenvolvimento do campo científico da PE. Atualmente, pode-se identificar nos sites dos respectivos PPGs, que pelo menos dois de seus ex-orientandos estão listados como orientadores de pesquisas do programa de pós-graduação *stricto sensu* em EFI da UFMG e outros dois ex-mestrandos estão atuando no programa de pós-graduação *stricto sensu* em EFI da UFJF/UFV, configurando-se numa ampliação das conexões em rede do campo científico, fundamental para a formação e hegemonia de um campo (Bourdieu, 1983; 2011).

7.4. Os sujeitos da pesquisa nas dissertações

Outra categoria de análise, foi o tipo de sujeito nos estudos das dissertações. Esta análise foi introduzida no sentido de se desviar a atenção para além do atleta, para outros atores importantes que atuam no mundo esportivo, principalmente para se ter uma noção da visibilidade do treinador nas pesquisas, tendo em vista sua importância no treinamento do atleta e na performance resultante. Além disso, o (s) tipo (s) de sujeito (s) pode determinar o tipo de intervenção e tipo de abordagem psicológica a ser adotada (Rubio, 2002).

Geralmente, as pesquisas tendem a focar o atleta, como esta pesquisa demonstrou: em 71% dos estudos, o sujeito foi o atleta; em 25%, o treinador, e o restante (4%) dos estudos outros tipos de sujeitos. Portanto, a grande maioria das pesquisas privilegiou o atleta, indicando que não é dada a devida importância ao trabalho do técnico na formação do atleta. O técnico passa longo tempo do treinamento interagindo com o atleta, tendo influência importante em sua formação. Muitas vezes, problemas psicológicos do atleta têm sua gênese na relação pobre e ineficiente do treinador com o atleta, situação em que o psicólogo pode ser chamado a intervir. Muito tempo precioso do treinamento esportivo é despendido com intervenções somente com o atleta para melhorar essa relação, muitas

vezes improdutivo, pois bons resultados nesse sentido só é possível com intervenção com ambos (treinador-atleta). Em determinadas situações, problemas desse tipo podem ser resolvidos com intervenção aplicada apenas ao treinador, que pode melhorar sua comunicação com o atleta com a orientação do psicólogo, deixando a intervenção com os atletas para questões em que o treinador não pode sozinho resolver.

Importante lembrar que na análise dos estudos em que foram utilizados como sujeitos da pesquisa tanto o atleta como o treinador, optou-se por categorizar o sujeito da pesquisa como treinador, em vez de atleta, opção feita para se ter uma ideia melhor da visibilidade do treinador nas pesquisas. Portanto, os dados obtidos sobre o treinador poderiam ser menores, se a opção de contagem a favor do atleta tivesse sido feita. Tendo em vista a importância do treinador no treinamento do atleta e na performance resultante, sugere-se que mais estudos sejam feitos tendo treinadores como sujeitos da pesquisa.

7.5. As temáticas predominantes nas dissertações

No presente estudo, justificou-se o levantamento de temáticas baseado na argumentação de que toda prática deve ter uma boa base de conhecimento científico subjacente, com uma fundamentação teórico-científico sólida, enfim uma prática baseada em evidências (Winter & Collins, 2016). Por essa razão, é importante saber se as temáticas/aspectos psicológicos que serão trabalhados nos procedimentos a serem adotados nos serviços são comprovadamente eficazes e resultar em efeitos positivos. Em outras palavras, se já possuem uma base científica sólida, antes de utilizá-las nas intervenções. As temáticas podem também ter um papel utilitário, como aquele referido por Winter & Collins (2016), de atender às demandas da profissão e do cliente/paciente.

No levantamento realizado na literatura brasileira, não foi encontrado nenhum trabalho investigando diretamente a produção científica em dissertações dos PPGs, seja em Educação Física ou Psicologia. Porém, uma discussão será feita tendo como referência grupos de pesquisa e trabalhos apresentados em eventos científicos e publicados em revistas científicas sobre o estado atual da produção científica.

Neste estudo, entre as 55 (cinquenta e cinco) dissertações analisadas, foi possível detectar 21 temáticas que foram listadas no QUADRO 8. As temáticas que tiveram 5%, ou acima, de ocorrência foram: 1 - análise do estresse psíquico (25%); 2 - Liderança do treinador (9%); 3 - Qualidade de vida do atleta (7%); 4 - *Expert performance* do atleta

(7%); 5 - *Expert performance* de treinador (7%); 6 - Carreira de atleta (5%); 7 - Motivação (5%); 8 - Treinamento mental (5%). Esses resultados podem ser explicados pelos dados contidos na pesquisa de Noce, Vieira & Costa (2016) que registraram a existência de dois grupos de pesquisa na UFMG, um focado em estresse psíquico e outro em liderança no esporte. Portanto, estão coerentes com a política de pesquisa adotada pela instituição, já que a maioria desses estudos eram oriundos da UFMG.

Considerando outros estudos, aquele que mais se aproximou de nossa pesquisa foi o de Vieira, Nascimento & Vieira (2013) que investigou a publicação de artigos em PE, entre os anos 2002 e 2012, por discentes e docentes de programas de pós-graduação em Educação Física e Psicologia. As temáticas mais tratadas nos artigos foram: motivação (n=49); aspectos emocionais (n=41); imagem corporal (n=28); liderança (n=26); carreira esportiva (n=22); estresse (n=19); intervenção (n=18); qualidade de vida (n=12); percepção subjetiva de esforço (n=12) e estado de humor (n=10). As temáticas que coincidiram nos dois estudos como os mais pesquisados foram: liderança, qualidade de vida, carreira esportiva e motivação; estresse, temática mais pesquisada no presente estudo, foi apenas o sexto mais presente. Embora fossem discentes e docentes de pós-graduação em Educação Física e Psicologia, o artigo não esclarece se esses estudos eram parte das dissertações dos discentes ou estudos paralelos, portanto as comparações devem ser feitas com cautela. Em outro estudo, analisando apenas periódicos científicos da área PSI, a temática estresse foi a menos pesquisada (Andrade, Brandt, Dominski, Vilarinho, Coimbra, & Moreira, 2015). Os temas mais investigados foram: liderança; ansiedade, influência parental; satisfação, vínculo afetivo, personalidade, estado de humor, motivação, agressão; e estresse, *burnout*.

Com o mesmo cuidado que utilizamos na análise de estudos publicados em periódicos científicos, fizemos algumas comparações com o que tem sido apresentado em eventos científicos. Vieira, Vissoci, Oliveira & Vieira (2010) relataram que, em 2004, os temas mais abordados foram: intervenção psicológica; motivação e autoestima; coesão de grupo e liderança; ativação, estresse e ansiedade. Em 2006, as temáticas apresentadas foram: ativação, estresse e ansiedade; motivação e autoestima; intervenção psicológica; coesão de grupo e liderança. Interessante notar que esses dados mostram que o tema estresse ocupou, em 2004, o quarto lugar e, em 2006, passou a ser o tema mais pesquisado. Esses dados coincidem com a nossa pesquisa que encontrou a análise do estresse psíquico como o tema mais pesquisado. Da mesma forma, o estudo de Gomes,

Coimbra, BaraFilho, & Miranda (2007) confirmou o tema ansiedade/estresse/*burnout* como o mais presente nas publicações quando analisaram resumos publicados em anais de congressos brasileiros entre 2002 a 2006 e numa revista da área da EFI de 2006.

Alguns autores afirmam que escolha das temáticas está condicionada ao tipo de intervenção (se individual ou coletiva) ou tipo de esporte. Quando foca o atleta, a intervenção pode visar a concentração, controle da ansiedade e o controle de aspectos ambientais, utilizando técnicas como a visualização, relaxamento, modelagem de comportamento, análise verbal, inversão de papéis, técnicas expressivas ou corporais, etc. Quando se trata de esporte coletivo, a intervenção toma como base as relações grupais, formação de vínculo ou liderança, etc. (Rubio, 2002). No presente estudo, houve predominância de temáticas relacionadas ao aprimoramento do desempenho do atleta e treinador, visando o treinamento de habilidades mentais, o que tem sido criticada por alguns pesquisadores.

Aoiagi e colaboradores (2012) afirmam que a prática que tem sido dominante na PE é o treinamento de habilidades psicológicas, visando a performance do atleta. Tradicionalmente, para o treinamento dessas habilidades são utilizadas nas intervenções as técnicas de autorregulação, como por exemplo autofala, imaginação, relaxamento, estabelecimento de metas e realização de rotina, etc. Tal visão da PE tem sido muito criticada como uma filosofia de trabalho muito limitada, um desserviço em potencial ao cliente/paciente, desconsiderando a complexidade do ser humano. Por essa razão, tem-se discutido a necessidade de buscar uma intervenção para além do treinamento de habilidades, incluindo diagnóstico, testes psicológicos, avaliação, aconselhamento em questões pessoais, serviços clínicos, bem-estar geral (Portenga, Aoyagi, Balague, Cohen, & Harmison, 2012). As discussões sobre este assunto geralmente culminam com o questionamento sobre se os psicólogos do esporte possuem competências e estão sendo adequadamente qualificados para dar conta desta tarefa.

Por outro lado, uma análise mais detalhada, como aquela oferecida por Bourdieu, como mostraremos a seguir, permite um debate alternativo sobre o lugar e o papel das temáticas e como elas são selecionadas, ilustrando bem o funcionamento dos campos científicos.

Bourdieu (1983) defende que o cientista pesquisa temas em razão de um interesse pessoal, intrínseco, mas sempre considerando também se serão reconhecidos como

importantes pelos outros. O autor acrescenta que o que é interessante e importante é aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros. Portanto, a tendência é que os investimentos para a pesquisa se organizem com referência a isso, pois uma contribuição ou descoberta concernente às temáticas escolhidas traz um lucro simbólico importante. Ao discutir sobre isso, Bourdieu busca auxílio no conceito de *visibility*, emprestado de autores estadunidenses, para se referir ao valor diferencial, distintivo, do que ele denomina de espécie particular de capital social. Desta forma, ao acumular esse tipo de capital o cientista faz seu "nome", um nome conhecido e reconhecido, que lhe dá distinção, visibilidade.

Assim, Bourdieu (2007b) interpreta que a definição de temas dignos de interesse torna-se um dos mecanismos ideológicos que vai definir também que temas igualmente bons e interessantes não serão selecionados e temas interessantes que não interessam a ninguém sejam escolhidos. Desta forma, há uma hierarquia dos objetos que orienta os investimentos intelectuais e acordo com as oportunidades de lucro material e simbólico que ela contribui para definir. Bourdieu conclui que a ciência não faz um julgamento de valor sobre isso, mas constata essa hierarquia de valores inscrita em suas práticas e a disputa por essa hierarquia expressa em julgamento de valores antagônicos.

7.6.As abordagens teóricas da Psicologia predominantes nas dissertações

O levantamento das abordagens teóricas foi realizado neste trabalho com o objetivo de conhecer a concepção de homem subjacente às pesquisas e desvelar ali a posição do sujeito na pesquisa. Na Psicologia, há uma variedade de escolas ou abordagens teóricas, cada uma com seu objeto de estudo próprio, nomeados como comportamento (Behaviorismo), consciência (Cognitivismo), inconsciente (Psicanálise), subjetividade (Sócio-histórica), etc. (Bock, Furtado, & Teixeira, 2001). Ao efetivar o levantamento das abordagens teóricas usadas nas dissertações analisadas no presente estudo foi possível detectar como o pesquisador fundamentou suas atividades, seus espaços de atuação e como interagiu com os sujeitos da pesquisa.

Neste estudo, para a análise deste aspecto, as abordagens com compatibilidades teóricas foram aglutinadas em categorias, assumindo as seguintes denominações: cognitivo-comportamental, psicanalítica, psicofisiológica, humanístico-existencial e psicossocial. Os resultados indicaram que as abordagens teóricas mais utilizadas nas 55

dissertações selecionadas para análise, conforme apresentadas no QUADRO 9, foram: cognitivo-comportamental (96%), psicanalítica (2%) e psicossocial (2%). Como era de se esperar, a abordagem cognitivo-comportamental foi a mais utilizada – as demais aparecem de forma inexpressiva - seguindo a tendência internacional (Jarvis, 2006; Tod, 2016). O Brasil, muito influenciado pela PE internacional, também tem seguido esta tendência (Cillo, 2000).

A justificativa e explicação dessa completa dominância da abordagem cognitivo-comportamental na produção científica na área PE brasileira, pode ser encontrada na sua trajetória histórica na área da EFI, como foi exposto no capítulo Revisão de Literatura. Essa produção tem sido e continua sendo influenciada pelas tradições, correntes paradigmáticas positivistas, ligadas aos movimentos sociais higienistas, militaristas e tecnicistas prevalentes na sociedade brasileira ao longo de sua trajetória (Soares, 1990; 1994; Castro, 1997; Souza & Marchi, 2011). Esse pensamento positivista fundamentado nas ciências naturais deu suporte às bases identitárias da Educação Física, dando-lhe a possibilidade de sistematizá-la como ciência, apoiando-se na biologia e desenvolvimento motor. Esse pensamento continua forte na Educação Física, influenciando a Psicologia do Esporte como seu subcampo, conforme pudemos observar nos resultados da presente pesquisa. Embora tenha sido justamente essa influência positivista que ajudou a EFI a alcançar o estatuto de uma ciência, por outro lado contribuiu para a naturalização de algumas práticas sociais, que sustentam uma estrutura social em que os beneficiados são cada vez mais beneficiados e os excluídos cada vez mais excluídos, e habilmente impedem o nosso acesso aos fundamentos que asseguram a reprodução desse sistema de desigualdades (Souza & Marchi, 2011).

Buscamos nesta presente pesquisa justamente detectar essas práticas e analisá-las sob a ótica de Bourdieu (1983; 2003a; 2004b; 2007c). Bourdieu estudou o *modus operandi* da prática esportiva e tentou demonstrar como o esporte é apropriado a partir de uma economia simbólica própria, impondo uma divisão do mundo social, reforçando mecanismos de dominação (Bourdieu, 2003a; 2007a).

Como a presente pesquisa demonstrou, a PE privilegia pessoas com altas probabilidades de sucesso esportivo ou aquelas que já demonstraram altas habilidades em competições estaduais e nacionais, preferivelmente homens, em esportes considerados de classe alta, como tênis e natação, exceção feita ao futebol masculino por suscitar excelentes lucros financeiros ao altamente hábil e dar visibilidade social. Além disso,

utiliza métodos e técnicas, característicos da abordagem cognitivo-comportamental, que coloca o sujeito numa posição de ser descrito numericamente pelo pesquisador via observação ou por uma máquina, com raras oportunidades de se expressar (quando é um questionário, o pesquisador tende a oferecer as alternativas que é de seu interesse), falar, ele próprio, de si, de opinar. Enfim, o sujeito da pesquisa deixa de ser sujeito pleno de subjetividade para tornar-se um objeto da pesquisa. A objetificação do sujeito da pesquisa tem sido alvo de críticas da pesquisa feminista que recomenda formas de atenuar tal situação quando é inevitável certo grau de objetivação e controle do conhecimento produzido (Ramazanoglu, 1990). Essa forma de atuar pode também ter sido herdado na própria “ciência-mãe” Psicologia, conforme relatado por Yamamoto (2012) em uma pesquisa sobre o psicólogo brasileiro, realizado em 2010, que constatou que a principal atividade do psicólogo é psicodiagnóstico e aplicação de testes psicológicos. Desta forma, a estrutura do campo esportivo se mantém intacta, com seus agentes principais – os atletas – dominados, tratados como agentes passivos, sem possibilidade de desvelar os mecanismos de dominação subjacentes (Bourdieu, 2007a).

Em suma, a PE, ao fazer ciência exclui os menos hábeis, os deficientes, as mulheres, os atletas amadores, os mais desprovidos financeiramente. Com sua prática peculiar de fazer ciência, conforme foi demonstrada nesta pesquisa, a PE auxilia a confirmar e manter a máxima *Citius, Altius, Fortius* – “mais rápido, mais alto, mais forte” - lema oficial dos Jogos Olímpicos proposto por Pierre de Coubertain, fundador do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894. Em tempos modernos, eu acrescentaria “mais rico” a esse lema, pois a demanda financeira de um treinamento esportivo na atualidade, para se chegar ao pódio olímpico, é incalculável. Conforme defendeu Bourdieu (2007b), a definição do que se vai pesquisar – no presente estudo, o atleta de alto nível, torna-se um dos mecanismos ideológicos que vai manter a estrutura do campo em seu estado atual, até que agentes dominados do campo, ao encontrar condições objetivas que não permitem a atualização do seu *habitus* buscam adaptação às situações que pode imprimir transformações duráveis do *habitus*, que levam à mudança no campo social (Bourdieu, 2003a). É esta a minha esperança, como pesquisadora, educadora e psicóloga do esporte a ser: uma transformação no campo científico e no campo profissional, para além do rendimento, da vitória, do pódio a qualquer custo, seja financeiro, físico, psíquico ou emocional.

Enquanto elaborávamos a discussão dos resultados que empreendemos neste capítulo, muitas reflexões lampejaram em minha mente que me levaram a pensar em caminhos viáveis que a PE poderia traçar em futuro próximo. No capítulo, a seguir, apresento a conclusão a que cheguei, seguida do delineamento de uma proposta de trabalho na esperança de auxiliar na transformação do *status quo e modus operandi* da área da PE.

8. Conclusão

“Antes de mudar o mundo, dê três voltas em redor de sua casa.”
(Provérbio chinês, Anônimo)

Tempos atrás, conheci este antigo e sábio provérbio chinês que me inspirou a delinear uma forma de apresentar as considerações finais deste estudo. Esta máxima nos ensina que uma mudança deve começar na própria casa, dentro de nós mesmos, de dentro para fora. Em outras palavras, se desejamos que a sociedade acredite no trabalho do psicólogo do esporte, aceite a PE como uma profissão e o mercado de trabalho contrate os seus serviços, precisamos inicialmente saber em que condições se encontra a área para, a partir daí, buscar soluções e ações para sua transformação.

Antes de iniciar a redação deste capítulo, retomei o caminho que percorri para a elaboração deste estudo, desde que as primeiras ideias germinaram e me motivaram para iniciar e terminar a jornada. Nesse exercício me dei conta de que estive iniciando a aplicação prática da essência desse provérbio, o que me permitiu descortinar um cenário já, de certa forma, imaginado e esperado, mas que concretizado em números não deixaram de surpreender e preocupar pelos resultados apresentados, uma vez que esses dados representam a contribuição científica da Psicologia para a Psicologia do Esporte. Dos resultados obtidos, vou, aqui, destacar os que considero os principais:

1. 5% da produção científica em PE são oriundas dos PPGs em PSI;
2. 13% dos autores têm formação em PSI;
3. 33% dos orientadores têm formação em PSI;
4. 33% dos orientadores são mulheres; destes 33%, só 11% têm formação PSI;
5. 38% dos autores são mulheres; destes 38%, apenas 7% têm formação PSI;
6. 96% das abordagens dos estudos são cognitivo-comportamental.

Pode-se ver claramente, a partir desses dados, que a participação da área PSI na produção científica da PE é inexpressiva e algo precisa ser feito, se é do interesse das psicólogas e dos psicólogos mudarem esse cenário, e se apropriarem de uma área que reivindicamos há quase 20 anos atrás, como especialidade da PSI.

Como preconiza o provérbio chinês, devemos começar a promover uma mudança dentro da própria “ciência-mãe” PSI, no que concerne à aceitação do esporte como um

fenômeno social e mudança de atitude em relação à PE, primeiro dentro dos departamentos de PSI nas universidades e faculdades. Então perguntamos: como poderia ser daqui “pra” frente?

8.1.A Psicologia do Esporte daqui “pra” frente...

E daqui pra frente? Neste momento histórico da PE, podemos contribuir para o crescimento e desenvolvimento da área se nos voltarmos para os embates e controvérsias entre as áreas da EFI e PSI, conforme descreveremos abaixo, que necessitam ter um encaminhamento que favoreça um diálogo entre as duas áreas. Em seguida, tecemos algumas ideias sobre possíveis direções que a PE pode privilegiar, apoiada na própria legislação do CFP sobre as áreas de atuação do psicólogo do esporte. E para finalizar, defendemos uma Psicologia Social do Esporte.

8.1.1. Controvérsias: Educação Física versus Psicologia

As controvérsias entre Educação Física e Psicologia têm permanecido até recentemente (Rodrigues, 2006). Pode-se dizer que neste momento histórico, quase vinte anos após a PSI, via dispositivo legal da CFP, instituir a PE como especialidade a ser exercida no mundo do trabalho pelos psicólogos, continua se travando uma luta científica entre as áreas EFI e PSI, com a estrutura do campo científico favorecendo a EFI por seu capital científico acumulado, como demonstrado neste estudo. Esta luta científica também pode ser percebida na formação de organizações científicas representativas dos membros do campo científico da PE, muito importantes na construção de um campo para promover a troca de ideias e experiências. No Brasil, tínhamos a SOBRAPE, fundada em 1979, cujos membros eram majoritariamente profissionais de EFI. Mas, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a partir da resolução de CFP que instituiu a PE como especialidade da Psicologia, houve um crescente interesse dos psicólogos pela área, iniciando-se um debate sobre o que seria o campo da PE (Rubio, 2000b). Aparentemente não houve um consenso no debate, pois em 2007 um grupo de psicólogos criou a ABRAPESP (ABRAPESP, 2018), com seu próprio estatuto, havendo então duas entidades divergentes, no Brasil, que direcionavam o crescimento e desenvolvimento da PE, cada um voltando-se para seus próprios interesses. O debate entre psicólogos e profissionais da EFI continuou nos anos que se seguiram e, novamente, o consenso não se concretizou, culminando, em 2016, com a reativação da SOBRAPE com um novo nome – ABEPEEx,

desta vez com ênfase em pesquisa. Esta situação se coaduna com as explicações de Bourdieu (2004b) sobre como se desenvolve um campo científico. Segundo este autor, a estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, pela distribuição de capital científico acumulado em lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e que são definidoras das estratégias utilizadas pelos seus agentes. Verificou-se, portanto, nesse período do campo científico da PE, no Brasil, um jogo de correlações de força: por um lado, os psicólogos respaldados por um capital cultural obtido pela qualificação intelectual dada pelo sistema educacional, incorporado em estado institucionalizado pelo título acadêmico que lhe conferia o poder de atuar no campo do esporte com intervenções psicológicas; por outro lado, os profissionais da EFI de posse do capital econômico - que lhe permitia ter os melhores laboratórios de pesquisa e, conseqüentemente, linhas de pesquisa na área em seus cursos de pós-graduação *stricto sensu*, formando base para seu capital científico – e capital social pelas relações sociais com diferentes grupos de pesquisa nacional e internacional, inclusive assumindo posições importantes em sociedades internacionais de PE e, com isso um capital simbólico importante que lhes conferia reconhecimento, crédito e autoridade em nível nacional e internacional. Prova disso é que, em 2016, a Faculdade de Educação Física da UFMG organizou e sediou o IX Congresso Internacional de PE em Belo Horizonte, com chancela da *International Society for Sport Psychology*, e XVI Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, ocasião em que a ABEPEEx foi criada, estabelecendo uma forte demarcação entre grupos de psicólogos e profissionais da EFI na PE brasileira. Nesta situação, permanece sempre os questionamentos sobre como poderia se resolver esta luta concorrencial, se ela é benéfica ou maléfica, se seria melhor apenas uma Associação... Nos parágrafos que se seguem, encaminhamos um debate sobre esta questão no intuito de clarear um pouco mais a situação.

8.1.2. Há esperança de uma transformação da Psicologia do Esporte em Minas Gerais? O papel do *habitus* e o que a história pode nos ensinar

O estado das relações de força que ora se apresenta favorece a EFI e, no entender de Bourdieu (2004b), na luta científica os dominantes impõem sua definição de ciência que lhes permite a realização mais perfeita em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem. Esta situação pode trazer conseqüências, pois a autoridade e competência científica da PE vem sendo exercida majoritariamente pelos agentes da área EFI, que tem

disseminado, ao longo dos anos, um conceito de homem, subjacente em suas práticas, que nem sempre coincide com aquele abraçado pelos agentes da área PSI, nem sempre condizentes com a ética PSI que visa primordialmente a busca do bem-estar e a saúde mental do ser humano. Essa divergência pode, às vezes, ser problemática para os psicólogos e estudantes de Psicologia, que almejam ingressar na área da PE pela área da EFI, já por esta dominada. Isto pode ser mais bem explicada pela teoria de Bourdieu (2007a), na discussão sobre *habitus*.

Prosseguindo nesta análise bourdieusiana sobre a formação de um campo social e entender a problemática enfrentada pelos psicólogos que almejam hoje se candidatar ao campo PE, já dominada pelo campo EFI, gostaríamos de retomar sua abordagem estruturalista - no sentido de existência de estruturas objetivas que orientam as práticas dos agentes, e construtivista – no sentido de uma gênese social do *habitus*, que se constitui em esquemas de percepção, pensamento e ação que orientam ou constroem aquelas práticas. Para Bourdieu (2007a), o *habitus* é um fator explicativo da lógica de funcionamento de um campo; são sistemas de disposições duradouras, estruturadas e estruturantes, são princípios geradores e organizadores de práticas distintas e distintivas, por isso diferenciados e diferenciadores; são atitudes, propensão para perceber, sentir, fazer e pensar assimiladas pelo indivíduo e se tornam princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão.

O conceito de *habitus* pode auxiliar também na reflexão sobre a situação da PE, em Minas Gerais. O campo da PE, como vimos acima, se apresenta bem estruturado em instituições fortes como as universidades com seu *habitus* sustentando suas práticas bem estabelecidas no campo científico da EFI, caracterizado pelas relações sociais, normas, valores e crenças específicos da EFI. Os estudantes de psicologia e psicólogos, como agentes da área PSI, portadores de seu *habitus*, na inexistência do subcampo da PE com *habitus* próprio estabelecido em sua área para se adentrar e buscar autoridade científica, têm direcionado suas estratégias de busca para a área EFI, como vimos, no presente estudo, o caso dos psicólogos que buscaram os programas de pós-graduação *stricto sensu* na área EFI. Às vezes, as dificuldades que esses estudantes podem encontrar são incomensuráveis devido, em grande parte, à incompatibilidade de *habitus* entre as duas áreas, exigindo constantes adaptações, nem sempre bem-sucedidas, pois agentes da área PSI trazem *habitus* específico de seu campo social, adquirido ao longo de anos de formação acadêmica, o que tem sido apontado como uma das grandes questões da não

aceitação do psicólogo por atletas, treinadores e administradores esportivos. A começar com o *setting* das práticas PSI que se realizam prioritariamente em consultórios, de forma privada, contrastam com as práticas, às vezes, coletivas e públicas, em ambientes abertos dos estádios e quadras esportivas, ou mesmo em seus vestiários; outro aspecto é a vestimenta que precisa se coadunar com o ambiente esportivo, etc. Esta adaptação e mudança no *habitus* têm se tornado uma exigência para uma boa atuação profissional do psicólogo do esporte e têm sido alvo de estudos na área da PE (Scala, 2006).

Tal situação pode parecer irreconciliável, mas, talvez, seja uma oportunidade de transformação da área como já mencionamos anteriormente. Bourdieu (2003a) argumenta que, sempre que as condições objetivas da situação não permitem a atualização do *habitus*, este pode transformar a realidade, pois a adaptação às situações novas e imprevistas força ajustamentos, impulsionando transformações do *habitus*. Bourdieu explica que *habitus* é, sim, produto dos condicionamentos que procura reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas pode produzir transformação, como uma máquina transformadora que nos impulsiona à reprodução das condições sociais de nossa própria produção, que é relativamente imprevisível. Pode-se conjecturar que o *habitus* pode, simultaneamente, reproduzir as relações sociais e a criar o novo, sempre que as condições objetivas da situação não permitem a realização do *habitus*, dando lugar às forças explosivas que podem ser de mudança ou de acomodação. Sendo assim, a mesma lógica que reproduz também dá lugar à transformação. Essa é uma lente que eu tenho defendido em minhas práticas e, nesse sentido, posso entrever várias possibilidades de gênese de *habitus* condizentes com a ética e princípios da PSI.

No entanto, é necessário observar, antes de prosseguirmos com esta discussão, que, atualmente, a luta EFI versus PSI é para a ocupação de espaços específicos no campo científico da PE. Não podemos esquecer que cada área tem seu espaço preestabelecido por resolução do CFP quando instituiu a especialidade PE, ou seja, o profissional que atua na área da PE pode exercer atividades docentes/educador, de pesquisa e de intervenção. Esta última é atividade do psicólogo, prevista pela Lei nº 4.119/1962, que estabelece como função privativa do psicólogo o uso de métodos e técnicas psicológicas dentro dos preceitos técnicos e éticos da profissão, e o Decreto nº 79.822/1977, que expõe como exigência do exercício da profissão de psicólogo o porte da Carteira de Identidade Profissional, expedido pelo Conselho Regional de Psicologia de sua jurisdição. Portanto, a luta concorrencial, usando os termos de Bourdieu, só pode ser travada no domínio das

atividades docentes e de pesquisa, que é o caso deste estudo, que desvelou a dominância de área EFI na proporção de 95% em termos de produção científica e 67% na docência/supervisão. No que se refere à intervenção, não há espaço e motivo de luta concorrencial, pois é privativo da área PSI. A área PSI só precisa preencher esse espaço, escrever sua história e mostrar a que veio ao campo esportivo quando estabeleceu legalmente a PE como de seu domínio. E seria a revista científica da ABRAPESP o veículo comunicacional que abrigaria, principalmente, a produção científica sobre intervenção, o fazer do psicólogo do esporte. Portanto, neste momento histórico, considero muito pertinente e importante a continuidade da atuação da ABRAPESP, como a entidade científica da Psicologia que vai canalizar todos os esforços para o desenvolvimento da área no Brasil.

No lado do desenvolvimento histórico da PE, podemos também perceber que há possibilidades de transformação na área quando retomamos e buscamos, no Capítulo 3, Revisão de Literatura, estabelecer conexões das histórias da EFI, PSI e PE nacional e internacional para encontrar uma luz para compreensão da PE mineira na atualidade. A história nos mostrou grandes contribuições, em termos de intervenção e produção científica, do psicólogo João Carvalhaes ((Hernandez, 2011), desde os anos 1950 até início dos anos 1970, iniciando num período em que a Psicologia ainda nem tinha se estabelecido como profissão. Seguindo seus passos, na década seguinte, quando a Psicologia já estava regulamentada como profissão (1962), Athayde Ribeiro da Silva (Brandão, 1995) também dá sua contribuição em parceria com Emilio Myra y Lopez, psicólogo e psiquiatra espanhol, que estava trabalhando na USP, num programa de intercâmbio acadêmico que o Brasil realizou para impulsionar o desenvolvimento da Psicologia nesta época, via programas de pós-graduação. Portanto, até o início da década de 1970, a “ciência-mãe” Psicologia estava ativa mesmo antes de ela estar regulamentada como profissão.

Talvez, podemos afirmar que a década de 1970 tenha sido um período chave para entendermos os desenvolvimentos históricos da PE que se seguiram, pois, a partir de então, pouco registramos sobre a participação do psicólogo na PE até final dos anos 1980.

Por outro lado, a EFI registra nesse período um avanço em seu desenvolvimento, em plena ditadura militar, quando o Exército volta a emergir na EF, desta vez por um viés científico, contribuindo com o desenvolvimento da EF, das Ciências do Esporte e o esporte propriamente dito. O sucesso do Brasil na Copa do Mundo de 1970, com um

Capitão do Exército no comando da seleção, provocou um movimento social de atividade física sistemática no país, com a valorização do treinamento esportivo e criação de laboratórios de fisiologia do exercício, fatos que impulsionaram a cientificação do treinamento esportivo no Brasil (Soeiro & Tubino, 2003). Nas décadas de 1970/80, se deu o início do reconhecimento da Educação Física na universidade como um campo de conhecimento científico e, em 1987, foi criado o bacharelado em Educação Física, com a Resolução CFE nº 03/87, e no novo currículo a Psicologia do Esporte foi introduzida como disciplina nos cursos de Educação Física. Nesse mesmo período, foram criados os primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física e os primeiros estudos sobre psicologia aplicada ao esporte (Rose Junior, 1985).

Como podemos observar, num período de retração do psicólogo do ambiente esportivo, o profissional de EFI entrou em cena modificando todo o cenário da Psicologia do Esporte no Brasil, dominando o campo científico. No entanto, os registros mostraram que, nos anos 1990, o psicólogo começa a retornar à cena com um grupo de profissionais, liderados pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (Rubio, 2000b) iniciando um movimento que culminou com a instituição do título profissional de especialista em Psicologia do Esporte, pela Resolução CFP nº 014/00, certamente a maior conquista do psicólogo em relação à PE.

Portanto, todo esse cenário histórico que descortinamos, entre idas e vindas da Psicologia na PE, entre a invisibilidade e o protagonismo, que pontilhamos ao longo de sua trajetória histórica, embora possam parecer retrocessos, podemos interpretá-los como inerente ao desenvolvimento histórico de um campo, influenciados pelas condições do contexto e momento histórico pelo qual o campo esteve mergulhado. Assim, novos momentos estarão por vir, com novos protagonistas, novas propostas de ação (Rubio, 2007) como, por exemplo, esta que começou a ser gestada após os resultados desta pesquisa e que apresento nos próximos parágrafos.

8.1.3. Defesa por uma Psicologia Social do Esporte

A prática esportiva contemporânea tem se constituído a partir de características da sociedade capitalista pós-industrial, tendo o rendimento como sua marca registrada, buscando incessantemente o recorde, a quantificação, especialização, disciplina, etc. Esta prática tem caminhado ao longo da história para os excessos na busca do rendimento em direção da vitória, característica primordial do esporte na atualidade. Tais excessos têm

gerado um custo não só financeiro, mas, sobretudo, humano. Num ambiente esportivo configurado desta maneira o(a) atleta pouco pode fazer para transformá-lo, pois os profissionais responsáveis pelo processo de educação e formação do atleta, incluindo muitas vezes o psicólogo do esporte, têm adotado, em sua maioria, paradigmas que o levam ao conformismo e aceitação do *status quo* (Rubio, 2000a). Nesse sentido, a contribuição da Psicologia Social pode ser muito relevante, considerando a concepção de ser humano como agente transformador, configurando-se numa outra possibilidade de intervenção, além da tradicional abordagem cognitivo-comportamental que tem predominado no campo esportivo.

Além disso, ao longo das duas últimas décadas, as pesquisas têm apontado influências psicossociais e culturais na prática esportiva, o que justificaria a adoção de um paradigma sócio-histórico-cultural (Brustad & Ritter-Taylor, 1997; Valle & Guareschi, 2003; Rubio, 2003). Assim, seria salutar esse deslocamento da PE em busca da performance e rendimento para uma Psicologia do Esporte que considere também o contexto sociocultural em que o esportista está inserido no momento.

Um fato a ser demarcado, aqui, é que a Psicologia Social também tem buscado, nas últimas décadas, mesmo que timidamente, seu caminho em direção ao esporte. Nessa abordagem, a função e o papel da Psicologia do Esporte podem ser discutidos a partir da análise de como o fenômeno esportivo tem sido construído na atualidade. Deve considerar o esporte como um fenômeno sociocultural, conjunto complexo composto pelo atleta, o espectador e a torcida (para se caracterizar um espetáculo), patrocinadores e empresas. Seus estudos devem investigar as relações entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores, não apenas o rendimento de atletas e equipes. A adoção da visão do esporte como um meio, não como fim em si mesmo, pode oferecer aos psicólogos do esporte a oportunidade de atuar em projetos sociais, com o intuito de promover a socialização de crianças e jovens em risco social (Rubio, 2002). Esse posicionamento da Psicologia do Esporte no despertar do século XXI estará de acordo com o posicionamento político da área da Psicologia Social, o de compromisso social por uma sociedade mais justa (Lane, 2006). Nesse sentido, pode-se, talvez, no Brasil, falar de uma Psicologia Social do Esporte, em vez de uma Psicologia do Esporte Social.

Frente à estas justificativas, coloco como proposta, ainda em gestação, para a Psicologia do Esporte, o viés da Psicologia Social, no que se refere aos processos

socioculturais e modos contemporâneos de subjetivação dos sujeitos analisados. Uma abordagem cultural é de extrema importância para uma análise do fenômeno esportivo contemporâneo, pois os fatores culturais são fundamentais para a compreensão do mundo esportivo, uma vez que interferem na forma de avaliar e interpretar dados. Além disso, considerar fatores relacionados às características do sujeito impostas por sua cultura auxilia o pesquisador e/ou psicólogo (a) do esporte a entender criticamente as experiências vivenciadas pelo esportista e elaborar estratégias psicológicas apropriadas (Brandão, 2007). Em tempos de globalização, em que atletas de determinada nacionalidade atuam profissionalmente em vários países ao longo de sua carreira, deitar o olhar para esse aspecto numa análise passa a ser uma exigência.

A prática de esporte são práticas culturais constituidoras de identidades e subjetividades que influenciam na transformação da experiência de si. Para tanto, pode-se investigar os modos pelos quais os praticantes esportivos são subjetivados pelo esporte, os modos pelas quais são interpelados e vão construindo suas identidades. Poder discutir como esse atleta se produz é considerá-lo como um sujeito que é efeito de práticas discursivas e que está em constante construção (Valle & Guareschi, 2003). Adotando-se uma concepção de sujeito oriunda da Psicologia Social, a Psicologia do Esporte contemporânea poderia ter outra alternativa além do paradigma positivista que tem dominado as ciências do esporte, que abraça um conceito de ser humano mecânico e quantitativo, assujeitado biotecnologicamente, herdado da Educação Física, historicamente ligado ao movimento higienista, militarista e competitivista (Soares, 1990; 1994). Nesse sentido, a contribuição da Psicologia Social pode ser muito relevante, considerando sua concepção de homem como agente transformador. Nas palavras de Lane (2006),

... a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive. (p.10)

Aqui ainda é oportuna uma discussão do papel do psicólogo do esporte que inclua uma análise sobre o que é o fenômeno esportivo e sua transformação ao longo da história, impregnada de valores socioculturais subjacentes a diferentes épocas. Especialmente nos últimos cinco anos, tem se observado ruir as principais instituições internacionais do

esporte de alto rendimento – Comitê Olímpico Internacional – COI e Fédération Internationale de Football Association – FIFA – e seus equivalentes no Brasil – Comitê Olímpico Brasileiro -COB e Confederação Brasileira de Futebol – CBF, com sérias acusações de corrupção e administração esportiva inoperante. Os atletas têm sido seriamente afetados em sua prática esportiva e, principalmente, minando inexoravelmente o desenvolvimento de suas carreiras de atleta profissional. Nesta situação, os atletas permanecem apenas observando e lamentando a situação que lhes afeta diretamente, pois, de acordo com o estatuto destas instituições, o atleta tem pouco direito a voz e voto, nas decisões sobre o que lhes diz respeito.

Esta situação poderia ser minimizada adotando-se o viés teórico dos estudos da Psicologia Social, buscando proporcionar oportunidades aos atletas, treinadores e seus significantes de se tornarem agentes sociais da história, transformando seu mundo social e o cotidiano de suas vidas, como nos ensinou Lane (2006). Nessa mesma linha de pensamento, finalizo com as palavras de Martin-Baró sobre o processo de conscientização para a leitura da realidade:

“Mediante a gradual decodificação do seu mundo, a pessoa capta os mecanismos que a oprimem e desumanizam, com o que se derruba a consciência que mistifica essa situação como natural e se lhe abre o horizonte para novas possibilidades de ação. Esta consciência crítica ante a realidade circundante e ante os outros traz assim a possibilidade de uma nova *praxis* que, por sua vez, possibilita novas formas de consciência. [...] O novo saber da pessoa sobre sua realidade circundante a leva a um novo saber sobre si mesma e sobre sua identidade social. A pessoa começa a se descobrir em seu domínio sobre a natureza, em sua ação transformadora das coisas, em seu papel ativo nas relações com os demais. Tudo isso lhe permite não só descobrir as raízes do que é, mas também o horizonte do que pode chegar a ser.” (1996, p.16)

8.1.4. **Últimas palavras...**

No final desta jornada, tendo descortinado o cenário da produção científica mineira, sinto-me realizada por ter atingido os objetivos propostos e esperançosa de que os resultados obtidos possam suscitar debates sobre políticas científicas na área, subsidiar tomadas de decisão sobre o que e como pesquisar, definir ações e prioridades. Os resultados mostraram-se surpreendentes e preocupantes e concluímos que ações devem

ser dirigidas para o crescimento e desenvolvimento da Psicologia do Esporte em Minas Gerais.

Enquanto o impasse da escassez de oportunidades de informações sobre PE nos cursos de graduação em Psicologia persistir e até ser resolvido, muitos estudantes desejosos de abraçar a área irão se formando e se juntando aos muitos profissionais psicólogos interessados já formados. Para evitar tal situação, os departamentos de Psicologia de universidades e faculdades poderiam realizar estudos prospectivos sobre a criação de cursos de pós-graduação *lato sensu*, ainda escasso na área, alguns deles oferecidos pelos cursos de Educação Física. Os cursos de pós-graduação *lato sensu* seria uma boa alternativa à pós-graduação *stricto sensu*, considerando que a maioria dos psicólogos que tem interesse em atuar na área esportiva, enquanto profissional psicólogo do esporte, quer mais adquirir conhecimento e competência profissional do que seguir uma carreira acadêmica.

No entanto, é inegável a importância de se ampliar o oferecimento da PE como linha de pesquisa nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia no Brasil, ainda que numa ação conjunta de vários programas de pós-graduação de diferentes instituições, a exemplo do Grupo de Trabalho em Psicologia do Esporte que inaugurou sua participação na XVI edição do Simpósio bianual de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). Este GT, com 14 integrantes, tem discutido e propondo ações para o fortalecimento das pesquisas na área realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia no país (Barreira & Conde, 2016). Tais ações coletivas são importantes para o crescimento e desenvolvimento da Psicologia do Esporte nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia, no Brasil, pois, como afirma Latour (2000), em ciência, um problema só pode se transformar em fato num processo coletivo: “A construção do fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos”. (Latour, 2000, p.70).

Os resultados desta pesquisa, na análise da categoria gênero em relação à autoria das dissertações, indicaram que as psicólogas responderam por apenas 7% da produção de conhecimento da área, num universo de aproximadamente 26.000 psicólogas em Minas Gerais, de acordo com o Censo de 2015. Sugere-se aqui estudos futuros para explicar este fato, já antevendo uma possível hipótese que a ausência da área PSI na

Psicologia do Esporte seja mais uma questão de gênero do que de formação profissional. Tal estudo seria muito pertinente à uma Psicologia Social do Esporte que propusemos parágrafos acima.

Em resumo, as ações propostas se configurariam da seguinte forma: (1) realizar, num projeto conjunto de vários programas de pós-graduação *stricto sensu* da área de Psicologia, a abertura de uma linha de pesquisa em PE; (2) oferecer a disciplina Psicologia do Esporte nos cursos de Psicologia; (3) estudar a possibilidade de ofertar um curso de especialização na área, bem como (4) pesquisar, sob o ponto de vista do gênero, o universo feminino do campo profissional da Psicologia e sua relação com o esporte e atividades físicas.

Neste final da jornada, retorno ao provérbio chinês e sinto que mais voltas precisam ser dadas em volta da casa PSI. Quem sabe, podemos acatar as prescrições de Bourdieu e realizar, neste espaço social e campo científico da Psicologia do Esporte, uma reflexão coletiva sobre si própria, buscando uma análise sobre a lógica própria do mundo científico e sobre a forma particular que essa lógica assume no caso da Psicologia do Esporte, a partir dos resultados aqui encontrados. O autor defende que, assim, podemos desencadear um processo de *autoanálise coletiva* - utilizando um termo do próprio Bourdieu (2004b) - mobilizando um coletivo para que se possa produzir uma verdade sobre nós próprios, única instância capaz de produzi-la, na esperança de uma transformação e desenvolvimento deste campo.

9. Limitações e Recomendações para Estudos Futuros

Entre as limitações deste estudo apontamos, inicialmente, a abrangência geográfica da pesquisa circunscrita apenas para o Estado de Minas Gerais, em razão do tempo de duração de dois anos do curso de mestrado. A ampliação da pesquisa sobre produção científica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física e Psicologia para todo o Brasil poderia ampliar o panorama da situação, trazendo inúmeros benefícios para o crescimento e desenvolvimento desta área como ciência e profissão. Conhecer e alavancar as condições da PE, enquanto campo científico, é condição *sine qua non* para uma prática profissional baseada em evidências científicas, se distanciando de uma psicologia leiga, popular, tendo em vista o maior reconhecimento da especialidade tanto no mundo esportivo como na sociedade como um todo. Essas informações poderiam fornecer insumos decisivos para se pensar no aspecto da formação do psicólogo o esporte, questão urgente da área por sua inexistência, e definição de sua política, tanto por parte das entidades científicas, representativas e educacionais.

Outra limitação foi não abranger a Psicologia do Exercício, a meu ver bastante identificável com a área da Psicologia, pois pode sinalizar como uma nova possibilidade de atuação que está se abrindo no mercado de trabalho para os psicólogos, que é na área da saúde, seja nos centros de saúde ou nas academias de ginástica. A prática de exercício físico tem sido sistematicamente recomendada pelos médicos frente aos alarmantes índices de enfermidades desencadeadas principalmente pela inatividade física. A grande dificuldade tem sido capturar o paciente para a atividade e, quando esse objetivo é alcançado, mais difícil ainda, é mantê-lo na atividade. A pesquisa tem avançado no sentido de formar uma base teórica científica sólida sobre aderência e manutenção das atividades físicas. Portanto, recomenda-se, para preencher esta lacuna deixada pelo presente estudo, a realização de pesquisas nesta área no sentido de buscar informações sobre esse tema e auxiliar os(as) psicólogos(as) que desejam atuar nesta área.

Recomendações também podem ser feitas para futuras análises da produção científica da PE no sentido de se deter mais em cada obra, individualmente, e obter mais detalhes, como por exemplo, os métodos utilizados, as modalidades esportivas eleitas para pesquisa, bem como o gênero dos sujeitos. Como o presente estudo teve como objetivo obter uma visão geral da situação, deixamos de analisar esses aspectos, em função do tempo exíguo para realização da pesquisa.

Para finalizar, um estudo sobre questões de gênero na PE e de *habitus* é premente frente às discussões que empreendemos aqui e que denunciaram a invisibilidade da psicóloga na PE. As causas deste fenômeno precisam ser investigadas prioritariamente, antes que políticas e ações sejam traçadas no sentido de introduzir a disciplina PE nos cursos de graduação em PSI ou oferecer cursos de especialização para formação de novos (as) psicólogos(as) do esporte.

10. Referências Bibliográficas

- American Psychological Association Division 47 (n.d). *Defining applied sport and performance psychology*. Recuperado em 31 março, 2018, de <http://www.apadivisions.org/division-47/about/resources/defining.pdf>.
- American Psychological Association - APA. Division 47 (2016). *Society for Sport, Exercise & Performance Psychology*. Disponível em <http://www.apadivisions.org/division-47/about/>. Acesso em: nov. 2016.
- Andrade, A., Brandt, R., Dominski, F.H., Vilarino, G.T., Coimbra, D., & Moreira, M. (2015). Sport Psychology in Brazil: review in psychology journals. *Psicologia em Estudo*. 20(2), 309-317.
- Ângelo, L.F. (2000). Psicanálise e Psicologia do Esporte: é possível tal combinação? In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 55-65). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Antunes, M.A.M. (1999). *A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Unimarco Ed./Educ.
- Aoyagi, M.W., Portenga, S.T., Poczwardowski, A., Cohen, A.B., & Statler, T. (2012). Reflections and Directions: The Profession of Sport Psychology Past, Present, and Future. *Professional Psychology: Research and Practice*, 43(1), 32–38.
- ASP - German Society for Sport Psychology (2017). Acessado em <https://www.aspsportpsychologie.org/content.php?cont=168>, setembro de 2017.
- Associação Brasileira de Psicologia do Esporte - ABRAPESP (2018). *História*. Retirado em 12 abril 2018 de <https://www.abrapesp.org.br/historia>
- Ávila, A.B. (2008). *A pós-graduação em Educação Física e as tendências na produção de conhecimento: o debate entre realismo e anti-realismo*. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Baptista, M.T.; Silva, E. B.; Beltrão, F.B. & Macário, N.M. (2003). Influência da Escola da educação física do Exército na origem do currículo da educação física no Brasil. *Revista Digital*, 9(62). Acessado de <http://www.efdeportes.com>
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

- Barreira, C.R.A. & Conde, E (2016). A psicologia do esporte na ANPPEP: um inédito grupo de trabalho inaugura sua participação. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6(2), pp. 2-14.
- Barreto, J.A. & Ribeiro, L.S. (2006). Psicologia do Esporte – SOBRAPE. In L. DaCosta (org.), *Atlas do Esporte no Brasil* (p.675). Rio de Janeiro: CONFEF.
- Bauer, M. W. & Aarts, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (2. ed., pp.39-63). Petrópolis: Vozes, 2002.
- Bock, A.M.B., Furtado, O., & Teixeira, M.L.T. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Bomfim, E. M. (2003). Contribuições para a história da psicologia social no Brasil. In Jacó-Vilela, A.M.; Rocha, M.L. Mancebo, D. (Orgs.). *Psicologia social: relatos na América Latina*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.123-144.
- Bonnewitz, P. (2003). *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1983). O campo científico. In R. Ortiz (Org.), *Bourdieu – Sociologia* (pp. 122-155). São Paulo: Ática.
- _____ (1989). O espaço social e a gênese de classes. In P. Bourdieu, *O poder simbólico* (Cap. 6, pp. 133-161). Lisboa: Difel.
- _____ (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papiurus.
- _____ (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- _____ (2003a). Como é possível ser desportista? In P. Bourdieu, *Questões de sociologia* (pp. 181-204). Lisboa: Fim de Século.
- _____ (2003b). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.
- _____ (2004a). Programa para uma sociologia do esporte. In P. Bourdieu, *Coisas ditas* (pp. 207-220). São Paulo: Brasiliense.
- _____ (2004b). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, Editora da Unesp.

- _____ (2004c). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (2004d). Espaço social e poder simbólico. In: _____. *Coisas ditas* (Cap.3, pp.149-168). São Paulo: Brasiliense.
- _____ (2007a). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, Porto Alegre:Zouk.
- _____ (2007b). Método científico e hierarquia social dos objetos. In M.A. Nogueira & A. Catani (Orgs.), *Escritos da educação* (Cap. 2, p.33-38). Petrópolis: Vozes.
- _____ (2007c). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (2011). *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. & Wacquant, L.J.D. (1992). *Un invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bracht, V. (1996). Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, (Supl.2), p.23-28.
- Bracht, V. (1998). Um pouco de história par fazer história: 20 anos de CBCE. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, (Núm. Esp. 20 anso de CBCE).
- Brandão, M. R. F. (1995). Psicologia do Esporte. In: Ferreira Neto, A.; Goellner, S. V.; Bracht, V. (Orgs). *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, pp. 131-147.
- Brandão, M. R. F. (2000). A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte. In Rubio, K.(org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 50-67.
- Brandão, M.R.F. (2007). A psicologia do exercício e do esporte e seus desafios para o milênio. In: Brandão, M.R.F. & Machado, A.A. (org.). *Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício (Eds), v. 1: Teoria e aplicação*. São Paulo: Atheneu, PP. 143-157.
- Brustad, R. J. & Ritter-Taylor, M. (1997) Applying social psychological perspectives to the Sport Psychology consulting process. *The Sport Psychologist*. 11, 107-119.
- Capraro, A.M. (2009). A breve história social do esporte: dialogando com Norbert Elias e Eric Hobsbawm. In: Gaertner, G. (org.). *Psicologia e ciências do esporte*. Curitiba: Juruá, p. 15-25.

- Carvalhaes, J. (1971). Sociometria e Experimentação de Dinâmica de Grupo no Futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, vol. 23, nº 1, p. 73-98.
- Carvalhaes, J. (1974). *Um psicólogo no futebol: relatos e pesquisas*. São Paulo: Editora Esporte Educação.
- Carvalho, C.A. (2016). Psicologia do Esporte: construindo sua história a partir da Educação Física. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 6, nº 01, p.71-87.
- Carvalho, C.A. (2012). *Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da Psicologia do Esporte no Brasil*. Tese de doutorado, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Castellani, R.M. (2014). Futebol e psicologia do esporte: contribuições da psicologia social. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 12, n. 2, p. 94-113.
- Castro, C. (1997). In *corpore sano*: os militares e a introdução da educação física no Brasil. *Antropolítica*, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78.
- Castro, A.E.F. de & Yamamoto, O.H. (1998). A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. *Estudos de Psicologia*, 3(1), p. 147-158.
- Cillo, E.N.P. de (2000). A análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 87-100). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte-CBCE (2018). *História do CBCE*. Recuperado em 11 abril, 2018, de <http://www.cbce.org.br/historia.php>
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução CFP nº 014/00*. Institui o título profissional de especialista em Psicologia do Esporte e seu respectivo registro nos Conselhos Regionais.
- Conselho Federal de Psicologia (2001). *Resolução CFP nº 02/01*. Altera e regulamenta Resolução CFP nº 014/00.
- Conselho Federal de Psicologia (2007). *Resolução CFP n.º 013/2007*. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro.

- Conselho Federal de Psicologia (2016). Título de Especialista. Cursos credenciados. Disponível em <http://site.cfp.org.br/servicos/titulo-de-especialista/cursos-credenciados/>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- Conselho Regional de Psicologia- CRP-MG (2015), *Jornal da Psicologia*, nº 101.
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2018). Currículo Lattes: Dietmar Martin Samulski. Retirado em 16 abril 2018 de http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do;jsessionid=C483BC22A9DD2743BD96E9004FE13675.jb_buscaev_247-1
- Cox, R.H. (1994). *Sport Psychology: concepts and applications*. Madison, Wisconsin: WCB Brown Benchmark.
- Cunha, M.B.C. (2001). *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros.
- Epiphany, E.H. (1999). Psicologia do Esporte: apropriando a desapropriação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19(3), 70-73.
- Espírito Santo, A.A. (2017). Em busca de uma boa forma de fazer psicologia do esporte: contribuições da *gestalt-terapia*. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 45-54.
- Franco, G.S. (2000). Quando o esporte encontra o psicodrama. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 41-53). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gill, D.L. (1986). *Psychological dynamics of sport*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.
- Gomez, S.S., Coimbra, D.R., Barra Filho, M., & Miranda, M. (2007). Análise da produção científica em Psicologia do Esporte no Brasil. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 5(1), 85-90.
- Gondim S.M.G., Bastos, A.V.B. & Peixoto, L.S.A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: Bastos, A.V.B. & Gondim, S.M.G. (orgs.). *O trabalho do psicólogo no Brasil: um exame à luz das categorias da psicologia organizacional e do trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, p. 174-199.

- Granja, E.C. (1995). *Produção científica: dissertações e teses do IPUSP (1980-1989)*. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Hernandez, J. A. E. (2011). João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro v. 11, n. 3, p. 1027-1049.
- Hildebrandt-Stramann, R. (2012). A formação de professores de educação física escolar e aulas de educação física no brasil-sob o ponto de vista alemão. *Kinesis*, v. 30(1), 134-157.
- Jarvis, M. (2006). *Sport Psychology: a student's handbook*. London: Routledge.
- Jornal da Psicologia (2017), ano 31, nº 105, junho, p. 9.
- Jornal do Federal (2016), ano XXVII, nº 114, dezembro, p. 17.
- Kunz, E. (2006). Pedagogia do Esporte, do Movimento Humano ou da Educação Física. In Kunz, E & Trebels, A. H. (Org.). *Educação Física Crítico Emancipatória* (pp. 11-22). Ijuí: Unijui.
- Laberge, S. & Kay, J. (2002). Pierre Bourdieu's Sociological Theory and Sport Practice. In J. Maguire & K. Young, *Theory, Sport and Society* (Chap. 10, pp. 239-266). Bingley, UK: Emerald Group Publishing Ltda.
- Lane, S.T.M. (2006). *O que é psicologia social?* São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos: 39.
- Lane, S.T.M. & Bock, A.M.B. (2003). ABRAPSO – Uma história da Psicologia Social enquanto práxis. In: Jacó-Vilela, A.M., Rocha, M.L., Mancebo, D. (Orgs.), *Psicologia Social: relatos na América Latina*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 145-155.
- Latour, B (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- Magalhães, L.G. (2012). Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. *Revista Bibliográfica del Programa Interuniversitário de História Política*, nº 9 (5), 232-242.
- Martin-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27.

- Matarazzo, F. (2000). A tipologia junguiana e sua utilização no esporte. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 67-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, B.G. (2015). *Flávias, Fernandas e Marias, Sem Chuteiras: A inserção de mulheres em Torcidas Organizadas de Futebol em Belo Horizonte/MG*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Minayo, M.C.S. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.
- Monteiro, A.C.P. (2017). *Características de personalidade e estratégias de coping e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte-Minas Gerais.
- Moraes, L.C. & Salmela, J.H. (2000). Psicologia do Esporte e do Exercício: formação e área de atuação. In *Anais da Semana de Psicologia do Centro Universitário/FUMEC* (p 49-58). Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 168p.
- Myotin, E. (1983). *Avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor de pré-escolares e escolares de Santa Maria-RS, na faixa etária de 5 a 7 anos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
- Myotin, E. (1996). *Sports socialisation of 11 to 20-year-old Brazilian girls in the 1990's – a social psychological study*. Tese de doutorado, University of Loughborough, Social Sciences Department, Loughborough, England.
- Nitsch, J.R. (1985). The action-theoretical perspective. *International Review for Sociology of Sport*, 20(4), 263-282.
- Noce, F. & Costa, V.T. (2013). *La trayectoria de Dietmar Samulski (07/02/1950 – 01/12/2012)*. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(1), 9-10.
- Noce, F., Vieira, L. F., & Costa, V. (2016). Brazil. In Schinke, R.J., McGannon, K.R., & Smith, B. (Ed.). *Routledge International Handbook of Sport Psychology* (Chap. 5, pp. 50-65). New York: Routledge.
- Oliveira, M. M. (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

- Pacheco, E.M.C. (2005). Produção científica e avaliação psicológica. In: Witter, G.P. (org.). *Metaciência e psicologia*. Campinas, SP: Editora Alinea, p. 07-33.
- Portenga, S.T., Aoyagi, M.W., Balague G., Cohen, A., & Harmison, B. (2012). Defining the practice of sport performance psychology. Acessado no Web site da American Psychological Association:
<http://www.apadivisions.org/division-47/about/resources/defining.pdf>.
- Queiroz, F.S., Fogaça, J.L., Hanrahan, S.J., & Zizzi, S. (2016). Sport psychology in Brazil: reflections on the past, present, and future of the field. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14 (2), pp. 168-185.
- Ramazanoglu, C. (1990). Making feminism believable. In C. Ramazanoglu, *Feminism and the contradictions of oppression* (Cap. 3, pp. 43-56). London: Routledge.
- Rodrigues, M.C.P. (2006). *Psicologia do esporte: discussões sobre o cenário brasileiro*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Rose Junior, D. (1985). *Influência do Grau de Ansiedade-Traço no aproveitamento de lances-livres*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Escola de Educação Física e Esporte Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rubio, K. (1999). Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 19(3), p. 60-69.
- Rubio, K. (2000a). *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisas e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2000b). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2001). *O atleta contemporâneo e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2002). Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 7(373), 50-61.
- Rubio, K. (2003). Análise social do fenômeno esportivo e o papel do psicólogo. In: K. Rubio (Org.). *Psicologia do esporte aplicada* (pp 14-31). São Paulo: Casa do psicólogo.

- Rubio, K. (2004). Entre as matrizes teóricas e o esporte: as matrizes teóricas da psicologia e sua aplicação ao esporte. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(2), 93-104.
- Rubio, Kátia. (2007). Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 01-13. Recuperado em 1 novembro, 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Salvini, L. Souza, de J., & Marchi Jr, W. (2012). A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, 26 (3), pp.401-410.
- Samulski, D. (1989). Psicologia do Esporte na República Federal da Alemanha. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 3(4), 42-49.
- Scala, C.T. (2006). Psicologia do esporte e sua aplicação: como ser aceito no meio esportivo. In H.J. Guillard & N.C. Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 17, cap. 11, pp. 1-10). Santo André: ESETEC.
- Schiebinger, Londa (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC.
- Selltiz, C., Wrightsman, L. S. & Cook, S. W. *Métodos de pesquisa das relações sociais*. São Paulo: Herder, 1965.
- Silva, E.A.V. (2001). A globalização e o futebol brasileiro. Sua individualidade e identidade. In: Vargas, A. (org.) *Desporto e tramas sociais*. Rio de Janeiro: Sprint, p. 61-73.
- Soares, C.L. (1990). O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: 1850 – 1930. Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.
- Soares, C.L. (1994). *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Soeiro, R.S.P. & Tubino, M.J.G. (2003). A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000. *Fitness & Performance Journal*, 2(6), 336-340.

- Souza, J. de & Marchi, W. Jr. (2011). Os usos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu no subcampo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil. *Motriz*, 17(2), 349-360.
- Souza, J. de & Marchi, W. Jr. (2017). Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. *Tempo social, revista de sociologia da USP*, 29(2), 283-286.
- Souza, S. Neto; Alegre, A. N.; Hunger, D. & Pereira, J.M. (2004). A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. *Rev.Bras.Cienc.Esporte*, 25(2), p.113-128.
- Tod, D. (2016). Performance consultants in Sport and Performance Psychology. In Oxford Research Encyclopedia of Psychology. USA: Oxford University Press. pp. 1-27.
- Thomas, A. (1983). *Esporte: introdução à psicologia*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Valle, M.P. do & Guareschi, N.M. de F. (2003). O esporte de alto rendimento: produção de identidades e subjetividades no contemporâneo. In: Rubio, K. *Psicologia do Esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 241-264.
- Vargas, A.L.S. (1995). *Desporto, fenômeno social*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Vargas, A.L.S. (2001). Desporto, cultura e sociedades sem fronteiras. In: Vargas, A. (org.) *Desporto e tramas sociais*. Rio de Janeiro: Sprint, p. 13-29.
- Vealey, R.S. (2006). Smocks and Jocks outside the box: the paradigmatic evolution of sport and exercise psychology. *Quest*, 58, 128-159.
- Vieira, L.F., Vissoci, J.R.N., Oliveira, L.P., & Vieira, J.L.L. (2010). Psicologia do Esporte: uma área emergente da Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 391-399.
- Vieira, L.F., Nascimento, J.R.A.J. do., & Vieira, J.L.L. (2013). O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 501-507.
- Weinberg, R.S. & Gould, D (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Witter, G.P. (2005). *Metaciência e psicologia*. Campinas, SP: Editora Alinea.

Winter, S. & Collins, D.J. (2016). Applied Sport Psychology: a profession? *The Sport Psychologist*, 30, 89-96.

World Health Organization (2010). Global Recommendations on Physical Activity for Health. Geneva, Switzerland: World Health Organization Press.

Yamamoto, O.H. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? *Psicologia: ciência e profissão*, 32(nº esp.), 6-17.

APÊNDICES

QUADRO 10. Mestres da Universidade Federal de Minas Gerais orientados por Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes

N	Nome	Inst.	Ano	Formação	Sexo	Temática	Abordagem/Área	Sujeito
1	Vianna Jr, Newton S.	UFMG	2002	EFI	M	Influência dos pais no desenvolvimento expert do atleta	Cognitivo-Comportamental	Atleta
2	Rabello, André S.	UFMG	2002	EFI	M	Influência dos pais no desenvolvimento expert do atleta	Cognitivo-Comportamental	Atleta
3	Silveira, Dêner R.	UFMG	2005	EFI	M	Validação Escala Comportamento treinador	Cognitivo- Comportamental	Treinador
4	Lôbo, Ingrid L.B.	UFMG	2005	EFI	F	Validação Escala Comportamento do treinador	Cognitivo- Comportamental	Atleta
5	Medeiros, Edson S.F.	UFMG	2007	EFI	M	Relação estados de ativação, prazer e performance	Cognitivo- Comportamental	Atleta
6	Maciel, Luiz H.R.	UFMG	2008	EFI	M	Expert performance de treinador	Cognitivo- Comportamental	Treinador
7	Ferreira, Renato M.	UFMG	2010	EFI	M	Contexto do desenvolvimento expert do atleta	Cognitivo- Comportamental	Atleta
8	Reis, Cleiton P.	UFMG	2012	EFI	M	Expert performance de atleta	Cognitivo- Comportamental	Atleta
9	Penna, Eduardo M.	UFMG	2012	EFI	M	Idade relativa - Tempo de reação e atenção/concentração	Cognitivo- Comportamental	Atleta
10	Ferreira, Márcia C.C.	UFMG	2012	EFI	F	Expert performance de treinador	Cognitivo- Comportamental	Treinador

QUADRO 11. Mestres da Universidade Federal de Minas Gerais orientados por Dietmar M. Samulski

N	Nome	Inst.	Ano	Forma ção	Sexo	Temática	Abordagem	Sujeito
1	Abreu, C. Ronaldo	UFMG	1993	EFI	M	Causas do abandono do esporte Dropout	Cognitivo-comportamental	Atleta
2	Brito, Leila T.M.	UFMG	1993	?	F	Disciplina no treinamento	Cognitivo-comportamental	Treinador
3	Gonçalves, Guillermo A.	UFMG	1993	EFI	M	Relação esforço físico e carga psíquica	Cognitivo- comportamental	Atleta
4	Paula Filho, Ulisses	UFMG	1993	?	M	T. de Reação e fadiga mental, ativação, concentração	Cognitivo- comportamental	Atletas
5	Lemos, Kátia L.M.	UFMG	1995	EFI	F	Motivação para a prática	Cognitivo- comportamental	Treinador/ Atleta
6	Serenini, Antônio L.P.	UFMG	1995	EFI	M	Efeito treino mental saque no voleibol	Cognitivo- comportamental	Atleta
7	Chagas, Mauro H.	UFMG	1995	EFI	M	Análise do estresse psíquico	Cognitivo- comportamental	Atleta
8	Lima, Fernando V.	UFMG	1996	EFI	M	Técnicas Auto-regulação	Cognitivo- comportamental	Atleta
9	Gama Filho, Jurandy	UFMG	1998	EFI	M	Treino mental de lance livre	Cognitivo- comportamental	Atleta
10	Jaqueira, Ana R.F.	UFMG	1999	EFI	F	Agressividade na capoeira	Cognitivo- comportamental	Mestre de capoeira
11	Noce, Franco	UFMG	1999	EFI e PSI	M	Análise do estresse psíquico	Cognitivo- comportamental	Treinador/ atleta
12	Pussieldi, Guilherme A.	UFMG	1999	EFI	M	Motivação no treinamento Técnica de automotivação	Cognitivo- comportamental	Atletas
13	Azevedo, Daniel C.	UFMG	2001	FIS	M	Uso de técnicas psicológicas de controle da dor	Cognitivo- comportamental	Atleta/Nãp atleta
14	Vieira, Claudiane B.	UFMG	2002	EFI	F	Percepção de estresse e lesão	Cognitivo- comportamental	Atleta
15	Pires, Flávio O.	UFMG	2002	FIS	M	Proposta programa interdisciplinar para controle da dor coluna	Cognitivo- comportamental	Psi, médico, fisioter.
16	Costa, Varley T.	UFMG	2003	EFI	M	Perfil de liderança treinador	Cognitivo- comportamental	Treinador

Continuação QUADRO 11. Mestres da Universidade Federal de Minas Gerais orientados por Dietmar M. Samulski								
17	Costa, Leonardo O.P.	UFMG	2003	FIS	M	Validação teste percepção de estresse no esporte	Cognitivo- comportamental	Atleta
18	Silva, Siomara A.	UFMG	2004	EFI	F	Validação teste percepção do estresse no esporte	Cognitivo- comportamental	Árbitro
19	Vilani, Luiz H.P.	UFMG	2004	EFI	M	Liderança/ treinador-atleta	Cognitivo- comportamental	Treinador/ atleta
20	Pouças, Rosemary M.	UFMG	2004	EFI e PSI	F	Validação teste percepção de estresse	Cognitivo- comportamental	Atleta
21	Anjos, Dalva R.	UFMG	2005	EFI	F	Validação teste percepção de estresse	Cognitivo- comportamental	Para-atleta
22	Alves, Rodrigo N.	UFMG	2005	FIS	M	Validação Questionário Estresse-recuperação	Cognitivo- comportamental	Atleta
23	Costa, Israel T.	UFMG	2006	EFI	M	Perfil de liderança do treinador	Cognitivo- comportamental	Treinador
24	Lopes, Mariana C.	UFMG	2006	EFI	F	Perfil de liderança do treinador	Cognitivo- comportamental	Treinador/ Atleta
25	Silva, Luciana A.	UFMG	2007	EFI	F	Qualidade de vida de atleta	Cognitivo- comportamental	Atleta
26	Matos, Felipe O.	UFMG	2010	EFI	M	Percepção estresse e recuperação e carga de treinamento	Cognitivo- comportamental	Atleta
27	Cunha, Renata A.	UFMG	2008	EFI e ODO	F	Elaboração de questionário sobre percepção de qualidade de vida do atleta	Cognitivo- comportamental	Atleta
28	Simola, Rauno A.P.	UFMG	2008	EFI	M	Percepção de estresse e recuperação e carga de treinamento	Cognitivo- comportamental	Atleta
29	Marques, Maurício P.	UFMG	2008	EFI	M	Transição de carreira	Cognitivo- comportamental	Atleta
30	Parreiras, Lilian A.M.	UFMG	2008	PSI	F	Percepção de qualidade de vida atletas paraolímpicos	Cognitivo- comportamental	Para-atleta
31	Simões, Christiane S.M.	UFMG	2011	EFI	F	Percepção da qualidade de vida, de estresse e recuperação do atleta	Cognitivo- comportamental	Atleta
32	Cordeiro, André H.O.	UFMG	2012	EFI e FIS	M	Percepção do estresse e recuperação de atletas e desempenho	Cognitivo- comportamental	Atleta
33	Santiago, Marisa L.M.	UFMG	2012	PSI	F	Síndrome de Burnout em treinador	Cognitivo- comportamental	Treinador
34	Rossi, Isabela C.R.	UFMG	2011	FIS	F	Estresse e recuperação e incidência de lesão	Cognitivo- comportamental	Atleta

QUADRO 12. Mestres da Universidade Federal de Uberlândia orientados por S. Gomide Jr, C.V.L. Ferreira e M.F. Dela Coleta.

ORIENTADOR: Sinésio Gomide Júnior								
N	Nome	Inst.	Ano	Formação	Sexo	Temática	Abordagem	Sujeito
1	Barale, Rômulo F.	UFU	2009	PSI	M	Adaptação Escala Liderança de treinador	Cognitivo-comportamental	Atleta
ORIENTADOR: Cláudio V. L. Ferreira								
1	Campos, Adriana F.	UFU	2007	PSI	F	Identidade do atleta	Psicanálise	Atleta
ORIENTADOR: Marília F. Dela Coleta								
1	Sá, Lucas G.C.	UFU	2009	PSI	M	Atribuição causal de competência	Cognitivo-comportamental	Atleta

QUADRO 13. Mestres da UFV e UFJF, orientados por M.E.C. Ferreira, J.G.C. Salles, E.T. Pereira e R. Miranda.

ORIENTADORA: Maria E. C. FERREIRA								
N	Nome	Inst.	Ano	Formação	Sexo	Temática	Abordagem	Sujeito
1	Fortes, Leonardo S.	UFJF	2011	EFI	M	Imagem corporal/transtorno alimentar em atletas	Cognitivo- comportamental	Atleta
2	Alexandrino, Daniela F. L.	UFJF	2009	EFI	F	Representação do corpo de atletas Body Building	Cognitivo- comportamental	Atleta
ORIENTADOR: José G.C. Salles								
1	Ferreira, Heidi J.	UFV	2012	EFI	F	Treinadora esportiva motivo da baixa representatividade	Cognitivo- comportamental	Treinador
2	Zeferino, Jaqueline C.	UFV	2010	EFI	F	Trajatória mulheres no esporte universitário	Psicologia Social	Atleta
ORIENTADORA: Eveline T. Pereira								
1	Benfica, Dalila T.	UFV	2012	EFI	F	Aspectos psicossociais da carreira de atleta paralímpico	Cognitivo- comportamental	Para-atleta
ORIENTADOR: Renato Miranda								
1	Senajunior, A,W,	UFJF	2012	EFI	M	Motivação de atletas e flow feeling	Cognitivo-comportamental	Atleta
2	Coimbra, Danilo R.	UFJF	2011	EFI	M	Validação questionário Coping Skills para atletas	Cognitivo- comportamental	Atleta
3	Gomes, Simone S.	UFJF	2010	EFI	M	Teoria do fluxo e desempenho	Cognitivo- comportamental	Atleta

LISTAGEM DE DISSERTAÇÕES CONSULTADAS

Dietmar Martin Samulski – UFMG – Educação Física

1. André Henrique de Oliveira Cordeiro. Análise da percepção de estresse e recuperação em diferentes momentos na temporada e na variação de desempenho de nadadores jovens. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Orientador: Dietmar Martin Samulski.
2. Marisa Lúcia de Mello Santiago. Análise do desenvolvimento da Síndrome de Burnout em treinadores de voleibol da Superliga Masculina 2010/2011. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
3. Isabela Carneiro de Rezende Rossi. Análise dos fatores de estresse e de recuperação e sua relação com a incidência de lesão em atletas de voleibol de alto rendimento. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski. (fisioterapeuta)
4. Christiane Salum Machado Simões. Análise das percepções da qualidade de vida, do estresse e da recuperação de atletas de voleibol de diferentes categorias. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
5. Felipe de Oliveira Matos. Percepção de estresse e recuperação, variabilidade da frequência cardíaca e tempo de reação de atletas de futebol ao longo da temporada esportiva. 2010. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
6. Lílian Aparecida de Macêdo Parreiras. Análise dos fatores que influenciam a qualidade de vida de atletas paraolímpicos em ambientes de treinamento e competição. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
7. Mauricio Pimenta Marques. Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional da fase amadora para a fase profissional. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
8. Rauno Álvaro de Paula Simola. Análise da percepção de estresse e recuperação e de variáveis fisiológicas em diferentes períodos de treinamento de nadadores de alto nível. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
9. Renata de Andrade Cunha. Elaboração e validação do Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas (QQVA). 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
10. Luciana Alves Silva. Análise da percepção de qualidade de vida de atletas de alto nível: um estudo comparativo entre gêneros. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
11. Mariana Calábria Lopes. A relação do perfil de liderança dos treinadores de voleibol com a satisfação e o desempenho dos atletas na superliga feminina 2004/2005. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais,

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
12. Israel Teoldo da Costa. Análise do Perfil de Liderança de Treinadores de Futebol do Campeonato Brasileiro Série A/2005. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 13. Rodrigo Alves Nascimento. Análise e Monitoramento da Relação Estresse-Recuperação no Treinamento e na Competição de Nadadores de 13 a 17 anos. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 14. Dalva Rosa dos Anjos. Elaboração e Validação de um Instrumento para Percepção Subjetiva dos Fatores Estressantes de Atletas com Deficiência Física. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 15. Rosemary Moreira Pouças. Elaboração e Validação de um instrumento para Avaliação da Percepção Subjetiva de fatores Estressantes no Vôlei de Praia. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 16. Luiz Henrique Porto Vilani. Liderança Situacional II e a Relação Treinador-atleta em Diferentes Categorias da Base do Tênis de Mesa Nacional. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 17. Siomara Aparecida Silva. Construção e Validação de um Instrumento para análise da Percepção Subjetiva dos fatores estressantes para Árbitros dos Jogos Esportivos Coletivos. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 18. Leonardo Oliveira Pena Costa. Processo de validação do questionário de estresse e recuperação para atletas (REST-Sport) na língua portuguesa. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 19. Varley Teoldo da Costa. Análise do perfil de liderança atual e ideal de treinadores de futsal de alto rendimento, através da Escala de Liderança no Desporto. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 20. Flávio de Oliveira Pires. Análise Descritiva de Programas Interdisciplinares e Técnicas Psicológicas de Controle da Dor de Coluna em Atletas. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
 21. Claudiane Brum Vieira. Percepção Subjetiva de Fatores Estressantes que influenciam o surgimento de lesão em atletas jovens (14-18 anos) de voleibol e tênis. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Dietmar Martin Samulski.

22. Daniel Câmara Azevedo. Análise de técnicas psicológicas de controle da dor: um estudo comparativo entre atletas e não atletas 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
23. Guilherme de Azambuja Pussieldi. Comparação do nível de motivação entre nadadores de categoria juvenil através de um método de automotivação entre nadadores. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
24. Franco Noce. Análise do estresse psíquico em atletas de voleibol de alto nível: um estudo comparativo entre gêneros. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
25. Ana Rosa Fachardo Jaqueira. Análise do comportamento agressivo na capoeira sob a concepção dos mestres. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
26. Jurandy Gama Filho. Análise dos Efeitos de um Programa de Treinamento Mental na Performance de Execução de Lances livres de Jogadores de Basquetebol categoria juvenil (14 a 18 anos). 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
27. Fernando Vitor Lima. Análise das técnicas Psicológicas de Autorregulação em Situações Críticas de Competição no Tênis. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
28. Mauro Heleno Chagas. Análise do Estresse Psíquico na Competição em Jogadores de Futebol de Campo das Categorias Juvenil e Júnior. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
29. Antônio Luiz Prado Serenini. Análise dos Efeitos de um Programa de Treinamentos Mental no Desempenho do Saque em Jogadores de Voleibol de Alto Nível. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
30. Kátia Lúcia Moreira Lemos. Análise dos Motivos de Atletas e Técnicos para a Prática da Aeróbica de Competição como Esporte de Alto Nível. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Coorientador: Dietmar Martin Samulski.
31. Ulisses de Paula Filho. Efeito do Exercício Aeróbio de Alta Intensidade Até a Exaustão sobre o Tempo de Reação Auditiva, o Tempo de Reação Visual e a Fadiga Mental Avaliada Através da Frequência de Vibração e Fusão. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
32. Guillermo de Ávila Gonçalves. Comparação do VO₂ Máximo Estimado, Tempo de Corrida de 50 m e Carga Psíquica de Jogadores de Futebol de Posições Diferentes, de Equipes da Categoria Júnior, da Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.

33. Leila Terezinha Machado de Brito. O Significado da Disciplina no Treinamento Esportivo: Conceitos de Treinadores de Basquetebol Masculino em Belo Horizonte. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.
34. Ronaldo Celso de Abreu. Análise do Fenômeno do Drop-out em Nadadores de 12 a 15 Anos de Ambos os Sexos no Estado de Minas Gerais. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Dietmar Martin Samulski.

Luiz Carlos Couto De Albuquerque Moraes – UFMG - Educação Física

1. Marcia Cristina Custódia Ferreira. Modelo de treinador expert nos saltos ornamentais na natação. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
2. Eduardo Macedo Penna. Diferenças físicas e cognitivas em jovens jogadores de futebol nascidos nos diferentes quartil de nascimento. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
3. Cleiton Pereira Reis. O contexto de desenvolvimento expert de atletas masculinos da categoria sub 19 de Minas Gerais da temporada de 2011. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
4. Renato Melo Ferreira. Perfil de nadadores olímpicos da natação brasileira. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
5. Luiz Henrique Rezende Maciel. Modelo de excelência de treinadores expert brasileiros de ginástica aeróbica esportiva. 2008. Dissertação (Mestrado em Treinamento) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
6. Edson Soares Medeiros Silva. Relação entre estados afetivos, frequência cardíaca e performance durante competições de tiro ao arco: uma abordagem probabilística. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
7. Ingrid Ludimila Bastos Lôbo. Processo de Validação da Escala de Comportamento do Treinador no Esporte (ECTE). 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
8. Dêner Rodrigues da Silveira. Processo de Validação da Escala de Comportamento de Treinadores-Visão Treinadores (ECT-T). 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.
9. André Scotti Rabello. O papel dos pais no desenvolvimento de atletas jovens de futebol. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas

Gerais. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.

10. Newton Santos Vianna Júnior. O papel dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes.

Eveline Torres Pereira – UFV/UFJF – Educação Física

1. Dallila Tâmara Benfica. Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa. Orientador: Eveline Torres Pereira.

José Geraldo Do Carmo Salles – UFV/UFJF – Educação Física

1. Heidi Jancer Ferreira. As mulheres no comando técnico de equipes esportivas. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: José Geraldo do Carmo Salles.
2. Jaqueline Cardoso Zeferino. Os caminhos da memória: Trajetória de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970. 2010. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: José Geraldo do Carmo Salles.

Maria Elisa Caputo Ferreira – UFJF/UFV – Educação Física

1. Leonardo de Sousa Fortes. Insatisfação corporal, comportamento alimentar e maturação biológica em jovens atletas. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Maria Elisa Caputo Ferreira.
2. Daniela Fantoni de Lima Alexandrino. A masculinização do corpo feminino. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientador: Maria Elisa Caputo Ferreira.

Renato Miranda Orientador UFJF/UFV – Educação Física

1. Antônio Walter Sena Jr. Motivação e *Flow Feeling* na Corrida de Rua. 2012. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação Física UFJF/UFV) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientador: Renato Miranda.
2. Danilo Reis Coimbra. Processo de validação do questionário *Athletics Coping Skills Inventory* (ACSI-28) para a língua portuguesa do Brasil. 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação Física UFJF/UFV) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientador: Renato Miranda.

3. Simone Salvador Gomes. Quando o jogo flui: uma investigação sobre a Teoria do Fluxo no voleibol. 2010. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação Física UFJF/UFV) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Renato Miranda.

Cláudio Vital de Lima Ferreira -UFU - Psicologia

1. Adriana Fayad Campos. O atleta de alto nível e o Escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras. 2007. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orientador: Cláudio Vital de Lima Ferreira.

Sinésio Gomide Júnior -UFU - Psicologia

1. Rômulo Ferreira Barale. Adaptação da escala multidimensional de liderança no desporto – versão comportamentos atuais – para o contexto brasileiro de esportes coletivos. 2009. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orientador: Sinésio Gomide Júnior.

Marília Ferreira Dela Coleta – UFU - Psicologia

1. Lucas Guimarães Cardoso de Sá. Atribuição de causalidade ao nível de competência em jogadores de futebol. 2009). Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orientador: Marília Ferreira Dela Coleta.